

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA

*Uma psicologia por vir:
tessituras do corpo entre desassossegos e possíveis*

VANESSA MONTEIRO SILVA

Orientadora: Prof. Dr. Katia Faria de Aguiar

Niterói, RJ

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA

*Uma psicologia por vir:
tessituras do corpo entre desassossegos e possíveis*

VANESSA MONTEIRO SILVA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof. Dr. Katia Faria de Aguiar

Banca examinadora:

Prof. Dr. Jorge Ramos do Ó (Universidade de Lisboa)

Prof. Dr. Silvana Mendes Lima (Universidade Federal Fluminense)

Prof. Dr. Katia Faria de Aguiar (Universidade Federal Fluminense)

Niterói, RJ

2014

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

S586 Silva, Vanessa Monteiro.
Uma psicologia por vir: tessituras do corpo entre desassossegos e possíveis / Vanessa Monteiro Silva. – 2014.
119 f.
Orientadora: Katia Aguiar.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de Psicologia, 2014.
Bibliografia: f. 102-106.
1. Ética. 2. Subjetividade. 3. Psicologia. I. Aguiar, Katia.
II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. III. Título.

CDD 150

Resumo:

A presente dissertação se inspira por um encontro ético-estético-político entre a idéia de desassossego na literatura de Fernando Pessoa e as práticas da psicologia como campo de saber e intervenção no cotidiano, na intercessão com diferentes autores, como Deleuze, Guattari, Foucault, Nietzsche, Spinoza e Gabriel Tarde. O desassossego, embora hegemonicamente tratado como sofrimento a ser inibido, guarda uma potência de desacomodação que emerge como um plano de abertura aos possíveis, acontecimento disruptivo que inaugura espaços de reinvenção de si expandindo a potência de diferenciação da vida. Na aposta de que se possa resistir aos modelos individualizantes e ortopedizantes, hegemônicos nas intervenções de saúde mental contemporâneas, a pesquisa se debruça a não apenas afirmar, mas construir uma ética possível para a psicologia que fortaleça os processos de autonomia e cuidado de si, em uma posição crítica aos procedimentos medicalizantes. A relevância da pesquisa se afirma através de um método singular a partir das experimentações do corpo-psicólogo – corpo inacabado posto que em constante processo de formação – em seus atravessamentos, dentre eles com a poesia, a clínica e o estrangeiro. Nas imagens entre os movimentos do costurar e o movimento do escrever, o pesquisador afirma, igualmente, uma autonomia possível para a escrita acadêmica como prática de liberdade e expansão inventiva, como um exercício da própria ética que se cria e afirma para a psicologia e a vida. Assim, o leitor é bem vindo a experimentar e participar do texto nas diferentes rítmicas e encontros, convidado a continuar o processo de tessitura de uma psicologia sempre por vir, em sua construção cotidiana.

Palavras-chave:

Ética; formação; intervenção; produção de subjetividades; desassossego.

Abstract:

This paper is inspired by an ethical-aesthetic-political encounter between the idea of disquiet in Fernando Pessoa and the daily practice of psychology as a field of knowledge and intervention, written through an intersection with different authors such as Deleuze, Guattari, Foucault, Nietzsche, Spinoza and Gabriel Tarde. Disquiet, although often treated as a suffering to be inhibited, has a power of disaccommodation as an opening for plural possibilities, a disruptive event that opens to the reinvention of life, expanding the potential of differentiation. Resisting to individualizing patterns present in most of the interventions on contemporary mental health, we bet on an ethic to be build in psychology, through autonomy and care. The research takes place with a singular method experienced among poetry, clinical activities, studies and a mix of encounters. Using verbs from sewing and writing, this paper results on a production of academic writing as a practice of freedom and invention, as an exercise of ethics that even invites the reader to participate on the constant process of creating this possible psychology.

Key-words: Ethics; formation; intervention; subjectivity; disquiet.

SUMÁRIO

Superfície

AGRADECIMENTO UM	p. 07
AGRADECIMENTO DOIS	p. 07
AGRADECIMENTO TRÊS	p. 07
AGRADECIMENTO QUATRO	p. 08
AGRADECIMENTOS VÁRIOS	p. 08

Primeiros Alinhavos

1.1. NÓS: DESASSOSSEGOS CONTEMPORÂNEOS	p. 10
1.2. CORPO-PESQUISADOR EM NÓS	p. 17
1.3. CONSIDERAÇÕES PARA O LEITOR DESAVISADO	p. 25

Retalhos de desassossegos e sonhos

2.1. SONHAR, ARREMATE NO CORPO	p. 35
2.2. ENTRE PELES, PARAPEITOS E DOBRAS	p. 40
2.3. ESCRITA EM PARAPEITOS, PESQUISADOR EM MOVIMENTOS	p. 44

Rasgos e desmontes no tecido rijo

3.1 BRECHAS	p. 53
3.2 LINHAS COLORIDAS VIRTUAIS	p. 58
3.3 MANUFATURAS	p. 67
3.4 RECONFECÇÕES	p. 74

Costurando linhas tortas

4.1 DESDOBRANDO UM LUGAR PARA A PSICOLOGIA	p. 79
4.2 BORDANDO COLETIVO	p. 86
4.3 DEIXANDO PONTAS SOLTAS	p. 92

<i>Bibliografia</i>	p. 102
---------------------	--------

<i>Algumas poesias anexas</i>	p. 107
-------------------------------	--------

Superfície

Agradecimento um

Em primeiro lugar, preciso fazer um agradecimento póstumo. À Fernando Antônio Nogueira Pessoa, também muito conhecido através dos incríveis Álvaro de Campos, Alberto Caeiro e Ricardo Reis, seus heterônimos principais, e através de Bernardo Soares, seu semi-heterônimo. Este Pessoa querido poeta, que se dissolveu em mim conforme eu o ia conhecendo melhor. Fernando Pessoa foi quem me encantou por poesias, através de um poema que nem era dele. Sem saber, foi entrando em minha vida, transformando meus modos de ver, pensar e sonhar. Transformando meu modo de escrever, meu corpo.

Foi assim que Fernando Pessoa puxou meu tapete, aos 14 anos, em uma viagem de escola. Um professor leu um poema divulgado como seu: “Navegue, descubra tesouros, mas não os tire do fundo do mar. O lugar deles é lá”, começava. Foi ali que me encantei e passei a ler e escrever poesia. Foi ali que Fernando Pessoa se tornou minha maior companhia. Conforme eu ia me familiarizando com os modos de Pessoa escrever, em sua gama de heteronomia, um gatilho disparava. Dei-me conta, somente dois anos depois, de que aquele primeiro poema não podia ser dele; algo estava errado. Levei uns meses investigando a autoria de um poema por intuição. Enfim, descobri: não era dele, era de Silvana Duboc, vinculado a Pessoa por conta de um novo verso adicionado anonimamente a posteriori: “Circunda-te de rosas, ama, bebe e cala. O mais é nada.”. Ainda não encontrei, nos arquivos de Pessoa, essa frase, mas já li algo semelhante em Ricardo Reis.

Foi assim, nessa dissolução de Pessoa como não-autor daquele poema, que eu me dei conta de que já estava habitando um mundo povoado por ele e por seus heterônimos, quando me vi íntima de seus escritos. De algum modo, ele estava dissolvido em mim. Eu era outra leitora, outra Pessoa. De lá para cá, impossível não estar com ele.

José Gil (2010) escreveu sobre isso: os leitores de Pessoa tornam-se devotos a ele, quase como uma obsessão, a olhos crus. A arte de Pessoa subjuga, é tirânica. Por mim, tudo bem. Confesso que, em primeiro momento, causou algum desconforto, mas logo entendi. É verdade. Fernando Pessoa pulsa em mim e eu sou viciada nele. Não leio tanta poesia quanto leio Pessoa, embora goste de outros poetas. Mas não leio tanta poesia quanto leio Pessoa.

Agradeço à Pessoa, inspirador maior em minha vida. Ele, a quem eu confesso pessoalizar, chamando-o tantas vezes de gênio, povoado por multidões, precisa ser agradecido pelos incríveis efeitos que me traz a cada re-encontro. Maior impulsor na vida, no corpo, no mundo...

Agradecimento dois

Agradeço aos meus pais, por uma resposta dada 10 anos atrás. Seguir a vida onde há paixão. O resto vem, por efeito. Foi como ficou para mim o acolhimento quando escolhi, tão cedo e por conta própria, a Psicologia. Agradeço a eles, por serem sempre incríveis, sempre dedicados, sempre inteiros. Por estarem ali em todas as minhas escolhas, por estarem aqui...

Agradecimento três

Ao final da graduação em Psicologia, um encontro muito conhecido e familiar provocou uma enorme intervenção em minha prática. Agradeço à minha avó, por

inspirar em mim a vontade de atender em consultório; desejo que nasceu assim, de repente, no que inventamos juntas como uma possível clínica entre neta e avó, de duração provisória, mas efeitos maiores. Aprendi com ela tanta coisa... Vovó, sempre tão acolhedora, a quem eu pude acolher... Vovó e vovô, os dois, que hoje me inspiram juntos a esse cuidado. Extremamente...

Agradecimento quatro

Agradeço, também, ao despertar de um corpo renovado. Corpo sensível, corpo intenso, corpo atravessado por potências várias, desencadeado ao pisar em terras italianas, em terras que me convocavam desde, coincidentemente, 13 ou 14 anos. De um modo incrível e inexplicável, naquele encontro meu corpo foi forçado, como num ato de violência, a ser de outro jeito, a se refazer, a aprender a respirar aquele excesso de todas as sensações e ares. Agradeço ao Gui, meu marido, por sermos viajantes juntos e por compartilhar comigo os momentos que dispararam um resgate à poética que eu já não escrevia há 5 anos. Sem aquelas cenas, não haveria dissertação. Não haveria poesia.

Agradecimentos vários

Agradeço ao Prof. Jorge do Ó, por aceitar meu convite de qualificação e defesa. Obrigada por acolher a vida com leveza e, apesar dos imprevistos, estar presente com toda disponibilidade e atenção! Agradeço, ainda, à Prof. Leila Domingues, com quem me encontrei através de leituras à flor da pele e, desde então, sem saber, me lança inspirações e sutilezas. As contribuições de vocês estão nas entrelinhas desta dissertação, mas principalmente vem se emaranhando ao meu processo de formação. Sou muito grata a todo acolhimento!

Agradeço aos grandes braços abertos às minhas derivas, grandes espaços de liberdade! Mil obrigadas à minha orientadora Katia Aguiar e ao nosso grupo de orientação coletiva tão presentes nessa escrita, através de peles, palavras, parapeitos, corpos, cidades, cuidados, olhares, marcas... Nossos encontros estão expandidos em nossos textos que se atravessam em sintonias e potências. Katia, suas falas, como sempre, reverberam em mim deslocamentos em que eu me refaço! Ser sua parceira, nesses 4 anos, é um presente! Camilete e Lu, a cumplicidade que construímos nos potencializa e torna a vida mais leve; nossos encontros são fundamentais; que alinhavos! Tereza, as coisas que aprendi com você, no corpo, corpo-sensível, reverberam diretamente no encontro com meus pacientes, na construção de uma terapêutica! Rapha, seu bom humor e transparência nos lembram que é sempre preciso ser honestos conosco mesmos e isso não tem preço; muitas admirações! Félix, que delícia ver que não estamos sozinhos na construção de espaços coletivos; ocupa-texto, estamos juntos nessa aposta! Alice, que você possa continuar esse exercício de pensar a si mesma com a potência inventiva que a arte convoca no cotidiano ao qual podemos mais que sobreviver!

Agradeço também à Silvana Mendes Lima, com sua sutileza sem igual, e ao nosso grupo de pesquisa sempre tão cúmplice e acolhedor... Parcerias incríveis com vocês nesses 4 anos, difíceis de desapegar! Obrigada a nós todos, que nos tornamos um comum, por comportarmos sempre modos plurais de estar juntos!

Tudo isso, seja o que for, que sejam, se pode inspirar, que inspire.

Meu coração é um balde despejado.

*Estar a escrever como quem está a costurar;
 Dispo-me do gerúndio, bem ao modo português, para expressar.
 Criação é um estado ou um processo?
 Retomo o gerúndio, em retrocesso,
 Posto que criar é processar.
 Processamento de dados e cores,
 Formas, gestos, calores,
 Costura-feitio a elaborar.*

*(Senhora sentando à máquina de costura)
 Poeta adepto à máquina de escrever,
 Alinhavando a literatura
 Com as linhas de alfinetes de feitura pura
 Que compõem o corte de um tecido fino
 Para um rapaz-poeta de média estatura.*

O poeta escreve e inventa moda.

*Escrevendo, vestido de fraque,
 Costurando meias-palavras e sotaques
 Sob os óculos de um poeta-alfaiate,
 Criam-se letras com agulha de tinta
 Para o jornal da cidade.*

Primeiros Alinhavos

1.1. NÓS: DESASSOSSEGOS CONTEMPORÂNEOS

“Sem que nada me detenha a atenção, e assim não durma, ou me pese no corpo, e por isso não sossegue, jazo na sombra, que o luar vago dos candeeiros da rua torna ainda mais desacompanhada, o silêncio amortecido do meu corpo estranho. Nem sei pensar, do sono que tenho; nem sei sentir, do sono que não consigo ter.”¹

Nó. A linha, atravessada na agulha, se mantém presa pelo nó. O fio alinhavado no tecido, fura o avesso, faz a dobra, marca, enfeita. O nó permite o enfeite, o drapeado, o retalho. A costura se consolida em nós. Nós, que seguramos a agulha como uma extensão dos dedos, estamos ali desafiados pela sua destreza que opera marcas no tecido. Podem ser mais duradouras, como a costura feita pela máquina, ou mais móveis, no alinhavo provisório. Nós. No alinhavo, os nós estão mais fáceis de desfazer e re-costurar de outros modos.

São esses nós, da costura, que atravessam o tecido da vida representados por outros nomes. Mas palavras são apenas palavras e, como todas, guardam a potência de uma semântica plural, na abertura das figuras de linguagem que a língua portuguesa comporta.. À metáfora da agulha, segue a metáfora da máquina de escrever, extensão dos dedos. Outro nó. A letra que marca o papel, se mantém conectada pelo efeito coletivo das palavras. As letras compartilhadas atravessam o olhar, desdobram sensações, opiniões e sentidos para o leitor. O nó, espaço coletivo da linguagem onde as letras se juntam e ganham semânticas plurais, permite um encontro de abertura entre escritores e leitores. A escrita se manifesta em nós, tem efeito em nós, ganha sentido em nós. Nós, que escrevemos e lemos tornando o papel uma extensão de nossos pensamentos; tornando a máquina de escrever ou o computador ou a caneta uma extensão de nossos corpos. Estamos ali desafiados por nós mesmos, seja do lugar de escritores ou do lugar de leitores, pois as palavras operam marcas no papel, mas operam também nos corpos afetados. O texto pode ser mais rígido, conceitual, referenciado, como o tom academicista formal ou o tom

¹ Pessoa, 2006, p. 62-63.

técnico dos especialistas; pode ser leve, solto, irreverente, com o tom dos poetas, dos loucos, dos dadaístas de escrita automática², das crianças que aprendem a escrever, das cartas abreviadas do cotidiano de recados na geladeira. Nós. O texto nos aproxima de nós.

Mas que somos nós, afinal? Corpos presos, corpos soltos, ambos. Fios onde os corpos se enroscam e desenroscam provisoriamente, fixando-se e soltando-se do tecido coletivo com mais ou menos rigidez, mais ou menos leveza; fixando-se e reinventando-se às representações codificadas com mais ou menos rigidez, mais ou menos leveza. Nós, emaranhados na semântica plural da vida, emaranhados em nós, ficamos desassossegados.

Nó: na marca, há uma interferência, seja na linha, seja no papel. Uma multi-segmentarização de fluxos, se pode pensar. Ali onde pára a linearidade e intervém uma rugosidade, uma aspereza, uma coloração, uma textura; ali é o nó, visível. Qualquer marca, no entanto, de perto, é um efeito de infinitas marcas menores, até invisíveis; ali são os nós. E ali, no nó composto de nós menores, estamos, de fato, nós. Pode ser essa uma metáfora para a vida. Assim, o corpo é em emaranhamentos; o corpo vivo, o corpo extensão da agulha, extensão da máquina de escrever, do tecido coletivo e codificado, do papel, de semânticas plurais. Desassossega o corpo, assim, em meio a nós maiores e menores. Desassossega o corpo, porque o desassossego é ali onde há um nó, onde há nós; onde a vida interfere, sente, muda, marca, acontece.

O desassossego é onde não há sossego, onde há brechas e rupturas. Onde não se é igual, concordando com o prefixo “des”. É um ponto de mutação, onde a vida acontece, onde ela se diferencia. Vida, afinal, aquele tecido coletivo onde coexistem semânticas plurais, superfície de intervenção do alfaiate, do escritor, do leitor, do manequim. O desassossego se torna, então, na figura de linguagem transpondo sentidos, condição de existência, disparador de vida e movimento.

² No surrealismo, definido por André Breton como um “não-conformismo absoluto” (Azevedo; Ponge, 2008, p. 280), a escrita automática foi um dos modos de expressão que surgiu afirmando-se como uma escrita poética não premeditada, sem limitar-se à métrica, rítmica e ao uso coerente das imagéticas.

É no encontro de um escritor com seus papéis que emerge a palavra “desassossego” em uma semântica a ser elaborada nesses nós. Fernando Pessoa, poeta português, transvalora a palavra através de um de seus heterônimos: o semi-heterônimo Bernardo Soares³, cuja pátria é a língua portuguesa (Pessoa, 1986, p. 358), considerado a criação de maior semelhança com o próprio Pessoa, compõe as cenas do Livro do Desassossego. Nele, torna a palavra revestida de semânticas novas, apropriadas aqui por um corpo-psicólogo-pesquisador, apresentando o desassossego como tema, como método e como condição de possibilidade para sua escrita um tanto, obviamente, desassossegada.

Bernardo Soares, cidadão comum lisbonense, sonhador através do parapeito de sua janela, acomodado a uma rotina enfadonha no escritório na profissão de guarda-livros, expressa seus nós através de desassossegos vários: em uma dimensão, o desassossego ganha contornos de certo tédio diante da monotonia da vida; em outra, a suposta inércia e passividade às quais se acomoda se desfazem e, através do sonho e da escrita de si, Bernardo Soares desacomoda, cria escapes, solturas, levezas. Espaços de liberdade. É nesse paradoxo, nesse nó, que o desassossego se torna, além de tudo, um possível conceito.

(...) uma vida suficientemente lenta para estar sempre à beira do tédio, bastante meditada para se nunca encontrar nele. (...) A música do faminto, a canção do cego, a relíquia do viajante incógnito, as passadas no deserto do camelo vazio sem destino...⁴

Em uma experimentação de seu cotidiano através do parapeito de sua janela, Soares se conecta com a cidade pela escrita fragmentada de suas sensações-pensamento, re-elaborando, a partir daí, sua existência. Uma escrita, vale mencionar, que se torna prática reflexiva de si e, não menos, exercício de recriação do presente. Em meio aos devaneios e outras visibilidades que o sonhar permite,

³ Bernardo Soares é considerado um semi-heterônimo por ser a criação de maior semelhança com o próprio Pessoa, inclusive na relação com a escrita. O Livro do Desassossego foi publicado postumamente como a maior parte da obra pessoana e nele encontramos algumas idéias que aparecem também em outros heterônimos, trazidas na singularidade das narrativas deste homem comum na cidade de Lisboa.

⁴ Pessoa, 2006, p. 76.

Soares opera uma recusa a certo modo de viver idealizado socialmente (Gil, 2010) e afirma para si uma vida em que

*Não há sossego – e, ai de mim!, nem há desejo de o ter...*⁵

A partir desse entendimento, o desassossego se configura, então, como produtor de movimentos e diferenciações, posto que possibilidade de estar desacomodado frente aos acontecimentos, como ativador de outras composições com os nós e emaranhamentos. Potência de

*ser novo com cada nova madrugada, numa revirgindade perpétua da emoção (...)*⁶

Diante dessas referências, surge, porém, um estranhamento aqui, onde um nó se marca: no corpo-pesquisador disposto a escrever uma dissertação a partir daquilo que lhe desassossega. O desassossego, como apropriação conceitual, provoca a interpelação do lugar da psicologia em meio aos nós contemporâneos.

Assim, emerge o desassossego como um nó a ser habitado e, quem sabe, desamarrado e re-articulado. Desassossega ao corpo-pesquisador encontrar costuras tão atadas, tão rígidas a ponto de sufocarem: diagnósticos produzidos a todo o tempo no tecido coletivo e nas codificações da saúde mental, banalizando os processos de existência e os modos de cuidar. Nesse emaranhado de nós – intensidades que, ao olhar acostumado, só fazem o corpo sofrer e demandam intervenções corretivas, silenciadoras, inibidoras daquilo que marca o corpo – a solução mais acessível parece ser restaurar, com imediatismo, o estado de conforto, evitando e afugentando os conflitos e dores. Todo um modelo de cuidado prescritivo funciona e se fortalece, no discurso do controle sobre os sentimentos, pensamentos e comportamentos, para que a vida se torne suportável. No olhar acostumado, esse movimento alivia o peso, anestesiando a dor.

Melhor não saber

⁵ Pessoa, 2006, p.73.

⁶ Pessoa, 1986, p. 127-128.

*Nem sentir
(pra sobreviver?)*

Diariamente, enquanto os consultórios médicos ficam ainda mais cheios, a criança “hiperativa” que “não aprende” na escola, se torna insuportável sem *Ritalina*. A senhora diagnosticada com Alzheimer, o que engendra conflitos e desgastes em sua família, demanda estímulos cognitivos. Ao lado delas na sala de espera, almejando por uma solução imediata, o homem largado na cadeira, que anda muito preguiçoso, ao menos deve tomar um coquetel de vitaminas. A mulher de meia idade, que folheia a revista de moda, ainda que esteja bem, sente a necessidade de fazer um *check-up* e, por acaso, nas páginas que vira, descobre um novo produto estético lançado pela indústria farmacêutica, que promete rejuvenescer a pele em poucas aplicações e se tornará mais um dentre os tantos cosméticos em sua prateleira. A jovem calada está em crise de Pânico nesse momento, imaginando que terá morte súbita ali, pois deve ter uma doença fatal: abre a bolsa e saca um Rivotril sublingual para apaziguar o medo.

Diante da alteridade, comumente diagnosticada como deficiência, distúrbio ou até vivida como fator indesejável estética ou socialmente, o que se quer é o estado de conforto e acomodação, demandando a interrupção daquilo que desvia. Formas de cuidado, assim, se associam ao uso freqüente de medicamentos e ao acompanhamento com especialistas para a prevenção ou tratamento de patologias fisiológicas e psíquicas que ameaçam a felicidade (Martins, 2008; Sant’Anna, 2002).

No contexto contemporâneo, quando tudo é individualizado e medicalizável, o desassossego é compreendido como força negativa, força que impede o aprendizado, a paz, a beleza, a felicidade. É preciso da ciência para dizer se está ou não tudo bem e para resolver aquilo que, sem uma fórmula química, não parece possível gerir: a vida em seus movimentos de ascensão e depressão.

(...) ser feliz é possível, e para isso basta tomar um remédio. Como uma dor de cabeça: toma-se um remedinho e pronto. A psiquiatria se banaliza e atinge o consumo de massa. Dificuldades psíquicas são traduzidas como ‘transtornos’, considerados como distúrbios de origem orgânica, que comodamente não requerem nenhum questionamento. Inversamente, algo da ordem dos afetos sempre dá trabalho, exige que a gente se coloque em questão, exige recriar-se, refazer-se. (Martins, 2008, p. 102).

Ao apelar para os métodos prescritivos, é como se, para desfazer o nó, não se soltassem os fios que o compõem, um de cada vez, reorganizando-os: pelo contrário, é como se fosse o caso de apertá-lo, extremamente, a ponto de se tornar quase imperceptível e supostamente inexistente ali, de tal modo que o nó desapareça ao breve olhar. Mas ele não está, ainda, lá, produzindo sofrimentos e estigmas?!

Em nome de imediatismos, mal se cogita o que, em meio às relações que se estabelecem na vida do sujeito, pode produzir ou reafirmar certa condição. Um olhar desacomodado, a saber, o olhar desassossegado, se encontra com esses nós atento a outras perspectivas: ainda que seja preciso medicar, em certos casos, e até criar uma rotina de acompanhamento com diferentes especialistas, o processo de cuidado não se automatiza nem encerra aí. Pode-se interpelar, dentre infinitas questões, o que produz o corpo “aluno-problema” na escola e os modos como a educação vem se atualizando no território escolar. Pode-se cogitar, ainda, outras ações possíveis de tecer em rede em meio às relações familiares, para estar sensível aos deslocamentos que o Alzheimer pode provocar em uma rotina, colocando em questão os modos de cuidar que reverberam ali. Pode-se indagar o que produz uma situação como campo problemático, o que o diagnóstico produz como efeito, como desmontar os estigmas em seus supostos destinos inescapáveis. Assim, um olhar desassossegado pode criar aberturas de espaço e tempo para pensar outros modos de ensinar, lidar, aprender, criar, inventar, tentar e enfrentar questões.

Contra-tempo e tempo brincam juntos, fazem vida

Nos modos de cuidar que se banalizam com os modelos imediatistas, no excesso de procedimentos prescritivos, vem sendo produzido certo automatismo na busca por soluções aos sofrimentos psíquicos e emocionais, forjando algo que se pode chamar de uma economia das sensações.

Constrange o tempo

Uma economia das sensações que tende a acompanhar o ritmo de aceleração do próprio tempo do Capital, a saber, um tempo em que se deve produzir eficientes respostas às perguntas, a todo momento; um tempo que convoca informações catalogadas e resultados objetivos; um tempo que exige dos especialistas soluções competentes e efetivas; e, enfim, um tempo de produção de subjetividades consumidoras, diagnosticadas, medicalizadas, no corpo em desassossego, corpo que incorpora a urgência dos modelos classificatórios, pois, ao nomear aquilo que sente, encontra acalento-justificativas nas quais se detém.

Uma economia das sensações demandada e ofertada no contemporâneo, convocada em nome de uma vida mais “fácil”, reduzindo as situações-problema a questões individualizadas e tratadas separadamente; uma vida dita mais “saudável”, uma vez que se criam preceitos e manuais para a suposta melhor forma de viver; e uma vida ‘livre’, sobre o pretexto de que, ao cumprir todas as receitas, é possível ser feliz apesar dos pesares. Uma vida que fica, de fato, sendo tratada como uma vida separada, através de intervenções individuais e localizadas, comumente produzindo estigmas e estreitando as vias de escape. Em meio a isso, então,

A multidão humilha o grito

Num sussuro

e a vida se torna blocos diagnosticáveis, sufocados e disfarçados nos discursos para ‘uma vida melhor’.

Uma vida, no entanto, que não é "uma" desconectada. Um olhar desassossegado vê essa vida em meio aos outros nós que a compõem; vê essa vida como produção coletiva de mundo. Uma vida, como efeito e potência coletiva (Deleuze, 2002). Modos de cuidar e criar redes infinitos e compartilhados.

Fica-nos, então, o interesse em desfiar o nó: como o corpo tem sido espaço de investimentos subjetivos na constituição de um modo ideal de cuidar dos desassossegos, uma vez que qualquer perturbação à ordem é logo capturada por discursos e processos corretivos e silenciadores? E, ainda, que corpo se pode

afirmar que não esse corpo calado, domado, patologizado em seus desassossegos? Como, então, a Psicologia – que se constitui em meio a tais discursos – pode se articular de forma a potencializar a vida em sua processualidade e diferenciação? Que ética, enfim, chegando à questão-problema dessa dissertação, para uma Psicologia em meio a esses nós coletivos que demandam de nós coletivamente?

1.2. CORPO-PESQUISADOR EM NÓS

Entre nós, um corpo-pesquisador se depara com desassossegos e demandas como psicólogo em intervenções clínico-institucionais. O que inspira, afinal, esse corpo? Que linhas o costumam, o inscrevem, o escrevem? Que linhas o marcam, criando nós, pespontos para sua pesquisa e sua intervenção, a saber, sua pesquisa-intervenção e intervenção-pesquisa?

Eis que fora num verso que convergiram essas linhas. Mais uma vez, do poeta Pessoa: “Ser descontente é ser homem”, escreve, ao comentar o início do quinto império em Portugal. No poema⁷, tece a crítica ao comodismo de um povo em meio a certo período de hegemonia portuguesa, na era dos Descobrimentos. “Ser descontente é ser homem”, escreve Pessoa e, pensa, então, o corpo-pesquisador: por que hão de dizer, a todo tempo, explícita ou implicitamente, que não se pode estar descontente?

O verso que salta aos olhos vem a calhar com o desassossego frente a alguns enunciados contemporâneos no âmbito da saúde mental. Aliás, salta aos olhos justamente por conta de alguns desassossegos encontrados no terreno psi, tecendo nós a que somos chamados a intervir.

Desassossegos vividos na graduação em Psicologia a partir de andanças e intervenções por entre uma Escola Pública Estadual e uma Organização Não-Governamental que ensina música clássica a jovens de periferia. Em meio às queixas de coordenadores, inspetores, professores e oficinairos, nas duas

⁷ O quinto Império – Fernando Pessoa, ele mesmo. Originalmente publicado em *Mensagem*. (Pessoa, F. Poesia de todos os tempos, p. 161).

experiências, pareciam prevalecer impossibilidades para os jovens e para aqueles que tentavam, sem ver sucesso, “recuperá-los” ou “ensiná-los cidadania”. Alunos considerados “problemáticos”, nos mais diversos sentidos, chegavam às equipes de Psicologia através de pedidos por atendimento psicológico, através de narrativas quase diagnósticas e judicializantes.

Para ambas as experiências, habitar o lugar de psicólogo implicaria em uma atenção às práticas hegemônicas no campo da psicologia com relação à infância e juventude em seus processos de aprendizagem e socialização: comumente, os alunos que “não aprendem” ou os “que só sabem brigar”, conforme os discursos que nos chegam, são encaminhados a avaliações médico-psicológicas. Frequentemente, os diagnósticos apontam para transtornos de comportamento, psicose, déficit de atenção e hiperatividade, desencadeando a urgência no uso de medicamentos como a *Ritalina* e o *Rivotril*, aliados da indústria farmacêutica que se tornam perigosos à vida, pois vem banalizando a multiplicidade das formas de ensinar, aprender, conviver, perceber e outros verbos mais. Na maioria das vezes, quando nos encontrávamos com situações assim encaminhadas, com tais nós que nos desacomodavam de nossos lugares, percebíamos a importância de analisar as condições do processo de escolarização, com o cuidado de não individualizar os problemas e justificativas pautadas em discursos dicotomizados em determinismos fisiológicos ou sociológicos. Desse modo, persistiam os modos de relação binária, sem haver ou pouco havendo recombinações nas formas múltiplas de conexão entre aprendizes, educadores, conselheiros, assistentes sociais, médicos, psicólogos, familiares... O fracasso continuava sendo produzido sem freios em toda a cadeia educativa.

Pela entrada na escola, como equipe de estágio⁸ em psicologia, buscávamos construir intervenções no formato de uma composição de olhares, pensamentos e práticas possíveis e inventáveis junto com a Pedagogia, sem que tencionássemos nos sobrepor. Atentávamos aos processos de estigmatização do aluno, do professor e da própria instituição escolar – tendo como efeito certa paralisia nas ações e

⁸ Estágio curricular vinculado ao Serviço de Psicologia Aplicada – UFF, com o grupo “Psicologia em Instituições Escolares” supervisionado pela Prof. Dr. Katia Aguiar e em convênio com uma escola estadual na cidade de Niterói-RJ.

adoecimentos vários nos integrantes da escola – para pensar formas plurais de gestão que lidassem com as práticas de violência atualizadas no espaço educativo, as diferentes experiências de vida e os diferentes modos de ensinar e aprender (Aguiar; Monteiro Silva, 2012). Apesar da precarização do sistema público no que tange aos baixos salários, excesso de trabalho, sucateamento físico da instituição, investimentos mal alocados e políticas educativas de ensino e inclusão contraditórias, entendíamos que potências criativas germinavam ali e apostávamos nisso: ao invés de encaminhar todos os seus problemas individualmente a especialistas externos à escola sem receber retornos, a instituição poderia, em sua estrutura, dar conta daquilo que ocorria em seu chão, afirmando para si uma autonomia possível (Guattari; Rolnik, 2011), contando com uma rede de apoio. Os demais profissionais nessa rede poderiam compor, então, um coletivo de trabalho que fortalecesse os processos educativos e de cuidado, atuando como intercessores, e não “salvadores” e detentores de um supra-saber. Foi esta aposta que norteou as intervenções tecidas por nós no encontro com alunos, familiares, professores, inspetores, coordenadores e outros profissionais.

Pela entrada na ONG, por sua vez, enquanto equipe de pesquisa⁹ em psicologia, tratava-se de atentar não apenas às políticas públicas voltadas para educação, como também para as políticas artístico-culturais, uma vez que o foco da instituição onde estávamos era a formação em música. Além de questões semelhantes às que apareciam na escola sob outras dimensões, nos encontrávamos com problemas referentes ao crescimento da ONG, por exemplo no que diz respeito aos investimentos financeiros e direcionamentos destes valores aos projetos lá desenvolvidos, afetando diretamente os aprendizes, monitores, oficinairos e coordenadores daquele espaço. Assim, acompanhávamos os impasses por eles vividos, para pensarmos coletivamente arranjos possíveis não apenas na relação entre ensinar-aprender música, mas também: na extensão da qualidade do ensino, que persiste no paradoxo da massificação e das exigências quantitativas de sua expansão; na difícil sobrevivência de ser músico no contexto artístico brasileiro, em meio a outro paradoxo de que a arte se torne mais produto mercadológico do que

⁹ Pesquisa vinculada à Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação – UFF, com o grupo “Juventudes Periféricas: uma análise de perspectivas educativas no âmbito das iniciativas público e privadas na cidade de Niterói”, orientada pela Prof. Dr. Silvana Mendes Lima.

dispositivo de criação; e na importância aos jovens de criarem um lugar para si em meio aos sentidos hegemonicamente dados para a periferia e a cultura. Com estas questões que nos tomavam, enquanto pesquisadores misturados a uma comunidade que se reinventava através da música, elaborávamos com eles o corpo músico que se criava, o corpo ONG que se forjava, o corpo coletivo que era preciso sustentar para que pudessem sobreviver às pressões do mercado, da política pública, da arte e da própria vida que afirmava na periferia uma potência de criação e resistência.

Além dessas questões vividas nos encontros entre escola, comunidade e formas de sobrevivência em meio às políticas públicas e certo modo de organização que se atualiza na cidade, outros desassossegos são vividos pelo corpo-pesquisador, configurando um emaranhado onde a prática psi não se dissocia de outros encontros e acontecimentos da vida.

Na tessitura de difíceis cotidianos,

aparecem aqui, com força, nas entrelinhas dessa dissertação: estigmas e sobrevivências perambulantes dentro de casa.

Trata-se de desassossegos presentes na vida familiar diante da situação de doença mental degenerativa e, ao mesmo tempo, em meio às tentativas de sustentar um cuidado oferecido como acolhimento, diferindo das encomendas unidirecionais por estímulos cognitivos e por convencimentos sobre a realidade. Em uma relação um tanto próxima, o Alzheimer habita o próprio lar do pesquisador, de tal modo que pensar o adoecimento implica em acolher imediatamente formas de cuidado e de vinculação com a doença que não se restringem aos corpos idosos que começam a padecer. Alzheimer e degeneração múltipla: diagnósticos, portanto, de toda uma família que desmorona por entre intrigas, desconfianças e decepções de um lado e, de outro, intrigas, desconfianças e lamentações. Para além do diagnóstico, adoecimento coletivo.

Parece restar pouco espaço para os que cuidam de perto terem sua potência expandida diante de um adoecimento que os implica, mas um fio de movimento é

possível de se inventar nos tropeços e avessos dos encontros e desencontros que vão se fazendo. Um fio tecido em meio a movimentos de aproximação e, também, distanciamentos, experimentados e escolhidos tendo como critério o que faz bem a um corpo, o que faz um corpo se fortalecer (Spinoza, 2008), pensando o cuidado como dimensão coletiva. Um fio de movimento que diversas vezes se desfaz, desfazendo o próprio coletivo que tenta se constituir como rede de apoio; desfazendo os próprios corpos-cuidadores que desmoronam junto com os laços familiares em litígio; desfazendo os próprios corpos idosos que, aos poucos, cada um ao seu modo – alienado, depressivo, paranóico, agressivo e, por vezes, cômico – vão se tornando solitários. Nós, corações apertados.

Mergulhado nessa trama, também sob efeitos de padecimentos, persiste um corpo-pesquisador que é também família, em sua devoção de amor, buscando, migalha por migalha, recompor a vida, apesar da dor, perambulando por caminhos diversos, como um dos elementos presentes nessa rede. Então, no encontro com aqueles com quem se consegue contar, o pequeno coletivo que se sustenta, entre rasteiras e tropeços, vai buscando formas de não apagar o que há de potência ali onde a vida se torce e nos retorce. Um exercício que demanda de cada um, como corpo dimensionado em sua potência de afetar e ser afetado (Spinoza, 2008)¹⁰, a vinculação com um cuidado que nos concerne individual e coletivamente, e a lembrança de que, mesmo que retorcidas, há sempre memórias a serem acolhidas – a começar pela memória da pele e do jeito de olhar, apesar de tantos esquecimentos. E, na difícil convivência com a ansiedade dessa situação solitária para todos...

*Escrevo buscando intercessores
Porque é pouco fabular só
É preciso criar um povo
Para subverter a dor.*

É, enfim, na experimentação desses rebatimentos da vida, seja na escola ou na comunidade ou em casa, na convivência desses impasses que precisamos

¹⁰ Spinoza é um dos autores que inspiram essa dissertação. Sua contribuição será ressaltada em capítulo adiante.

enfrentar e nas convocações à Psicologia enquanto saber supostamente capaz de desvendar e resolver os problemas humanos, que se compreende: eticamente é preciso inventar um corpo que os sustente. É por isso que a todo o tempo, nesta dissertação, o que está em jogo é um corpo. Corpo-pesquisador, corpo-psicólogo. Um corpo que, atravessado por esses nós e outros por vir, tanto os mais soltos quanto os mais atados, vai consolidando um fazer clínico para a psicologia também no encontro com os desassossegos de seus pacientes em psicoterapia. Por entre depressões, pânicos e surtos, a vida questiona a si mesma, emaranhando-nos. Por entre desassossegos, a vida convoca a ser vivida, a ser sentida, a ser reinventada. É preciso criar um corpo; viver e reconstruir os sentidos do que se sente para transbordar à sobrevida.

No exercício delicado de constituir a si mesmo, de sustentar um processo de formação contínua, o corpo-pesquisador se apaixona pela clínica de consultório. E aqui, entre os olhares do terapeuta e do paciente, se encontram todos os atravessamentos que uma psicologia cria: na palavra, no silêncio e na arte, a psicologia encontra a vida acolhendo-a como singular na experiência do sujeito implicado. Aqui, o nó é vínculo. Seus corpos diagnosticados sentam no sofá à frente: eles narram sintomas, prescrições e embates já fabricados e assumidos anteriormente, como fatos evidentes. Na clínica, traçar essas histórias, mapear suas ligações e acompanhar os movimentos que reproduzem se faz um exercício potente, justamente, na desconstrução de seus determinismos. Convidado a desmontar seu diagnóstico e reconstruir seus sentidos, o paciente retorce seus sintomas encapsuladores em forma de vias de escape, transvalorando sua experiência (Nietzsche, 1988). É em meio a esse sutil deslocamento, tão expressivo em diferentes temporalidades, que o paciente vislumbra novos planos de possibilidades ou, ao menos, essa é a aposta. Mesmo nos momentos em que quase sufoca em seus desassossegos derivantes, ali ele encontra um esteio clínico, esteio em si mesmo, para não sucumbir. É na aposta de que essa acolhida esteja lá, no limiar, sustentada entre os olhares do terapeuta e do paciente, que o corpo-pesquisador se apaixona pela clínica e compõe, em mais um tipo de conexão, seu corpo-psicólogo inacabado.

Por entre encontros vários, transborda, assim, o desassossego: elemento disparador de uma ética de cuidado, exercício de saber/fazer psi. Perdura o desassossego na família, na escola, na comunidade, no consultório. Perdura o desassossego onde há vida: o desassossego, condição de possibilidade para se estar vivo; condição da relação do vivo, em sua pluralidade, com a variabilidade do meio (Canguilhem, 2002). Como sustentá-lo para que seja potência para a vida, então? Como habitá-lo, enfim?

*Em mim, tenho habitado terras estrangeiras.
Perambulo, entranhada em movimento,
Por lá e cá, entre cá e lá.*

É assim, indagado em seus modos de habitar o mundo, que o corpo-pesquisador se torna viajante, através de poesia e encantamento. O mesmo corpo-psicólogo que se constrói em nós de fios literários, clínicos e familiares, se inventa através de outros encontros, encontros estrangeiros com as cidades. Habitando o estrangeiro, o corpo-psicólogo inventa os sentidos de fazer pesquisa, viajar no corpo, no texto e no mundo. Inventa modos de habitar o movimento. Em movimento, os nós se desacomodam da posição estática.

Assim renasce a escrita desse corpo. É que o escrever andava paralisado; não fluía mais poesia. Porém, no encontro com certas cenas singulares, o corpo viajante, corpo sempre pesquisador, reaprendeu a respirar, suspirar e conspirar palavras em nova rítmica.

Liberar a alma como quem recupera o fôlego

As tais cenas que disparam, ainda hoje, rítmicas singulares a cada lembrança que arrepia, são do encontro entre pés andarilhos e cidades italianas. Não cabe aqui, porém, detalhar, pois se estenderia desnecessariamente, como foram os efeitos desses encontros na recomposição de um corpo para a vida – corpo que se faz pesquisador ao caminhar pelo mundo. Cabe dizer, apenas, que ao pisar em terras italianas, tão esperadas, certo grau indizível de encantamento entranhou e dissolveu o corpo de outrora. Corpo permutado entre vielas, becos, canais; corpo de

novas aberturas, corpo entre lá e cá... Corpo que renasce e volta para casa. Volta a escrever poesia, de repente e de um jeito novo.

Transborda tudo – o que for – acumulado!

Desde então, o corpo-viajante permutado naqueles encontros, corpo-pesquisador no mundo, corpo em vida, transbordado, se movimenta com olhares encantados. É assim que o exercício de pesquisar na psicologia como se pesquisa na vida inspira uma dissertação entre o acadêmico e o poético, expandindo o corpo no texto, bem como no mundo. Marcadas na pele, essas cenas, misturadas ao texto. No encontro com elas, um plano intensivo ganha passagem: em todas as intensidades e sensações possíveis, fluxos de forças de muitas velocidades habitando um corpo provisoriamente, na surpresa, na emoção, no impacto. Desde então, o corpo-viajante renasce a cada paisagem.

Extravasa por toda parte.

Habitar um modo “estrangeiro”, a saber, o curioso e instigante desejo pela alteridade, se tornou uma forma de experimentação e amplificação das sensibilidades que convocam um corpo não só a estar, mas a se demorar no mundo. Demorar marcado pelo passo do andarilho, personagem que percorre caminhos sem saber onde desembocam, sem definir suas rotas de antemão. Personagem ambicioso por aventurar-se onde estiver, mas que busca experimentar a dimensão do incrível na vida ordinária, apostando em certa sutileza e simplicidade em meio a uma vontade de conhecer sempre crescente.

O olhar estrangeiro estranha-se. Eis o lugar do pesquisador. Em meio a isso, reinventa o que encontra, ao se reinventar. Reaprende a estar, olhar e sentir. Reaprende a pensar e escrever. Logo, pesquisar é aprender por meio da experimentação.

Olhar para fora e se desmaterializar...

Dissolver o eu, suposto sujeito do conhecimento a partir do qual tudo se concebe, dissolver o eu por entre viagens, atendimentos e pesquisas, para compor um corpo-pesquisador a partir de todos os encontros, nós e desassossegos. Por entre pensamentos-andarilhos, por entre a tessitura de um corpo-psicólogo em constante formação, por entre linhas dissertativas e poéticas. Nós – o corpo-pesquisador e o mundo.

*Estranhar é abrir-se, porém,
Expor-se a si
Devir-outra.*

Mas que corpo, enfim? Corpo que renasce em encontros singulares... Corpo que perdura entre lá e cá, entre a clínica, a política, a estética... Corpo-pesquisador inacabado. Corpo-psicólogo atento aos nós que nos implicam coletivamente. O corpo é quem pesquisa, habitando tempos. O corpo é quem escreve, quem afeta, quem é afetado. É o corpo quem viaja e se torna estrangeiro de si mesmo em diferentes cidades ou na mesma, como efeito do encontro com a alteridade. O corpo que habita desassossegos é o corpo que se movimenta.

É por isso que o corpo-pesquisador, afinal, é necessariamente o psicólogo, o viajante, o familiar, o escritor; e é por isso que é preciso alinhavá-los todos, primeiramente. Por isso, habitar esse corpo em emaranhados é um método.

*Tudo isso, seja o que for, que sejas, se pode inspirar, que inspire!
Meu coração é um balde despejado.¹¹*

E que se possam repetir esses versos. Infinitamente.

1.3. CONSIDERAÇÕES PARA O LEITOR DESAVISADO

¹¹ Tabacaria – Álvaro de Campos (Pessoa, 1988-1935, p. 135).

Coração balde despejado, coração inspirado. Corpo em emaranhamentos, habitando limiares e temporalidades várias no encontro com seus desassossegos vividos do lugar de psicólogo. A metodologia desta pesquisa é estar no corpo.

Estar no corpo é estar atento ao que se vê, se sente, se inventa em cada espaço de circulação e intervenção. É ser corpo afetado (Spinoza, 2008) no mundo. Corpo-desassossegado. Corpo nunca igual. Desassossegar-se não é nem bom nem mau, portanto; é o movimento de deixar-se afetar, de não ser indiferente, de diferenciar-se. Assim, pesquisar é estar misturado, produzir e ser produzido concomitantemente aquilo com que se encontra. Uma disposição de encontrar-se que implica certa abertura a dissolver os binarismos que forçam a separação entre pesquisador e objeto de estudo (Rocha; Aguiar, 2003). No percurso-andarilho-alfaiate, que comporta diferentes ritmos, configurações e improvisos, se constrói uma aposta que indica justamente a impossibilidade de estar asséptico, desimplicado, desinteressado, emaranhando pesquisador, objeto e método a nós mesmos. Assim, não se pretende forjar uma neutralidade científica; muito pelo contrário, o movimento da pesquisa se dá em meio e a partir das implicações de um corpo em meio às intervenções clínico-político-estéticas. Como efeito, o que se tenciona é a produção de uma ética psi possível, uma ética do porvir, posto que sempre em construção. Por isso, esta é uma pesquisa-intervenção e, sob essa perspectiva, pode-se ousar dizer que toda intervenção é uma pesquisa do corpo em seus encontros.

O desassossego se tece como dispositivo-estratégia para o corpo-pesquisador, uma vez que do lugar de psicólogos somos a todo o tempo convocados a “resolver” aquilo que desassossega, aquele nó que aparece em forma de sofrimento, sendo ele, paradoxalmente, ponto de partida para movimentos de reinvenção da vida. Ponto de mutação, condição para desacomodar o corpo daquilo que lhe aprisiona e criar formas de expandi-lo para além dos limites constrangedores. Deste modo, o psicólogo pode ser aquele que aposta nas torções dos sentidos de desassossegos, como disparadores de transformações, e não necessariamente nós paralisadores. Aquele que aposta na construção de um outro corpo: que se faz inventivo em meio aos próprios deslocamentos; em meio aos acontecimentos disruptivos da vida. Acontecimentos, aqui, como espasmos de ruptura que atravessam um corpo desmanchando e remontando ideias e afetos

(Deleuze; Guattari, 2007). Assim, conjugam-se os conceitos de “desassossego”, “dispositivo” e “acontecimento” criando uma paisagem possível de habitar, transvalorando o sofrimento em possibilidade de reinvenção de si.

Desassossego, portanto, dispositivo (Agamben, 2006) de problematizações, conceito disparador de novas conexões na relação de um corpo com o mundo, conceito de engate e criação de brechas onde irrompem movimentos potentes. Nessa junção, Foucault (1988) acolhe os nós ao trazer “dispositivo” e “acontecimento” como processos engendrados a toda uma tecnologia de biopoder, traçando suas dimensões coletivas: no paradoxo do desassossego, limiar entre o abismo e a transmutação de si, os desassossegos sobre os quais se exercem inúmeros processos coercitivos, totalizadores e individualizantes são, ainda, aqueles que subvertem esse processo, tornando-se resistência e possibilidade de diferenciação. Desconstroem-se, assim, os nós para que suas linhas intensivas possam se montar de outros modos – modos mais potentes para o corpo, modos conectivos a outros possíveis a partir dali.

Desassossegos-dispositivos, enfim, que compõem e acompanham a trajetória de um corpo-pesquisador que cria para si uma ética atravessada por encontros entre Pessoas, Foucaults, Deleuzes, Guattaris, Nietzsches, Spinozas, dentre outros intercessores na elaboração de uma prática de liberdade possível para a psicologia e para a vida. Criar um corpo-psicólogo envolto por uma ética de cuidado em meio aos desassossegos: eis a pesquisa aberta.

Nesse processo implicado, a escrita. Talvez seja ela a dimensão espaço-temporal onde os desassossegos e o corpo se compõem. A escrita de si, como exercício de conexão e reflexão (assim como acontece no Livro do Desassossego) se torna um modo pelo qual a elaboração da pesquisa se dá: em meio a escritos poéticos e rascunhos de pensamentos soltos que se misturam à dissertação, retalhando uma estética à dureza de estilo acadêmica, retalhando um corpo-pesquisador. Na experimentação de três tempos, a dissertação se reinventa: nas letras de mãos dadas e negrito, versos de autoria própria que criam cortes e rasgos no ritmo da escrita, podendo provocar ou não o leitor de diferentes modos; nas letras inclinadas sem negrito, entradas de Fernando Pessoa, incorporando elementos

como aberturas de janelas que evocam multiconexões. Ambas entradas, aliás, que não devem ser interpretadas ao pé da letra, mas sentidas em sua abertura. O terceiro tempo, enfim, nas letras retas e sóbrias, a composição de tudo entre o que se dissolve e o que se solidifica, entre o possível e o necessário, entre o plural e o comum, entre o espontâneo e o adequado. Assim, a escrita emerge como espaço de experimentação daquilo mesmo que se escreve, como prática de liberdade, espaço de tessitura de linhas e vida: o texto é, enfim, tomado como “um exercício que questiona a verdade, e não transporta a verdade em si mesmo” (Ó; Costa, 2007, p. 111).

Ao escrever, também de modo desassossegado, os sentidos são recompostos nos encontros com os processos de existência; verdades, diagnósticos e psicologismos são indagados. Ao percorrer desassossegos vários, o corpo-pesquisador re-configura um território psi possível: perde linhas, encontra tracejados novos, inventa outros nós, forja estratégias provisórias para acompanhá-los, desmancha-os; demora-se nos pontos disruptivos, nas bifurcações, nos cruzamentos de seus paradoxos, na multiplicidade de sentidos, em meio ao impensável e não menos possível. Em meio à construção de um corpo-psicólogo, constrói uma psicologia por entre alinhavos coloridos. Por isso, esta é uma pesquisa-cartográfica, que se sustenta em um modo sutil de cartografar (Guattari; Rolnik, 2011; Rolnik, 1989), percorrendo seus contornos e inscrevendo em seus limiares, o corpo em seus afetos com o mundo.

É nesse sentido que a psicologia se reinventa; é por isso que a psicologia é sempre por vir, embora já esteja “sendo”. Enquanto se expressam fluxos do pensamento, a escrita vai se tornando um modo de inscrever a experiência no próprio corpo, um modo de compor um corpo para a vida. Um modo de compor intervenções possíveis.

*Recolher a aspereza da escrita
Escrever-sobrepor pensamento
No rascunho, liberta o senso
Recompondo o pensar que transita*

Desse modo, os dispositivos metodológicos desta pesquisa são: os nós que o corpo habita e a partir do qual o corpo produz intervenções; e a escrita, espaço-temporal onde se elabora uma ética possível.

Para isso, são necessárias algumas linhas de alinhavo entre leituras literárias e conceituais. “Intercessões”, como confabularam Deleuze e Guattari, nos convocando a conexões abertas com os autores. Bem como Soares experimenta a cidade através do parapeito de sua janela, aqui o corpo-pesquisador experimenta a pesquisa através do que se chamará “relação de parapeito”, experimentando limiares entre linhas de pensamento diversas. Nesse sentido, juntam-se pensamentos vários naquilo que serve à composição deste corpo, em suas diferenças metodológicas, técnicas e estilísticas, como coexistências disparadoras de outros elementos para o texto, para o corpo, para a pesquisa e, como efeito, para a psicologia. Linhas estéticas, na relação com Fernando Pessoa e seus heterônimos, especificamente Bernardo Soares, e com a escrita poética, desfazendo a dureza da escrita academicista. Linhas subjetivas, pensando com Foucault os investimentos biopolíticos no corpo, além dos afetos e encontros com Nietzsche e Spinoza que permeiam a invenção de novas sensibilidades. Linhas micropolíticas, trazendo a Análise Institucional ao encontro com a Filosofia da Diferença. Linhas intempestivas. Neste arranjo de parapeito, faz-se uma costura desassossego-potência: como possibilidade de sonhar (Gil, 2010, p. 35-46); de transpor, de transvalorar a existência (Nietzsche, 1988); como espaço reflexivo de si (Foucault, 2010); como fio de movimento, possibilidade de deslocamento e transformação de real; como abertura aos possíveis (Tarde, 2003); como campo de virtualidade com o qual trabalha o psicólogo e em meio ao qual o psicólogo se constitui.

Sou do tamanho do que vejo!” Cada vez que penso esta frase com toda a atenção dos meus nervos, ela me parece mais destinada a reconstruir consteladamente o universo.¹²

O curioso da escrita desassossegada dessa dissertação lançada por um corpo em emaranhados e parapeitos, é que não se trata de escolher uma ou outra

¹² Pessoa, 2006, p. 77. Bernardo Soares em referência à poesia de Alberto Caeiro, um dos principais heterônimos de Pessoa, chamado “mestre”.

referência para o texto, e sim, como já mencionado, intercessores. Na costura textual, a idéia é compor um tecido de retalhos, juntando os pontos de intercessão que interessam à pesquisa, mesmo que os autores tenham fundamentos e inspirações diferentes e até, se for o caso, incongruentes. No encontro de retalhos, o que faz sentido é o modo como os diferentes coexistem e dialogam, criando espaços coloridos. Assim, nem sempre estarão nomeados os conceitos e seus autores; na maioria das vezes virão como entre-linhas, como os pontos do alinhavo feito antes que a peça passe pela máquina de costura. Pois desfazer a costura é muito mais difícil após a máquina e se o sentido de produzir conhecimento aqui afirmado é que possa ser compartilhado, arrisca-se, então, emprestá-lo para ser incorporado e experimentado por diferentes corpos, de diferentes jeitos, com diferentes movimentos.

Assim como lavamos o corpo deveríamos lavar o destino, mudar de vida como mudamos de roupa – não para salvar a vida, como comemos e dormimos, mas por aquele respeito alheio por nós mesmos[...]¹³

Para que se torne um alinhavo firme que não se desmonte com o uso, o ponto de costura manual precisa ser repetido no vai-e-vem da agulha: o texto se sustenta em certa redundância que é, aliás, estratégia de tessitura.

*Para multiplicar os sentidos,
Repito-me.*

Enquanto as linhas de pensamento são reiteradas, fazendo a articulação dos elementos do texto, os conceitos e autores aparecem como pequenos botões de crochê que permitem que um casaco se feche: peças complementares, no entanto, essenciais, que não precisam de excessos para se firmar. O tecido, as linhas de alinhavo e os demais enfeites da peça, em seu conjunto, dão a forma da roupa e, aliás, já tramam a superfície onde se encontram os tais botões.

*Croché das coisas... Intervalo...*¹⁴

¹³ Pessoa, 2006, p. 73.

Não passar essa escrita à máquina de costura, implica em um uso que se espera dela. Para criar um uso potente dos nós, é possível abrir o tecido, fazer cortes, preparar a superfície a partir de onde se darão novas dobras, arrematar enfeites, efeitos, detalhes.

Ainda que pareça um tanto ousado ou um tanto estranho, fiquemos com a simplicidade da intenção: que seja um texto que lance linhas para serem remanejadas, experimentadas; vestidas, quem sabe, com alguma despreocupação formal, sem se tornar desleixada.

despreocupa

prega mente

desocupa

prega gente

prega idéia

prega livre

desmoralize.

Que os conceitos possam circular, ora mais lentos, ora mais acelerados, com uma atenção aos riscos dos utilitarismos que acabam por inibir a potência da pluralidade e sucumbem às exigências por muitas explicações e defesas, correndo o risco de perder a intensidade. Que sejam, portanto, lidos como conceitos, mas também como palavras, guardando ao olhar um importante rigor metodológico, mas a abertura da semântica livre que tensiona outras potências não prescritas. Logo, que se tenha prudência ao vestir o tecido e cuidado ao manuseá-lo, mas sem desesperos: a peça se dobra fácil; guarda em si os perigos de ficar amarrotada. Nós amarrotados, portas para um abismo paralisador ou, até, enlouquecedor: pode haver algum bicho papão nesse armário e é preciso estar alerta, mas com leveza.

¹⁴ Pessoa, 2006, p. 51.

Ressaltar o desassossego como possibilidade de movimento não significa esquecer de seus riscos, mas apostar na sua potência.

*Há muito tempo que não escrevo. Têm passado meses sem que viva, e vou durando, entre o escritório e a fisiologia, numa estagnação íntima de pensar e de sentir. Isto, infelizmente, não repousa: no apodrecimento há fermentação.*¹⁵

É importante reafirmar, nessas considerações sobre o modo de tecer a pesquisa e a escrita, que essa dissertação comporta uma dimensão concomitantemente clínico-estético-política e, talvez por isso, seja como um casaco-de-retalhos-coloridos: clínica, por se inspirar e intervir tanto nas experiências do corpo-pesquisador quanto dos possíveis leitores; estético, por demandar um mergulho de dimensão poética e uma experimentação de uma arte inventiva (e não técnica), que se torna ferramenta de reinvenção de si. Em meio à confecção de novas poesias e o rearranjo de escritos anteriores – sejam eles mais duros ou mais soltos –, a dissertação se faz entre a clareza acadêmica e o estilo inspirado. Um encontro, por vezes, pouco fiel, posto que variante e, não obstante, assim se propõe.

*É preciso aliviar
Para temperar a dor
Desembrulhar o tom de rigor*

A pesquisa também se dirige a uma imersão política, se fazendo “ao mesmo tempo em que o desmanchamento de certos mundos – sua perda de sentido – e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornam-se obsoletos” (Rolnik, 1989, p. 15). Provoca as práticas e discursos contemporâneos ao próprio pesquisador, tracejando-se como resistência aos processos de individualização, enquadramento e medicalização e afirmando a possibilidade de criar novas estratégias de enfrentamento em meio à experiência desassossegada. Dimensão política, pois, coletiva, onde os nós nos implicam e nos convocam a criar redes de análise e cuidado. Cabe ressaltar, aqui, que não se pretende criar outro modelo ideal de

¹⁵ Pessoa, 1988, p. 106.

enfrentamento dos conflitos da existência, nem vangloriar o desassossego como se não trouxesse sofrimentos. O que se pretende, meramente, é não recusar que haja possibilidades de invenção de si em meio a eles, assim afirmando que o desassossego, embora possibilidade de abismo, guarda o paradoxo de ser também potência de deslocamentos e transformações. Nessa afirmação, o que se pretende como objetivo geral é experimentar uma aposta ética para a psicologia.

[...]o contraste não me esmaga - liberta-me; e a ironia que há nele é sangue meu. O que deveria humilhar-me é a minha bandeira que desfraldo; e o riso com que deveria rir de mim, é um clarim com que saúdo e gero uma alvorada em que me faço.¹⁶

A metodologia desta pesquisa é um modo de estar inspirada por tudo isso, sem laços de servidão exclusiva a qualquer teoria ou autor, no exercício de um movimento autônomo de fazer pesquisa. Método: parapeito, desassossego, escrita e corpo.

Os objetivos da pesquisa servem como pontos para uma costureira ou como rascunhos para um escritor: contornos a serem seguidos, como que experimentações provisórias de pensamento; linhas que auxiliam no desenrolar de idéias e no desdobramento de conclusões plurais.

O pontilhado principal parte de pensar a construção de um corpo-psicólogo em meio aos desassossegos e inventividades, como afirmação de uma psicologia que resista aos modelos silenciadores que também a constituem e afirme, em seu lugar, a potência do virtual na movimentação da própria vida que se atualiza.

Por entre a experimentação de uma pesquisa que tece sentidos para o corpo, criam-se, ainda, novas relações com os modos de intervir e produzir conhecimento em Psicologia, constituindo uma ética para seu território de intervenção e saber. Demarcados nestas agulhas, estão os objetivos-alinhavos: nós que criam os traços dessa dissertação-poética:

¹⁶ Pessoa, 2006, p. 44.

- Elaborar, inspirado por Pessoa (2006), o sentido de desassossego como dispositivo de reinvenção de si, subvertendo a lógica patologizante entre o corpo que padece calado e o corpo que sucumbe aos processos da medicalização inquestionada.
- Alinhavar, a partir das sensibilidades que tomam um corpo-psicólogo, uma ética na relação entre desassossegos (como demanda de intervenção) e certo plano de virtualidade (como possibilidade de deslocamentos), tecendo uma psicologia que afirme a vida em sua potência de diferenciação.

Retalhos de desassossegos e sonhos

2.1. SONHAR, ARREMATE NO CORPO

*forse sia
una forza inespiegabile
che costruisce un corpo-sogno, sogno-corpo
o qualcos'altra d'improbabile.*

O sonhador concebe pensamento e concebe vida. Conceber é da ordem do pensar. Não necessariamente o pensar como raciocínio lógico e linear, mas também como ilógica, como desconexão. É neste pensar que nos arrematamos, inconclusivamente, nas coisas e outros corpos: pensar intempestivo, que assola e des-forma para reformar em outro, sempre possível de ser formado novamente. Conceber é, nesse sentido, equivalente a elaborar, tomar o Real às avessas, torcer os fatos, duvidar, re-aprender a olhar e sentir; transbordar o corpo, inventar a vida, sonhar o mundo. Arremates sempre por vir.

A possibilidade de sonhar é aqui trazida através da experiência de Bernardo Soares ao habitar o parapeito da janela de seu quarto enquanto observa e, por que não dizer, sente a rua. Sonhar, como nas linhas de seu diário, na mistura entre a rotina de seu percurso entre casa-cidade-trabalho e o sono composto por imagens oníricas que abrem infinitas outras brechas. Sonhar, portanto, como a possibilidade de estar desassossegado, desacomodado, interpelando os nós de seu cotidiano errante. Sonhar, como expressão de um plano virtual, interpelação de nós mesmos.

*Não 'penso, logo existo'; penso porque existo
E existo porque sonho.*

Virtualidade é, pois, o colorido das linhas de movimento que se tecem por entre os trechos dos escritos de Soares, os quais não possuem, aliás, uma ordenação racional definida e coerente. Sua leitura pode se dar em múltiplas ordens

e sentidos, emaranhada ao próprio tempo dos escritos de Bernardo Soares, uma vez que o Livro do Desassossego é uma montagem póstuma, diferente em sua composição conforme a edição de cada publicação sua. No encontro do corpo-pesquisador com a experiência de Soares, duas edições se mesclam¹⁷. Na virtualidade do sonhar entre elas e nós, Soares nos convoca a experimentar outras temporalidades no parapeito do sonho e do tédio, compartilhando o paradoxo do desassossego em suas dimensões passivas e ativas, dimensões distintas e concomitantes. Na mistura entre o autor de uma escrita de si e a cidade de Lisboa, sua máquina de escrever e a caneta esferográfica marcam divagações oníricas, linhas de pensamento codificadas e outras dissolvidas: partículas que se perdem ou recorrem à memória de Soares encontrando outros sinais e arriscando movimentos entre o tédio e a repetição do cotidiano, atualizando sua existência. Encontros entre o atual e os virtuais, atravessando e compondo seu corpo-escritor, corpo-desassossegado.

*E é tão suave a sensação que me alheia do débito e do crédito que, se acaso uma pergunta me é feita, respondo suavemente, como se tivesse o meu ser oco, como se não fosse mais que a máquina de escrever que trago comigo, portátil de mim mesmo aberto. Não me choca a interrupção dos meus sonhos: de tão suaves que são, continuo sonhando-os por detrás de falar, escrever, responder, conversar até.*¹⁸

Com os virtuais, os desassossegos encontram um plano onde podem se expandir para além daquilo que constrange o corpo, para além daquilo que imobiliza. Sobrevive o ajudante de guarda-livros, entediado em sua rotina, morador da Rua dos Douradores, na Baixa, em Lisboa, com a

*imaginação metida no corpo.*¹⁹

¹⁷ Fernando Pessoa deixara em sua arca muitos trechos soltos, fora de ordem e até anotações duvidosas sobre a autoria de certos fragmentos por um ou outro heterônimo, tal como a dúvida de se alguns seriam ou do Livro do Desassossego. Por isso, cada edição do Livro comporta uma montagem diferente e nenhuma delas possui começos, meios ou fins, podendo ser lida de múltiplas formas. Nessa dissertação, foram utilizadas duas edições; vide bibliografia.

¹⁸ Pessoa, 1986, p. 71-72.

¹⁹ Pessoa, 2006, p. 60.

Em meio às derivas através do parapeito da janela e os escritos do que chama de uma “autobiografia sem fatos” (Pessoa, 1986, p. 45), Bernardo Soares cria consistências e sentidos para sua existência, por entre a monotonia e, também, o que chama de bom desassossego, o qual rompe com a linearidade da rotina e a comodidade de um homem comum. O escritor mergulhado em tédio e afogado em sonhos, que deixa em aberto, na leitura de seus escritos de qualquer-ordem, questões que podem ter múltiplos sentidos para o leitor de Fernando Pessoa.

Encaro serenamente, sem mais nada que o que na alma represente um sorriso, o fechar-se-me sempre a vida nesta Rua dos Douradores, neste escritório, nesta atmosfera desta gente. Ter o que me dê para comer e beber, e onde habitar, e o pouco espaço livre no tempo para sonhar, escrever – dormir – que mais posso eu pedir aos Deuses ou esperar do Destino?²⁰

A relação estabelecida entre Soares e seus desassossegos é um tanto plural. Se em certos momentos se aproxima do tédio e da monotonia, no sentido quase inerte, ainda assim o autor ressalta sua dignidade: estar entediado implica em um modo de atenção ao estado de sossego, a saber, de acomodação.

No meu coração há uma paz de angústia, e o meu sossego é feito de resignação.²¹

Desse modo, a dignidade do desassossego é o fato de não ser resignado, de não ser submisso, de interpelar a vida. Eis como Soares entende o que chama de Decadência: uma beira de abismo, onde se está alerta. Um modo de habitar o nó sem se deixar atar por ele, mas experimentando suas marcas no tecido. Em meio a essa interpelação, se pergunta...

[...] se a minha voz, aparentemente tão pouca coisa, não encarna a substância de milhares de vozes, a fome de dizerem-se de milhares de vidas, a paciência de milhões de almas submissas como a minha ao destino quotidiano, ao sonho inútil, à

²⁰ Pessoa, 2006, p 53.

²¹ Pessoa, 2006, p. 44.

*esperança sem vestígios. Nestes momentos meu coração pulsa mais alto por minha consciência dele. Vivo mais porque vivo maior.*²²

É neste sentido que o desassossego se torce: em meio ao tédio, se revira e se torna potência, desconcertando o abismo. Aquele que poderia comportar uma dimensão de paralisia, revolta, crítica esvaziada, fuga, tédio, abandono e oposição, dispara, enfim, a potência ativa de expansão da vida – potência de resistir e criar; potência de inspirar.

Bom desassossego, como chama Soares. Algo que, para uma psicologia desperta, não é bom nem mau, e sim perspectivas em aberto. Transformação do suposto estado inerte em condição para sua imaginação livre, para sua escrita singular, para sua arte desafiadora, para sua sobrevivência autônoma na cidade burguesa. Paradoxo criador da possibilidade de tornar real o previamente inimaginável, afirmando a inseparabilidade entre pensar-fazer/sonhar-viver. Desassossego-dispositivo que se expressa em meio à descrença de Soares por todas as razões e Verdades – e por isso mesmo constrói uma autobiografia sem fatos. Para ele, não é necessário provar a verdade nem a mentira ou qualquer tipo de realidade: a vida vale em sua dimensão de impossível. Em seus nós desassossegantes, em seus nós que criam texturas na linha da vida.

*Toda a vida é um sonho.*²³

Pelo desassossego, portanto, afirma o virtual como potência para a vida ordinária. Potência de movimento que se cria apesar e em meio ao curioso olhar deste guarda-livros que repara, não como quem quer calcular, o cotidiano que se repete sempre diferente, visto de sua janela na Rua dos Douradores. Guarda-livros da Baixa que, por mais acomodado que pareça, não espera passivamente a vida passar. Pelo contrário, cria em sua aparente inércia o sentido de uma recusa ativa às normas de uma vida respeitável, tributável, padronizada e de acordo com os ideais de uma cidadania forjada pela sociedade burguesa. Espera, sim, a vida, mas

²² Pessoa, 1986, p. 63.

²³ Pessoa, 2006, p. 100.

como quem quer sonhá-la para poder senti-la. Sua mais potente forma de sentir é com texto.

*Faço paisagens com o que sinto.*²⁴

Demora-se no tempo de suas experiências, experimentando os pensamentos e desassossegos que o adentram, desmanchando e remontando suas ideias e afetos através de uma escrita plena em aforismos e narrativas. Demora-se no parapeito da janela, que marca um limiar entre o lado de dentro, do quarto em seu intimismo, e o lado de fora, da rua em sua publicidade. Demora-se e, no parapeito, na experiência de habitar um espaço entre um Dentro-Fora que o constitui, além de afirmar uma indissociabilidade, cria reverberações em pensamento-escrita que constituem um modo de viver reiventando a si mesmo no encontro com certo plano de virtualidades. Demora-se, o sonhador Bernardo Soares, operando em si, através da escrita, um modo-artista de manejar o tempo de sua existência. Nesse sentido, o arremate do corpo é o sonho, pois como abertura persiste em sua potência de se reinventar continuamente, nas formas e não-formas.

*Passo tempos, passo silêncios, mundos sem forma passam por mim.*²⁵

Bernardo Soares habita o tempo de outros modos. Dobra o tempo em si mesmo. Refaz o corpo, no limiar do desassossego, no limiar do parapeito, no limiar do individual e coletivo. Compartilha, desviando do auge de seu intimismo moderno, sentidos para um mundo que o atravessa e o encarna. Incorpora as vozes, paisagens, janelas, músicas e sonhos com que se depara. A inércia de suas observações e a inutilidade de seus pensamentos não são inertes e inúteis, porém, como um estado de coisas imutáveis. São movimentos possíveis no paradoxo do desassossego, movimentos que se fazem possíveis nas linhas de seu diário; no contorno de seu corpo curvado, mas atento; na sobrevivência da vida ordinária; na superfície da criação em nós através do plano infinito da linguagem.

*Perder tempo comporta uma estética.*²⁶

²⁴ Pessoa, 2006, p. 50.

²⁵ Pessoa, 2006, p. 64.

Em dobras e parapeitos, Bernardo Soares nos convida a acompanhar suas elaborações. Na mistura, por entre sonhos narrados no papel, cenas brandas de sua vida solitária e elucubrações filosóficas em sua prosa confidencial, compartilha seus desassossegos para que possamos seguir seus alinhavos soltos, escrita de si (Foucault, 2006), pontas deixadas para que se possa usufruir delas. No rompimento da confiança como segredo velado, convoca o leitor a uma cumplicidade, a uma companhia.

Andemos, pois, juntos, perdendo nossos tempos, habitando as travessias misturadas entre sonhos e reais, possíveis e impossíveis, imaginações translúcidas e psicodélicas. Andemos, como convida Soares, desmontando a unidade para habitar a multiplicidade dos encontros em seus paradoxos e co-habitações, nos parapeitos e dobras que surpreendem, inspiram e nos fazem emaranhados. Andemos juntos, no tempo da escrita-em-parapeitos que evoca em nós movimentos virtuais para pensar nossos próprios lugares, arrematando-nos inacabados.

2.2. ENTRE PELES, PARAPEITOS E DOBRAS

*una forza di non saper respirare,
una pioggia dentro me,
un silenzio d'impazzire
di far morire
di non sapere cos'è.*

*non sentire cos'è dentro
perché è fuori,
è fuoco,
è freddo,
è altro.*

²⁶ Pessoa, 2006, p. 302.

O parapeito é onde corpo e mundo se (con)fundem. É ali, onde Soares se encontra com a cidade e se abre aos virtuais. Não se trata de um encontro de corpos diferentes, um de cada lado, divididos pela superfície vazia do parapeito da janela. No parapeito, não há lados, há apenas entre, espaço de encontros, vazio pleno de possíveis.

No vazio é que me sou

Entre, habite: uma convocação. Ali, entram, se encontram, se atravessam. Ali, portanto, se emaranham corpos distintos que se fazem concomitantes, indissociáveis.

O parapeito da janela é um, dentre os tantos que Soares habita ao existir. Que nós habitamos. A pele é outro. Na pele, superfície de contato, divisor do dentro e do fora, está a possibilidade de sentir, afetar e ser afetado. Pele que reveste o corpo, pele envoltório forte e sensível, pele que habitamos e através da qual tudo habita em nós.

Pele, superfície-tecido onde se fazem marcas. Peles e parapeitos: ali onde os corpos se encontram, ali onde os corpos sentem; duas imagens do Entre trazidas para pensar um movimento que a vida faz traduzindo-se no verbo da costura, no verbo de confecção – Dobrar. A vida dobra. Dobra-se. Dobra-nos. Desdobra. Desdobra-se em nós. Nós em confecção. Nós entre nós, no movimento de dobrar e desdobrar.

Nós em confecção, nós entre. Nem dentro nem fora da pele; *na* pele. Nem dentro nem fora do parapeito, *em* parapeitos, em desassossegos-aberturas, desassossegos-dispositivos. Habitar um espaço que não é dentro nem fora é ser constituído no paradoxo. No paradoxo – que não é uma relação de mera oposição – ao mesmo tempo em que uma coisa é, ela é outra. Constituir-se como sujeito a partir da relação entre o que há Dentro e o que há Fora como partes indissociáveis é ser permeado pela pluralidade que constitui a singularidade do corpo, conectado sempre aquilo com que se encontra, a partir dos modos *como* se encontra.

*[T]anto me exteriorizei dentro de mim que dentro de mim não existo
senão exteriormente.²⁷*

Assim é a dobra, o movimento de dobrar. Na costura do drapeado, a saber, no adorno da peça feito por dobras na roupa, o tecido é um só. Na dobra – que se torna conceito deleuziano (Deleuze, 1991) para pensar a produção de subjetividades – dentro e fora são, portanto, efeitos um do outro; elementos co-extensivos, de mesmo material. É assim que se pode pensar o corpo na história²⁸, o sujeito no tempo, Soares na cidade, nós entre encontros ou encontros em nós.

Pensando a Dobra como território subjetivo e como processo de produção de subjetividades – modos de ser, estar, pensar, sentir... –, ela exprime diferentes formas de relação consigo e com o mundo ao longo do tempo. Cada formação histórica, o tecido coletivo, dobra seus códigos e sentidos em certa configuração modal subjetiva, conforme as forças em jogo naquele momento (Silva, 2004). Eis como emerge o indivíduo moderno – um nó singular efeito e condição de outras dobras – no bojo da sociedade burguesa do século XIX, inscrito em um modo configura certo intimismo e sentidos privatizados.

*Rolam as linhas
Cruzadas
Em cores
Em corpos
Em vias
Sobrecodificadas.*

Dobra, portanto, diz respeito à desaceleração do movimento infinito de forças-linhas que se aliam e se desprendem na constituição de tais sentidos e lógicas (Silva, 2004). É o ponto onde algumas delas desaceleram e cristalizam formas, dentre elas a forma “indivíduo”. No dobrar, fica garantida a coextensividade entre

²⁷ Pessoa, 2006, p. 11.

²⁸ Aqui não se trata da História hegemônica, entendida a partir de certa linearidade cronológica e dos grandes feitos heróicos e revolucionários. Por esse motivo, não aparece como conceito de letras maiúsculas. Seu sentido de letras minúsculas é aquele das histórias menores, infames, banais, cotidianas, que constituem também a história do presente (Foucault, 1979).

Dentro e Fora: não são alheios um ao outro; são singularidades tecidas de algo comum. Enfim, emerge como condição-expressão de um mundo possível, ou seja, tornando possível o encontro, posto que produz singularidades no plano das forças em movimento. É na dobra do tecido que se torna possível vesti-lo, mesmo que provisoriamente, mesmo que através de alinhavos entre macropolíticas, em suas formas cristalizadas, e micropolíticas, em suas forças virtuais.

Ao atentar aos sentidos que sua pele experimenta, ao habitar o parapeito de sua janela, no encontro do olhar-pensamento com a cidade, Soares está em território de permuta, território de transformação, território de forças em fluxo contínuo, arrematando seu corpo nesse espaço de possíveis.

*Dar razão ao olhar que perdura
Afirmando um tempo-demora
No exercício de tessitura:
O corpo no encontro com o Fora.*

É assim que Soares convoca-nos a habitar tais dobras, com seu demorar de olhares que questionam e desafiam o tempo da produtividade que impera no tecido social moderno. Soares resiste:

Considero a vida uma estalagem onde tenho que me demorar até que chegue a hora do abismo. (...) Sento-me à porta e embebo meus olhos e ouvidos nas cores e nos sons da paisagem, e canto lento, para mim só, vagos cantos que componho enquanto espero.²⁹

A espera de Soares, porém, não é vã. É uma espera intensiva. O sentido tomado aqui, é aquele não-passivo: sua posição é ativa, daquelas que vai recriando sentidos na demora. Sentidos para um tempo que passa e ultrapassa os limites do corpo – que, portanto, abre poros nos supostos limites que o distinguem do Fora. Nessa espera, algo mais que um esperar acontece: um corpo desperta, desenlaça. Outro corpo se inventa.

²⁹ Pessoa, 2006, p. 42.

Também nós, leitores e não leitores de Soares, estamos habitando espaços de entremeio, parapeitos, peles, encontros, nós. Desse modo, a vida é um espiral em movimentos de coletivização, como o movimento de entra e sai da agulha, emaranhando histórias de uns aos outros, construindo códigos e desejos que atravessam a todos, dobrando-se em nós. Ao habitar as dobras, o corpo se encontra entre temporalidades diversas e dispersas, entre o real e o sonho, o possível e impossível, o sonhado e impensado, o conhecido e o misterioso, o íntimo e o coletivo, o coerente e o paradoxo. Sempre nós, tecidos entre Dentro e Fora.

*Meu corpo é um centro dum volante estupendo e infinito
Em marcha sempre vertiginosamente em torno de si,
Cruzando-se em todas as direções com outros volantes,
Que se entrepenetram e misturam³⁰*

Nas entre-linhas e cruzamentos de alinhavos, a agulha é a máquina de escrever de Soares, que marca no papel as marcas de sua experiência desassossegante e convidativa a nós. O texto, superfície onde se encontram as letras e palavras, se torna modo pelo qual seus movimentos de criação de si ganham passagem. A escrita, assim, no status de uma escrita de si, abre a arte em sua dimensão virtual e compartilhada. Com sua escrita em nós, Soares convoca nossos corpos a compor com virtualidades várias. Sigamos, então, com ele nessas linhas, compondo uma escrita-leitura de uma dissertação que assim se inspira e convida.

2.3. ESCRITA EM PARAPEITOS, PESQUISADOR EM MOVIMENTOS

*Volto a escrever como quem volta a respirar
Escrever sobre o ar, quando perde o ar.
(...)
Escrevo como quem tem tiques.*

³⁰ Pessoa, 2012, p. 277. Poema “Afinal, a melhor maneira de viajar é sentir.”

Tiques me inscrevem como quem me possui.

O movimento da escrita dessa dissertação, por entre versos e prosas, não começa exatamente com Soares, embora se inspire nele. Começa há dez anos, com os encontros vários entre um corpo que nem se sabia pesquisador e o poeta Pessoa, a partir de uma cumplicidade nascida na leitura de sua obra e de mergulho em um universo de devaneios, sonhos, sensações e forças. No traçado desta dissertação, algo mais que isso se sustenta: é o projeto de existência da própria pesquisadora em seu corpo em tessitura. Ainda que se possa dizer de um encontro quase vital na relação com a literatura pessoana, há algo de fundamental nesta cumplicidade: trata-se de uma relação de inspiração e não de passividade.

Do encontro com Pessoa, transbordado, o corpo-escritor desta dissertação, corpo-psicólogo, se encontra com a literatura como espaço de atravessamento entre processos de criação de si e processos de intervenção com o outro. A escrita literária, como também aparece em Soares, mais do que efeito do uso de palavras, guarda nela mesma o delicado processo do escrever. Lançar-se de corpo ao texto, lançar-se com o texto, mesclar corpos ao texto.

*Escrever é dar suporte
Ao que não se encaixa na fala*

É em meio aos encontros entre sentidos, experiências e afetos que um corpo se coloca a escrever. No texto, faz-se uma multidão (Gil, 2010), onde se encontram escritor e leitor: onde se dissolvem, pois, leitor e escritor disto que, antes de ser chamado “obra”, é um espaço de pluralidade disposta à conexão variada. Eis como Pessoa, com seus vários heterônimos e, especialmente, com Soares, transborda de seu lugar de autor e se torna inspirador para um corpo-psicólogo. Eis como um corpo-psicólogo se apropria de suas relações com autores e com sua própria escrita em costura. Pessoa, Soares, pesquisador, leitor... Uma escrita em nós.

O tempo da escrita é habitado como um tempo de encontros com todos os mundos que se criam e recriam no pensamento, ativando a potência coletiva do

texto, tornando o exercício da escrita uma prática de liberdade e, ao mesmo tempo, uma necessidade entranhada às peles. Liberdade, por ser ação de si voltada a si e ao outro – não *sobre* ninguém, como dominação, mas como cuidado (Foucault, 1985) e criação de rede compartilhada. Liberdade, a saber, por explorar mais do que uma expressividade, mas inaugurar, também, formas de vida possíveis a cada linha (Foucault, 2006), na criação de um novo corpo a cada encontro com o mundo em meio aos sentidos elaborados no processo do escrever, reinventando modos de ser, inclusive, psicólogo. Necessidade entranhada às peles, posto que atravessa a pele do escritor e encontra a pele do leitor, conectando seus sentidos como seria um fio de alinhavo, produzindo interferências para uma ética psi em construção. Necessidade entranhada às peles, posto que é algo como uma força sem nome a impelir uma composição com o papel e, quando esse encontro não acontece, algo como um vazio esquisito perdura.

O perdurar do vazio, afinal, não seria o problema, pois é ele mesmo que se torna gatilho para o impulso de escrever, formando um ciclo escrita-vazio-escrita (Blanchot, 2005). Tal vazio é, portanto, potência de criação que ganha sentidos plurais na experimentação de diferentes modos de habitar o tempo e o espaço, priorizando, em muitos momentos, o tempo do inútil, fortalecido por Soares em sua autobiografia e por Pessoa em sua heteronomia.

Verbalismo...

Sim, verbalismo...

(...)

Aproveitar o tempo!

Desde que comecei a escrever passaram cinco minutos.

Aproveitei-os ou não?

Se não sei se os aproveitei, que saberei de outros minutos?³¹

Na suspensão do tempo produtivo, dando passagem a virtualidades para o corpo, o inútil se faz potência de abertura, potência de criação autônoma, potência

³¹ Pessoa, 2012, p. 213. Poema: Apostila.

de resistir, em nós, inspirados por Soares, ao costume pela erudição e produtividade que também capturam o fazer psi, a pesquisa acadêmica, o campo da arte literária.

Não sejamos eruditos, sejamos banais!

Uma inutilidade que o corpo-pesquisador perambula em idéias, pensamentos e, então, produções, efeitos e novos engates: o pesquisador vira outro, habita o espaço de produção em outra ordem, sem finalismos a priori; é corpo-encontro-pesquisador de várias temporalidades e surpresas.

O sentido de inutilidade, aqui, não se trata de uma banalização desqualificante dos movimentos da pesquisa, mas sim de uma apropriação de diferentes modos de pesquisar e seus efeitos, re-qualificando o lugar do vazio, comumente colocado como improdutivo. Neste sentido, a experimentação de outros tempos e espaços em meio à pesquisa emerge como uma produção-não-produtivista, resistindo à captura da obrigação sobre a potência de criação autônoma. Ainda que hajam preceitos e prazos, uma pesquisa atravessada por certa suspensão do tempo produtivo e certa potência da inutilidade comporta uma leveza no corpo-pesquisador-interventor, bem como a leveza, em meio aos desassossegos, que permite a Soares a sobreviver em potência apesar da monotonia.

O problema do vazio, no entanto, seria seu perdurar solitário ou tornar-se um estado rígido do qual não se sabe sair. Por isso, dando sentido à existência potente desse vazio, o corpo-pesquisador escreve e compartilha suas linhas, inspirado pelas linhas do Livro do Desassossego. Compartilhando o vazio com um coletivo, o movimento da escrita emerge como espaço de criação de possíveis, espaço onde se encontram infinitos variáveis dispostos à conexão feita por quem vier a ler, na abertura a um plano infinito da linguagem (Blanchot, 2005). Ao compartilhar o texto, o eu-pesquisador dissolve na' escrita e se torna, como tanto já fora apresentado, corpo-pesquisador. Corpo, mais uma vez, como potência de afetar e ser afetado, corpo-sensível.

Na publicação de suas palavras, o autor desautoriza-se deste lugar autoral para que algo mais se produza entre o texto e o leitor. No paradoxo, ao dispor seu texto, desnuda-se. Provoca, engatilha, dispara no outro e em si mesmo: esgarça seu texto para que outro possa manejá-lo e senti-lo como puder, esgarçando-o também. Esgarça seu texto para que ele mesmo, a cada novo encontro com o que teceu, possa manejá-lo novamente. Neste sentido, o corpo-pesquisador dessas linhas desautoriza-se delas: a autoria passa a ser compartilhada. Coletivizar o texto é permitir que seja aberto por outros olhares e mãos; permitir que seja operado, recortado, revitalizado pelos leitores por vir. O eu-autor morre (Barthes, 2004) no momento em que se assume e o que renasce é aquilo sobre o que se escreve e seus efeitos: a vida, a intervenção, a psicologia, os encontros, outros corpos, outros virtuais...

É somente assim que se pode falar em “eu” nesta dissertação não-representativa. Enquanto eu escrevo, deixo de ser e estou em processo de outramento. O eu-autor é apenas o corpo provisório através do qual a escrita se faz, superfície de atravessamento de forças inspiradas e que podem ser, quem sabe, de algum modo inspiradoras. A dimensão pessoal dá lugar ao livre fluxo de forças, sentidos e alteridades possíveis a partir da escrita, retornando ao próprio corpo-escritor na produção de re-encontros. O nó singular coletiviza em nós. Esse processo é contagiante: é assim também a aposta para o leitor por vir. Ao experimentar um texto, o leitor adentra um universo de sensações e sentidos que não foram colocados nem pelo autor nem por ele mesmo, individualmente, mas pelos dois; e não apenas pelos dois, mas por tudo o que já se experimentou e pode vir a disparar experiências naquele instante. O texto é, portanto, espaço de dissolução dos corpos; espaço de dissolução do autor e de qualquer sentido individualizado, para o nascimento do por vir (Blanchot, 2005). O texto é, enfim, no convite que Soares nos faz a experimentarmos a nós mesmos, espaço inspirado de pluralidade disposta a conexões várias, espaço de multidão, de coletivo, de liberdade das forças em movimento que podem disparar muitas outras. Texto, elemento vivo, corpo sensível, engate.

[...] gosto de palavrar. As palavras são para mim corpos tocáveis, sereias visíveis, sensualidades incorporadas.³²

É assim que o corpo-pesquisador, tomado pela necessidade da escrita e pela inspiração desassossegada, é convocado a construir-se e construir uma psicologia por vir. No entanto, no paradoxo, continuam ambos, psicologia e corpo-pesquisador, inacabados, posto que sempre em processo de construção: o texto se torna superfície de (in)acabamento, tecido onde se podem tecer múltiplas costuras. Superfície de quaisquer retalhos e, nem por isso, um retalho qualquer.

Como a pele, como o parapeito, como o tecido, o texto é superfície. O texto é superfície junto com outros encontros sobre a pele. Sob a pele. Encravados nela. O corpo é multifacetado, plural, fragmentado. Corpo-mosaico. Corpo-mistura. Corpotessitura. Corpo-tinteiro de tintas todas derramadas. Corpo-narrativas. Corpoencontros que comportam sensibilidades visuais, auditivas, sonoras, táteis, olfativas, mnêmicas. Corpo multifacetado, provisório, arremates inacabados.

Estala, coração de vidro pintado!³³

Um corpo inacabado se constrói e reconstrói em meio às práticas e discursos hegemônicos e minoritários (Guattari, 2011) que vão forjando modos de ser em sua configuração histórica (Foucault, 2003); linhas grossas feitas à máquina de costura ou linhas finas tracejadas. Linhas firmes, por uma perspectiva, que compõem ideais sobre o corpo e o pensamento, direcionando, contraditoriamente, certa forma de constituição de si separado do mundo, como corpo dissociável daquilo que vive, como corpo com janelas envidraçadas e sem parapeitos. Linhas finas, por outro viés, nem por isso mais frágeis, mas talvez provisórias, que indicam possíveis cortes, marcações, pontos de permutas e arremates, a saber, movimentos de resistência às formas definitivas que ganham o tecido social. E, em meio a esse encontro, em uma mesma dimensão, o corpo habita o entre: nem é outro completamente separado daquilo com o qual se relaciona, nem é totalmente igual a ele; nem alheio, nem idêntico; nem efeito apenas de linhas firmes como aquelas que

³² Pessoa, 2006, p. 259.

³³ Pessoa, 2012, p. 257-258.

Soares experimenta do lugar de cidadão burguês que paga seus impostos, nem apenas linhas soltas, como aquelas de seu sonho derivante. Neste sentido, a escrita em parapeito é o espaço da composição, justamente em sua dimensão de lugar paradoxal; ali onde é possível compor elementos virtuais em atuais, ali onde é possível criar para si um novo corpo, a saber, enquanto singularidade, tessitura colorida, composto pelo material coletivo e em meio aos processos de dobradura (Silva, 2004), que tanto constituem as práticas e discursos sociais, históricos, políticos e estéticos já instituídos, quanto os por vir. Tal corpo é, portanto, composto também por processualidades menores, não-dominantes, que se tecem por entre os modos homogeneizados, idealizados e conformados. O próprio corpo inacabado, assim, é afirmado na resistência aos moldes universalizantes e se reinventa por outras vias de construção, enquanto também necessita compor com modelo representativo para sobreviver ao cotidiano. Um cotidiano, aqui, tecido como trama variante, como efeito das diferentes forças que formam conceitos, corpos e instituições; um cotidiano que habita em si mesmo tal paradoxo de comportar a relação de forças hegemônicas imperativas e forças minoritárias resistentes no “*continuum* virtual da vida” (Deleuze; Guattari, 1995, p. 50).

O corpo, enfim, em meio a essa pluralidade de forças que se atualizam a cada instante, emerge inacabado, posto que sempre por fazer, sempre em feitura de si, a partir dos encontros que estabelece no mundo. Esse corpo-em-parapeitos que, mais do que constituído neles, convoca encontros. Dentre eles, no caso do corpo-psicólogo implicado nessas linhas, o encontro com a escrita, com a poesia, com a Psicologia e com o que se puder criar. A escrita se sustenta como processo de elaboração dos encontros e, ainda, como dispositivo na invenção de relações consigo, com os discursos, atos, sensações, impressões e apostas que insistem na habitação desse lugar. Nesse sentido, costura-se, aqui, uma escrita do corpo, em tessitura na história. Uma inscrição que se entranha na pele através do texto.

[...]grandes emaranhamentos...³⁴

³⁴ Pessoa, 2006, p. 52.

Estar entranhado por essas inspirações de Pessoa e Soares, estar aterrado à escrita como elemento constitutivo de corpo, como prática de libertação e, ao mesmo tempo, por necessidade, implica em uma relação de reciprocidade entre o papel – digital ou físico – e o pensamento. Libertação alforriada na escrita e no sonho inspirado. Relação de reciprocidade, garantida pela cumplicidade e pela coragem de escrever sem buscar sentidos prévios, escrever sem saber o que virá, como em uma força que precisa fluir, enquanto o papel se torna instrumento de riscos e rabiscos, feitos, desfeitos ou até defeitos que se tornam arte, afinal

*Choro sobre as minhas páginas imperfeitas (...) a perfeição, se eu a conseguisse, que me privaria de chorar e portanto até de escrever. O perfeito não se manifesta.*³⁵

Nas estranhezas dessa relação entre pensamento e papel, o corpo-pesquisador, convocado em seus desassossegos, mistura dissertação e poesia. Mistura arte e vida em palavras e versos e prosas e narrativas.

Suspiro através de palavras.

É nessa mistura que novos parapeitos se constituem através das temporalidades plurais que a escrita permite e evoca. Parapeitos entre literatura, psicologia, arte, academia, poesia, cidade, pele, clínica, estrangeiro... Parapeitos que atravessam e criam uma base de sustentação para uma ética de pesquisa, uma ética de intervenção, uma ética de encontros. É dessa forma que Fernando Pessoa, Bernardo Soares e os autores que ajudam a inventar uma Psicologia caminham juntos nos nós de um corpo-psicólogo inacabado, nos nós de uma psicologia por vir. Tornam-se todos, enfim, intercessores para se pensar uma ética da existência e uma ética para a própria Psicologia como aposta. Intercessores (Deleuze, 2008), pontos de encontro de diferentes ideias e efeitos, espaço de conversas e fabulações coletivas, encontro de diferentes onde se inspira um comum possível que atravessa o fluxo dessas linhas. Naquilo que já fora anunciado como uma “relação de parapeitos” de um corpo-pesquisador emaranhado com os autores, o parapeito figura como limiar, ponto de encontro, dispersivo e aglutinador de pensamentos,

³⁵ Pessoa, 2006, p. 95.

devaneios, sensações, desassossegos, conceitos, ferramentas, análises. O parapeito da janela, o limiar que dissolve o eu-pesquisadora, o eu-humana, o eu-poeta, o eu-leitora, o eu-psicóloga, no encontro com todos esses autores e outros, ainda, com quem esbarrar pelo caminho. O limiar que dissolve o eu-autor e tu-leitor. O parapeito onde nos dissolvemos. Nos enlaçamos. O parapeito-texto, vínculo. O parapeito onde as sensibilidades de um corpo se inventam por atravessamentos vários e forjam, ainda, novas sensibilidades para outras costuras por vir entre nós.

Recortes e desmontes no tecido rijo

3.1 BRECHAS

*non saper dire niente,
perché è poco,
è troppo,
il corpo è rotto,
sogno-fatto*

Sob o limiar do parapeito, o guarda-livros Soares, até então acomodado a sua rotina linear, adaptado às linhas regulares, se deixa penetrar pela abertura que os desassossegos lhe convocam ao plano da virtualidade, disparando outros movimentos para sua vida. Incomodado com o status burguês exigido pela sociedade moderna, confessa que as forças de racionalização também passam por ele.

*Tudo quanto tenho feito, pensado, sido, é uma soma de subordinações, ou a um ente falso que julguei meu, por que agi dele para fora, ou de um peso de circunstâncias que supus ser o ar que respirava. Sou, neste momento de ver, um solitário súbito, que se reconhece desterrado onde se encontrou sempre cidadão. (...) Foi um momento e já passou. (...) Vi a verdade um momento. Fui um momento, com consciência, o que os grandes homens são com a vida. (...) Não saber de si é viver. Saber mal de si é pensar. Saber de si, de repente, como neste momento lustral, é ter subitamente a noção da mónada íntima, da palavra mágica da alma. Mas essa luz súbita cresta tudo, consome tudo. Deixa-nos nus até de nós. (...) E, por fim, tenho sono, porque, não sei porquê, acho que o sentido é dormir. (...) O essencial do sono é o acordar-se dele (...)*³⁶

Costura, para si, um novo corpo frente aos seus nós.. Assume ser também levado por um ideal de Verdade, por uma consciência que supostamente tudo

³⁶ Pessoa, 2006, p. 71.

apreende e por uma necessidade de saber para dominar a vida. Subordina-se, sim, em certo sentido. No entanto, confessa e resiste, pois se coloca à margem do que se normaliza, desadaptando-se ao mundo no movimento do avesso, compartilhando outros possíveis e, assim, rasgando a si mesmo e reinventando sua posição diante dos acontecimentos.

*Pertenço, porém, àquela espécie de homens que estão sempre na margem daquilo a que pertencem, nem vêem só a multidão de que são, senão também os grandes espaços que há ao lado.*³⁷

Passa a ser, então, mais que um cidadão comum resignado na cidade de Lisboa: emerge como um corpo que desperta às exigências sociais e se recria em meio à inventividade da própria vida através da escrita que tece. Mas o que seria, pois, tal despertar? O que seria, afinal, tal plano de virtualidade enunciado, aqui, sem, ainda, esclarecer?

Um corpo que desperta é um corpo que distrai, em si mesmo, aquilo que já sabia. Distrai de si mesmo aquilo que (re)conhece, explorando percepções e afetos. É um corpo que opera uma desatenção aquilo que vê de imediato, aquilo que percebe prontamente, aquilo a que se acomoda, aquilo que parece única possibilidade atual, constituindo um modo-artesão-sonhador de viver, como o de Soares.

*E, perante a realidade suprema da minha alma, tudo o que é útil e exterior me sabe a frívolo e trivial ante a soberana e pura grandeza dos meus mais originais e freqüentes sonhos. Esses, para mim, são mais reais.*³⁸

Um movimento de corpo-desatento (Kastrup, 2004), que atenta à possibilidade de tornar o Real em reais possíveis, o atual em suas virtualidades, na afirmação de uma pluralidade em que a vida, como fluxo intensivo de forças em movimento, se faz inacabada e sempre em vias de se fazer.

³⁷ Pessoa, 2006, p. 40.

³⁸ Pessoa, 2006, p. 67.

E nos distrair para criar em nós outra atenção

Um outro corpo-atento, um corpo-fluidez, corpo-passagem, pois

Fluir é despertar

Um corpo que desperta dissolve, portanto, aquele plano tão consistente da Verdade, o que parece indubitável, o que parece passível como realidade intrínseca, como a obviedade que uma forma comporta se a vemos ensimesmada.

*O que é preciso, porém, é que nunca tomemos o artificial por natural.*³⁹

Recorta o concreto, esgarça o Fato, para dar visibilidade ao que poderá ser, a certo plano de virtualidade e indeterminação. Não à toa, a autobiografia é sem fatos, no Livro do Desassossego. Abre brechas, portanto, até para aquilo que ainda não se dá como possibilidade imaginada. Neste sentido, desnuda-se do desejo de apreender o mundo para que possa experimentar outras relações com aquilo que vive, tornando-se, ele mesmo, corpo-extensão: desforma e reforma o que há, criando outras realidades e, ainda, se reinventando nesse processo, como o efeito da alta costura sobre a superfície de um tecido a que lhe davam pouco valor.

*Contornar os sentidos, desmanchar os contornos, desativar o
conhecer.*

Desconhecer tudo, como se fosse primeira vista.

*Avistar o novo, combinar elementos-surpresa, despir o tempo de suas
determinações.*

Ao modo hegemônico de experienciar a vida, no encontro com os fatos – o pretense mundo “Real” de letras maiúsculas – procura-se a origem das coisas, o lugar onde devem se encaixar de forma organizada e coerente, conforme as percepções e esquemas sensório-motores. Este Real é o espaço onde se atualizam

³⁹ Pessoa, 2006, p. 80.

forças em formas que se consolidam, se dobram tecendo (a) nós; Real, como o movimento atual, enquanto coexistem infinitas outras forças virtuais possíveis – e não menos reais, como pluralidade e em sua potência menor – de se consolidar em algum lugar, em algum tempo. No movimento de atualização das forças, nos processos Reais da existência, identifica-se o pertencimento dos objetos e corpos, de tal modo que sejam criadas representações mentais, verbais, imagéticas; codificações e universais. Transforma-se tudo em palpável e racionalizável, explicando e medindo sentidos, buscando e corrigindo incoerências. É através de tal mecanismo de racionalidade que o Real ganha letras maiúsculas, em detrimento de outros reais possíveis virtuais que deixam de ser valorados, e, também, que o Real coincide com a Verdade, afunilando sempre em direção de uma unidade limítrofe que se supõe haver nos ideais de ser, estar, pensar, agir, conhecer...

*O raciocínio é a pior espécie de sonho, porque é aquele que nos transporta para o sonho a regularidade da vida que não há, isto é, é duplamente nada.*⁴⁰

Habitando este mundo Real onde sobreviver é um esforço e, ao mesmo tempo, uma Lei, o Sonho parece opor-se à Verdade, como se fosse mera ilusão. No entanto, percebemos que não o é, quando desviamos a atenção para os processos de virtualização, rasgando o tecido enrijecido dos códigos.

*Poucos como eu habituados ao sonho, são por isso lúcidos bastante para rir da possibilidade estética de se sonhar assim.*⁴¹

É somente ativando em nós a persistência do artista, em uma dimensão de artista-de-si, que pode o corpo sobreviver ao Real sem sucumbir. “Pessoa sustentava que para viver bem era preciso manter sempre vivo o sonho” (Pessoa, 2006, p. 27). Persiste, então, o artista em nós, em meio ao esforço de sobreviver e resistir, em meio ao sonho e à invenção de possíveis. Desafia, irrompe à luz de inusitadas criações e desconfigura o Real, dando lugar ao improvável, meio pelo qual a vida se continua. Por entre desassossegos, impasses, dificuldades e sonhos, próprios de um artista, Soares nos apresenta sua realidade de letras menores,

⁴⁰ Pessoa, 1986, p. 237.

⁴¹ Pessoa, 2006, p. 84.

tornando possíveis movimentos inusitados e criando novos sentidos para aquilo que vive.

A literatura, que é a arte casada com o pensamento e a realização sem a mácula da realidade, parece-me ser o fim para que deveria tender todo o esforço humano, se fosse verdadeiramente humano, e não uma superfluidade do animal. Creio que dizer uma coisa é conservar-lhe a virtude e tirar-lhe o terror. (...) Mover-se é viver, dizer-se é sobreviver. (...) Temos pois que conservar o dia bom em uma memória florida e prolixa, e assim constelar de novas flores ou de novos astros os campos ou os céus da exterioridade vazia e passageira.⁴²

Poderíamos, na construção de uma ética para a psicologia, inspirados pelo sonho de Bernardo Soares, habitar um espaço de passagem entre o sonho, como invenção, e o real, como possível, experimentando o tempo como aquele visto pela primeira vez.. No feitio do sonho como fio de movimento para a transformação de reais. Algo que se exerce como exercício de liberdade, por interpelar os sentidos de (re)conhecer, apostando no inusitado dos encontros e possíveis. Afinal, “el espíritu libre vuelve a acercarse a la vida, lentamente, casi a su pesar, desconfiando. [...] Se encuentra en cierto modo como se si abrieran sus ojos por primera vez para apreciar las cosas próximas” (Nietzsche, p. 11, 1986).

*É engraçado repetir o olhar como se nunca antes!
Contagiar o vento, como se entranhasse...*

Neste sentido, tratar-se-ia da criação de um novo corpo frente aos acontecimentos: um corpo que desperte em si mesmo certo grau de inventividade que lhe permita acolher o tempo em sua intempestividade, a vida em seus nós amarrados. Movimentos experimentados no corpo, não como imitações de certo estado de coisas, mas como passagens de fluxos intensivos instauradores de temporalidades outras, diferentes daquela que a cronologia impõe (Deleuze; Guattari, 1997). O tempo do escritor, que se entrega a tecer com minúcia e, por vezes, desespero, as letras de seu cotidiano. O tempo do sonhador que cruza

⁴² Pessoa, 2006, p. 59.

passado, presente e futuro, atualizando e reabrindo sentidos em sua experiência. O tempo do parapeito, no deixar-se contagiar por entregas de si e dispersões, em uma mistura que explora desconexões para criar sentidos de existir, persistir e resistir, conforme for potente ao seu corpo.

*Não tomando nada a sério, nem considerando que nos fosse dada, por certa, outra realidade que não as nossas sensações, nelas nos abrigamos, e a elas exploramos como a países desconhecidos.*⁴³

Em meio a tais inspirações e temporalidades, desperta, ainda, um corpo-psicólogo que se reinventa e aposta em uma invenção coletiva da própria psicologia. Nas leituras desassossegadas daquilo que tal guarda-livros narra; nos escritos desassossegados de um corpo-pesquisador; na aposta de que se possa transformar a vida fatídica – no sentido do que está dado como possibilidade a priori – em uma vida composta de deslocamentos e virtuais por vir: nas entre-linhas dos encontros, composições de uma psicologia tramada em meio a um modo artesão de intervir.

No parapeito, o encontro entre o escritor, o sonhador, o alfaiate, o mundo em suas paisagens mais ou menos duras, o artista em nós. Um corpo-psicólogo habitado por parapeitos outros ou habitando parapeitos mais. Um corpo em seus desassossegos e movimentos, enfim...

O desassossego é uma força que quer fluir...

Que seja, então, dispositivo de fluência. Que produza vida. Inspire. Crie corpo. Nos interpele a nós mesmos e as supostas verdades. Dê pano para a manga. Instigue uma ética entre nós, em meio a rasgos e reconfecções.

3.2. LINHAS COLORIDAS VIRTUAIS

Agora mesmo, que estou inerte no escritório, e foram todos almoçar salvo eu, fito, através da janela baça, o velho oscilante que percorre lentamente o

⁴³ Pessoa, 1986, p. 227.

*passeio do outro lado da rua. Não vai bêbado; vai sonhador. Está atento ao inexistente; talvez ainda espere. Os Deuses, se são justos em sua injustiça, nos conservem os sonhos ainda quando sejam impossíveis (...) Mudem-me os deuses os sonhos, mas não o dom de sonhar.*⁴⁴

Pierre Levy (1996) afirma que os reais não se restringem ao que é Atual, como forma já consolidada. Logo, a realidade pode ser pensada em processos cíclicos de atualização e virtualização: movimentos em que forças se consolidam, se atualizam, se tornam visíveis; mas nem por isso deixam de haver outras forças virtuais, em vias de se fazer. Desse modo, até mesmo a memória adquire um novo status, pois não se encerra na presença concreta daquela mesma cena que não pode ser repetida, mas se abre ao processo de re-elaboração por lembrança, tomada como ato de percepção.

Assim, perceber implica em encontrar-se e encontrar-se implica que os corpos estejam justamente produzindo uma realidade complexa, plena de elementos visíveis e invisíveis naquele encontro, naquela experiência singular, mesmo que por rememoração ou pela via do sonho. Afinal, o encontro não se restringe ao que está concretizado naquele momento enquanto evidência: um encontro carrega outros mais – anteriores, atuais, futuros, memórias, expectativas, idéias, sensações e, o que é muito importante de salientar, forças enquanto potências de virtuais as quais, talvez, nem cheguem a se atualizar naquele instante.

Pensar em potência traz a necessidade de ressaltar a diferença entre considerar que: de um encontro podem se desdobrar diversas possibilidades; e que, em um encontro, podem ser inventados múltiplos possíveis. O termo “possibilidades” se enquadra no sentido de que há determinados caminhos já traçados a priori, como destino viabilizado. Porém, ao ressaltar “os possíveis”, tema sobre o qual Gabriel Tarde (2003) se debruça veementemente, outro plano de visibilidades se abre.

A realidade pensada a partir do contínuo movimento de virtualização-atualização-virtualização desconcerta o entendimento de que haja um campo de

⁴⁴ Pessoa, 2006, p. 91.

possibilidades previamente determinado para os acontecimentos e afirma, em seu lugar, que o possível não se pode prever e, portanto, transborda para o plano do inventável. “Portanto, nem mesmo em física, nem mesmo em astronomia, o possível pode ser reduzido ao real”, diria ele, pois “o real é um dispêndio de possível” (Tarde, 2003, p. 212).

A vida, disse Tarde, é a busca do impossível através do inútil. Busquemos sempre o impossível, porque tal é o nosso fado; busquemo-lo através do inútil, porque não passa caminho por outro ponto; ascendamos, porém, à consciência de que nada buscamos que possa obter-se, de que por nada passamos que mereça um carinho ou uma saudade. [...] Cansamo-nos de tudo, excepto de compreender, disse o escoliasta. Compreendamos, compreendamos sempre, e façamos por tecer astuciosamente capelas ou grinaldas que hão-de murchar também, as flores espectrais dessa compreensão.⁴⁵

Inspirado no pensamento de Tarde, Soares também convoca essa discussão, atrelando-a ao plano da inutilidade. O sentido desta passagem pode ser bastante confuso e “por vezes difícil de distinguir” (Pessoa, 2006, p. 241). Embora pareça se aproximar de uma aprovação ao ideal de compreender tudo, como busca por alguma verdade absoluta, a inutilidade, nesse contexto, traz outros sentidos: não se trata de criar relações de propriedade com a vida nem com a verdade, nem criar relações de fixidez com o que se encontra. O que está em jogo nessa idéia inspirada por Tarde e trazida por Soares, em meio a sua prosa desassossegada, é que a vida é algo de que devemos nos servir, sem que seja feita para servir.

O inútil é belo porque é menos real que o útil, que se continua e prolonga, ao passo que o maravilhoso fútil, o glorioso infinitesimal fica onde está, não passa de ser o que é, vive liberto e independente.⁴⁶

De certo que Soares, ao trazer o termo “real” para sua frase, cria algumas confusões no pensamento construído até aqui. No entanto, ao usar as citações de Soares é importante entendê-las não conceitualmente, posto que é um homem

⁴⁵ Pessoa, 2006, p. 241.

⁴⁶ Pessoa, 2006, p. 193.

comum cidadão, não um intelectual elaborando palavras e conceitos acadêmicos. O que pode interessar dessa passagem é, enfim, que a inutilidade tem sua potência de liberdade, uma vez que não se configura como objeto de consumo e submissão a outra coisa. Assim, alguns nós começam a se tornar outros fios de possíveis. Fios coloridos.

*Remexidos,
Fios,
Morediços,
Fios fugidios...
Re-tessituras, ainda*

Servir-se de algo que comporte uma dimensão de inutilidade significa apropriar-se, com a liberdade de um corpo em expansão no mundo, dos acontecimentos. Acontecimentos que, por sua vez, não tem um objetivo intrínseco definido nem um finalismo específico – e, por isso, não servem a nada de antemão. Desse modo, o que se busca compreender é que, apesar de todo entendimento possível, o mesmo saber murchará – ele mesmo é provisório e passageiro, logo mutante. Uma afirmação que, ao trazer à cena certa racionalidade, evoca para ela mesma sua inutilidade: a inutilidade de conhecer; um conhecer que seja reconhecer a dimensão desconhecível do que supostamente se conhece. Jogo de palavras difícil de apreender, posto que guarda, mais uma vez, um paradoxo.

Por que é bela a arte? Porque é inútil. Por que é feia a vida? Porque é toda fins e propósitos e intenções. Todos os seus caminhos são para ir de um ponto para o outro. Quem nos dera o caminho feito de um lugar donde ninguém parte para um lugar donde ninguém vai. [...] A beleza das ruínas? O não servirem já para nada.⁴⁷

Essa nova passagem desconcertante ousa a intervir no corpo-pesquisador-em-parapeitos convocando a lembrança daquilo que foi aprendido no encontro com jovens de periferia, quando falam de como a música clássica atravessa suas vidas. Elementos que o corpo-psicólogo – aqui emaranhado por entre a semântica plural e

⁴⁷ Pessoa, 1986, p. 388.

paradoxal das palavras e conceitos – convoca para auxiliar o entendimento desses pensamentos de aparente desconexão. “A arte não serve para nada!”: eis o ensinamento. Ao falar disso, os jovens da periferia com quem nos encontramos apostam na música clássica que tocam em sua dimensão inventiva, que tenta resistir, nas brechas, aos laços de submissão do produto musical no campo das artes. Jovens da comunidade afirmando, pois, a inutilidade da arte, para dizer que há nela uma dimensão que resiste aos fins, propósitos e intenções imperativos na mercantilização da vida: alguns nós aos quais Soares também resiste. Diante disso, o corpo-pesquisador atravessado pela potência do inútil lembra:

[...]a Arte, que mora na mesma rua que a Vida, porém num lugar diferente, a Arte que alivia da vida sem aliviar de viver(...)⁴⁸

Essa tal Arte de que nos dizem os jovens músicos e um Soares desassossegado compõe uma vida que, portanto, existe para além do que é útil, proposital e feio, contradizendo as palavras duras de Soares. Essa tal vida, por sua vez, embora comporte forças utilitárias e produções de destinos, implica, nela mesma, algo que se torna cada vez mais caro a essa dissertação e a que cabe, inúmeras vezes, recorrer: o paradoxo. O paradoxo de ser, também, inútil e, portanto, resistir aos imperativos e forças de conservação de uma pretensa regularidade e iludido finalismo. É aqui, nessa costura entre arte e vida, palavras desdobradas em conceitos, que se marca um lugar para uma psicologia por vir.

Partir da Rua dos Douradores para o Impossível... Erguer-me da carteira para o Ignoto...⁴⁹

Fiquemos, nós, enlaçados com a dimensão de impossível ou de possíveis para a tessitura de uma análise micropolítica das práticas, enfocando a abertura a certo plano de indeterminações, pluralidades, virtualizações.

Este plano, diferente de latente, faz pulsar no estado de coisas, nas práticas mais endurecidas, a multiplicidade em sua potência de desvios e rupturas. Há algo mais do que isto que se vê, ou seja, a micropolítica nos possibilita tematizar as linhas de fuga para o plano do problemático, das intensidades

⁴⁸ Pessoa, 2006, p. 49.

⁴⁹ Pessoa, 2006, p. 74.

onde cada elemento atual é acompanhado de uma “nuvem de elementos virtuais” (processos, devires, agenciamentos, linhas de fuga). (Neves, 2009, p. 193)

Tecer uma análise micropolítica, a partir deste entendimento, se trata de avaliar, em meio aos processos que passam por nós e por aqueles com quem nos encontramos – sejam nossos pacientes, familiares, amigos, autores... –, a constituição de certo campo de intervenção que se apresenta a nós, a princípio, como um emaranhado de desassossegos sem saída.

Efeito de pele e dor

Com essa aposta ética, interessa não apenas pensar as formas que se codificaram macropoliticamente, mas também como se entrelaçaram suas condições de possibilidade, que dobras singulares se projetaram na produção de subjetividades, que caminhos se formaram nesta convergência, que estigmas e determinismos se forjaram, que escapes aparecem, que resistências se inventam, como se dão os processos de captura e fuga ao que se constituiu e ganhou solidez. Mesmo em um atendimento clínico supostamente individual, em consultório, as linhas coletivas podem ser puxadas e cuidadas, intervindo nos regimes discursivos e práticos macropolíticos. A intervenção com um paciente é também uma intervenção em certo plano coletivo que nos atravessa, em certo modo de terapêutica dos corpos que implica em novos processos de subjetivação. Na abertura à reconstrução de sensibilidades e ao processo de reinvenção de si, deslocando os tratamentos hegemônicos homogeneizantes, habita-se esta nuvem de elementos virtuais entre os regimes micro e macropolíticos, atualizando efeitos nos modos ser, estar, pensar, articular, elaborar, criar, existir e resistir.

*Se me lanço, é na imanência
A vida se cria no diferenciar.*

Habitar este plano de superfície, a saber, de imanência, é habitar um plano onde forças e formas se encontram e combinam por conexões várias, no movimento de atualização do real a partir de certo plano de virtualidades que coexistem a ele,

afirmando uma semântica da vida como proliferação de multiplicidades: potências, experimentações e temporalidades em engendramentos constantes de processos de criação e recriação, existência e persistência de modos de perseverar na vida. Aqui, Spinoza (Deleuze, 2002) nos indica, mais uma vez, a potência do corpo em encontros, em sua capacidade afetar e ser afetado. É, pois, em meio aos afetos que um corpo experimenta que corre o fluxo de expressão e conectividade da vida, combinada sempre de forma coletiva, engendrando processos de objetivação e subjetivação. Assim, lançamos um novo olhar sobre o tecido codificado, rijo: no movimento micropolítico de desnaturalizar suas costuras, de acompanhar as linhas de sua trama, os nós emergem como produções coletivas e pespontos para alinhavos por vir, deixando de ser fatos a priori e imutáveis e se tornando campo de intervenção, abertura de outros modos de costura ao alfaiate atento às descontinuidades e variações.

*É preciso se aproximar
Arriscar a suposta inocência*

Da mesma forma como a superfície coletiva, a partir da qual somos Dobras, ganha outra visualidade nesta nuvem de virtualidades, também o corpo se recoloca, justificando a aposta, nessa escrita-em-parapeitos, da construção de um corpo em inacabamento. Só se sabe o que pode um corpo, o que compõe e o que o decompõe, em meio às experimentações que dele são feitas; todo corpo vivo, segundo a perspectiva spinozista (Deleuze, 2002) que aqui acolhemos em nós na sustentação de uma ética de cuidado, se encontra em um constante processo de feitio de si. As situações que vive inscrevem no corpo certas marcas que o compõem ou decompõem, aumentando ou diminuindo sua potência de agir e pensar, sua potência de expansão. Mais uma vez, corpo-sensível.

*O único modo de estarmos em acordo com a vida é estarmos em desacordo
com nós próprios.⁵⁰*

⁵⁰ Pessoa, 2006, p. 56.

Para Spinoza (2008), a potência dos corpos é tal qual a própria potência da natureza, da vida: potência de diferenciação. Em si mesma, se há uma essência, é essa constante potência de movimento que, portanto, é nunca igual a si mesma, expandindo ou reduzindo em meio aos encontros. Ainda que seja esta uma questão de difícil entendimento, por conta dos termos conceituados por Spinoza carregarem similaridades com idéias de transcendência – por exemplo, ao associar “natureza” e “Deus”, bem como ao falar em “essência” –, é importante rasgar tais fios endurecidos para acessar outra lógica semântica em meio ao contexto histórico em que o filósofo viveu.

A vida, para Spinoza, é absolutamente infinita em suas combinações de forças. Tais forças, portanto, não se dão em um plano transcendente, divino, mas na coexistência com as formas. Assim, o corpo físico não se desprende do pensamento como instâncias separadas.

*Toda a Matéria é Espírito,
Porque Matéria e Espírito são apenas nomes confusos⁵¹*

Substância múltipla, em sua potência livre de expansão, um corpo é ao mesmo tempo coisa pensante e coisa extensa, pensamento e matéria. Mente e corpo co-extensivos em nós. Nós: potência de vida.

Bem como a potência da natureza, da vida, está em tudo, então um corpo é potência múltipla, corpo sempre coletivo, composto por outros corpos e forças. Corpo sempre em encontros, recombina-se de diferentes formas.

Quando corpos quaisquer, de grandeza igual ou diferente, são forçados, por outros corpos, a se justaporem, ou se, numa outra hipótese, eles se movem, seja com o mesmo grau, seja com graus diferentes de velocidade, de maneira a transmitirem seu movimento uns aos outros segundo uma proporção definida, diremos que esses corpos estão unidos entre si, e que, juntos, compõem um só corpo ou indivíduo, que se distingue dos outros por essa união de corpos. (Spinoza, 2008, p. 64)

Logo,

⁵¹ Pessoa, 2012, p. 277.

Todo o mundo, toda a vida, é um vasto sistema de inconsciências operando através de consciências individuais. Assim como com dois gases, passando por eles uma corrente elétrica, se faz um líquido, assim com duas consciências – a do nosso ser concreto e a do nosso ser abstracto – se faz, passando por elas a vida e o mundo, uma inconsciência superior.⁵²

Assim, a vida é um enlaçamento de diferentes corpos que se movem em ritmos variados, que se complexificam e simplificam de modos diferentes, que afetam e são afetados de diferentes maneiras. Consequentemente, quanto mais plurais as maneiras como um corpo pode ser arranjar nos encontros, mais plural é sua capacidade de perceber, conectar, aprender, e sentir, posto que mente e corpo são co-extensivos. Diante da relação imediata entre as linhas de pensamento-corpo, é possível conceber que o conhecimento se dá através do corpo, que é a superfície de contato dos encontros. Pesquisar é com o corpo, por isso o que está em jogo aqui, a todo tempo, é o exercício de um corpo-pesquisador. Neste sentido, o corpo é espaço de aprendizado e de reinvenção de si e, ainda, dobra do coletivo. Logo, no cuidado de si e do outro, mesmo em intervenções localizadas e supostamente individualizadas, há sempre conexões coletivas. Cuidar, exercício coletivo, ética dos encontros e seus efeitos. Algo que uma psicologia em tessitura precisa para, também, se diferenciar de si mesma e expandir.

Linhas

Tênues

Laços

Abraços

Descompassos realinhados

Movimentos comparsas

Contatos

Recapilarizados...

Enfim, o corpo-pesquisador, o corpo psicologia-por-vir, o corpo-desassossegado que demanda de nós um saber sobre seus desassossegos...

⁵² Pessoa, 2006, p. 372.

Todos em uma dinâmica de vibração de forças que vão se combinando em diferentes ritmos no encontro com outros corpos, discursos, afetos, desejos. Corpos em sua potência de pensamento e ação que podem constranger ou expandir, tornando possível modificar suas existências, suas formas, mesmo as mais cristalizadas, no entanto perseverando sempre em sua capacidade infinita de movimento.

*Sou um monte confuso de forças cheias de infinito
Tendendo a todas as direções para todos os lados do espaço,
A Vida, essa cousa enorme⁵³*

Os encontros que experimentamos em parapeitos vários são da ordem da imanência, dizendo respeito a um plano de experimentação concreta, mas também a um plano de virtualidades de imprevisíveis efeitos. Há que se cuidar do corpo, do encontro, das formas. Há que transbordar tudo aquilo que parece imobilizado. Há que se lembrar de Soares, em seu exercício de transformar a inércia em potência de movimento. Mesmo por um tecido grosso permeiam elasticidades, nem que, para isso, seja necessário torcer alguns fios.

3.3. MANUFATURAS

Damos comumente às nossas idéias do desconhecido a cor das nossas noções do conhecido (...) Com pequenos mal-entendidos com a realidade construimos as crenças e as esperanças, e vivemos das côdeas a que chamamos bolos, como as crianças pobres que brincam a ser felizes. (...) A civilização consiste em dar a qualquer coisa um nome que lhe não compete, e depois sonhar sobre o resultado. E realmente o nome falso e o sonho verdadeiro criam uma nova realidade. Manufacturamos realidades.⁵⁴

Soares acredita que as verdades são manufaturas, engendradas pela consolidação de sentidos que damos ao que desconhecemos, a partir daquilo que conhecemos. Como toda manufatura, tratar-se-ia, então de um processo de

⁵³ Pessoa, 2012, p. 279. Poema: Afinal, a melhor forma de viajar é sentir.

⁵⁴ Pessoa, 2006, p. 96.

fabricação massiva e padronizada, de caráter homogêneo. Seria, então, o movimento de manufaturar realidades efeito de forças de compressão da vida em sua potência de diferenciação. Na tendência à padronização, à homogeneidade, o Real é fabricado sob categorias universais da Verdade, do Ideal, do Normal. Em “A demonstração do Indemonstrável”, Pessoa (2011) afirma que a Verdade é uma ilusão, a saber, uma prova forjada sobre algo que não pode ser efetivamente provado universalmente. Invenções de ideais, conceitos, pensamentos que se naturalizam na forma de fatos. Cristalizações em formas atuais dobradas no tecido coletivo, histórico, representadas e interpretadas por regimes de codificação. Nós codificados sobre o trama plural da existência, ali onde o meio é infiel a si mesmo (Canguilhem, 2002), posto que está sempre compondo novas relações e combinações no tempo e espaço e que, mesmo nos processos da natureza que se repetem, marcam sempre diferenças e porvir imprevistos (Deleuze 2000).

Uma mera afirmação não significa logicamente nada mais que uma crença, podendo portanto ser anulada por uma mera contra-afirmação, que significa descrença, sendo que até aqui nada ficou demonstrado nem de uma forma nem de outra.[...]

É necessário demonstrar que 1 é igual a 2. Sendo $a = b$; logo $a^2 = ab$. Subtrai-se b^2 de cada lado; logo $a^2 - b^2 = ab - b^2$. Extraíndo os factores, temos $(a+b)(a-b) = b(a-b)$. Retirando o factor comum $(a-b)$ temos $a+b=b$; e, como $a = b$, isto significa $2=1$.⁵⁵

Aqui, no parapeito onde confabulam Soares, Pessoa, Canguilhem e Deleuze, Nietzsche prossegue os pespontos. Tece uma reflexão sobre a formação dos conceitos, trazendo a arbitrariedade dos processos de categorização. Para ele, a categoria é um arbitrário que se torna rígido como metal, por se consolidar na história, sendo um batalhão móvel de metáforas, antropomorfismos e relações humanas enfatizadas poética e retoricamente. Assim, o conceito é trazido em seus processos de constituição: forma-se na igualação do não-igual, convindo, enfim, “a um sem-número de casos, mais ou menos semelhantes, isto é, tomados rigorosamente, nunca iguais, portanto, a casos claramente desiguais” (Nietzsche, 1983, p. 48).

Assim, como é certo que nunca uma folha é inteiramente igual a uma outra, é certo que o conceito de folha é formado por arbitrário abandono dessas diferenças individuais [...]. Denominamos um homem “honesto”; por que ele

⁵⁵ Pessoa, 2011, p. 18

agiu hoje tão honestamente? – perguntamos. Nossa resposta costuma ser: por causa de sua honestidade. A honestidade! Isto quer dizer, mais uma vez: a folha á a causa das folhas. O certo é que não sabemos nada de uma qualidade essencial, que se chamasse “a honestidade”, mas sabemos, isso sim, de numerosas ações individualizadas, portanto desiguais, que igualamos pelo abandono do desigual e designamos, agora, como ações honestas[...] (Ibidem, p. 48)

Ora, trata-se, enfim, de um emaranhado de interpelações que desfiam os nós codificados em múltiplas pontas para serem re-costuradas por outros vieses, transversalizando sentidos, percorrendo a linha oblíqua, a diagonal do tecido em relação aos seus fios retos, naturalizados, uniformizados. Em meio à crítica ao pensamento transcendente e representativo que se torna base para a racionalidade moderna e o pensamento humanista, restam em suas pontas soltas um pedido:

*ó verdade, esquece-te de mim!*⁵⁶

Provocam-se, então, rupturas com a tradição filosófica sofista, com os preceitos aristotélicos e os ideais platônicos, bem como com a racionalidade moderna, interpelando as semânticas da Razão, da Beleza, do Útil e do Real, dentre outras categorias naturalizadas. A narrativa confessada de Soares nos convoca a visualizar como opera, em seu próprio tempo, um corte, um rasgo, um furo. Soares cria brechas por onde fluem resistências através do pano da Modernidade atravessada pelas universalizações, pelas intencionalidades da ciência positivista, pela categorização do eu cartesiano e o sentido de conhecimento a partir da consciência, atualizada com o racionalismo kantiano. Pano da Modernidade onde o que se hegemoniza é ser cidadão-comum, tributável, trabalhador, consumidor na cidade de Lisboa. Assim, em meio às pontas dos nós desfiados, somos convidados criar, nessas brechas, outros regimes de pesquisa, outros regimes de percepção, outros regimes de intervenção que não apenas o regime hegemônico e homogêneo que coloca um lugar para a Razão e a Normalidade.

O viés humanista, segundo Nietzsche (1988), constrange a vida, suprime o corpo. A vida é capacidade de variação, metamorfose, uma obra aberta: é preciso construir a existência querendo que ela se repita, como diferença, e retorne com

⁵⁶ Pessoa, 2012, p. 215. Poema: Demogorgon.

toda a força⁵⁷. No entanto, não se trata de uma questão de intencionalidade. É preciso transvalorar os valores supostos, construir um corpo que opere uma atenção àquilo que normalmente não é visibilizado (Nietzsche, 1988). Como exercício ético, é preciso romper com determinados processos que apequenam a existência delimitando a vida em identidades que encerram sentidos e destinos. Só nessa experimentação é que se pode pensar e produzir deslocamentos.

*Com ou sem o barco
É preciso remar*

De certa forma, é o que faz Soares através de sua escrita de si: reinventa-se. Despe-se, se entrega sem abandonar, transborda no plano da criação de outras semânticas, entre o tempo, a cidade, a criação e seus desassossegos. Em meio aos nós, torna-os acontecimentos a partir de onde algo mais dispara em seu corpo: as recusas de ser um cidadão acomodado ao *status quo*, sem renegar a necessidade de se relacionar com isso, mas experimentando a transmutação de valores e a transmutação de si como uma ética para a vida.

Para Nietzsche (1988), tudo é vida, tanto a alegria quanto o sofrimento. Quis-se montar como valor judaico-cristão o sofrimento como destino, como algo a ser expurgado e evitado. Pelo sofrimento, porém, é possível transvalorar. Em meio à crise, ao caos – constituinte da vida –, pode-se desestabilizar e recriar a hierarquia de valores. Eis, pois, o desassossego pessoano como potência de existir.

Acolher os acontecimentos da vida (Nietzsche, 1988) e sustentar certos desassossegos implica em estar aberto à experimentação, ao que pode desacomodar o pontos mais difíceis de puxar; desestabilizar o que está consolidado, criar movimentos autônomos de viver aquilo que se atualiza nos tantos nós da vida, inventar outros possíveis. Apropriar-se, de forma potente, do tempo, do espaço, do corpo, do parapeito, do texto.

⁵⁷ Nietzsche discorre sobre a interessante teoria do Eterno Retorno que, no entanto, não será aprofundada nessa dissertação. Ainda assim, esta idéia marca uma posição subjetiva que se pode criar em nós, apostando na vida em sua potência infinita de movimentos, como processo de diferenciação contínuo (Deleuze, 2000).

*Tudo para nós está em nosso conceito do mundo; modificar o nosso conceito do mundo é modificar o mundo para nós, isto é, modificar o mundo[...]*⁵⁸

A invenção de outros possíveis implica em elaboração da experiência e, portanto, na construção de um novo corpo a cada despertar. Essa discussão faz pensar nas práticas que buscam regularizar os movimentos da vida e, logo, nos processos de normalização e patologização tecidos a partir de conceitos e ideais construídos ali onde somos afetados e estamos afetando: no corpo.

Canguilhem questiona o conceito de norma, indagando: “como descrever um movimento, no sentido da adaptação a condições novas, de resposta organizada a condições imprevistas?” (Canguilhem, 2002, p. 302-303). Partindo do entendimento de que o meio é infiel, por sua variabilidade, o autor revela a impossibilidade de fundamentar a representação desse movimento em termos metafísicos, a saber, em essências categóricas, e ressalta aquilo que é acidente, possível, devir na história. Disto que nos aponta Canguilhem, se o homem se relaciona com um meio não-estático – e ele também não é estático – como poderia, então, ser reduzido a normalizações? Não é, então, a norma a categorização de algo a partir de uma definição que não se aplica à singularidade dos casos? Uma definição criada a partir das diferenças, que são sempre primeiras ao que depois se estabelece como padrão e semelhança? A norma não seria, assim, uma tentativa de modelar e compreender, conforme um critério mediano, aquilo que não corresponde à inteligibilidade racionalista, posto que é, antes, dinâmica de forças? Talvez a tentativa de modelar aquilo que diz respeito a uma sensibilidade que precisamos produzir em nós, ao invés de negar de antemão?

*O médico tenta adaptar o corpo doente ao corpo são; mas nós não sabemos o que é são ou doente na vida social.*⁵⁹

Vale ressaltar que, ao colocar essas perguntas, a intenção não é afirmar uma ausência de critérios para uma vida potente, nem de deixar que a vida enlouqueça em meio à variação desvairada e, muito menos, em meio à submissão a qualquer

⁵⁸ Pessoa, 2006, p. 176.

⁵⁹ Pessoa, 2006, p. 177.

coisa sem-nome. Tenciona-se, isto sim, afirmar certa dignidade de experimentar a vida em meio à regularidade e irregularidade, em meio a esse movimento que não precisa parar na forma imobilizada nem ficar no constante devaneio: a dignidade do desassossego. Se a vida é efeito de integração e desintegração, composição e decomposição de forças, encontros e combinações de potências vibráteis entre os corpos (Pessoa, 2006; Nietzsche, 1988; Deleuze e Guattari, 1995; Spinoza, 2008), então experimenta-se essa dimensão de reconstrução a todo o tempo, naquelas superfícies múltiplas da costura: na dobra, no rasgo, no alinhavo, na trama. Reconstrução no sossego, no desassossego, na mistura. Por entre as normas, os desvios e as tessituras por vir.

Sendo assim, ainda que possamos nos agenciar com a norma entendendo que ela tem sua função intermediária das relações estabelecidas entre os indivíduos em sociedade, torna-se importante criar em nós uma sensibilidade que ultrapasse os limites do que foi instituído historicamente como normal e patológico.

*Que me venha a tal moral
Que eu a domo ou a mordo.*

Uma sensibilidade que nos permita quebrar os preconceitos e os determinismos gerados sobre um corpo desenquadrado ao padrão, tal como desconcertar os padecimentos, paralisias e desistências que podem domar e inibir um corpo no encontro com um diagnóstico aprisionante.

É, assim, em meio ao nascimento de uma nova sensibilidade atenta ao que o corpo narra, que o processo desenfreado da medicalização que ganha tamanha força no contemporâneo – enquanto melhor ou única possibilidade de resolução dos problemas – é colocado em análise, pois excede e acaba por negligenciar as práticas de cuidado de si e da vida.

Em Foucault (1987), o cuidado de si emerge como prática reflexiva de liberdade, não na perspectiva do egoísmo, mas da superação dos desejos e paixões que possam nos dominar. Neste sentido, a ética que se afirma não é a da negação

dos preceitos morais, mas a da interpelação do que tais valores operam em nós. A todo momento, quando se tratar de ética neste texto que vai se desdobrando em movimentos de vai-e-vem da agulha, o que se está afirmando é um cuidado na elaboração e avaliação da moral e dos efeitos no corpo. Trata-se de não ser escravo nem de si, nem do outro e nem mesmo do que opera em nós como força (Foucault, 1987). As forças de medicalização, por sua vez, funcionam no estrangulamento dessa possibilidade: primeiro, por despotencializar qualquer diferença, que logo é enquadrada como erro, anormalidade ou patologia, mesmo antes de se constituir como um problema para o sujeito; e depois, por frequentemente omitir o sujeito de avaliar sua condição e elaborar por si mesmo uma outra relação e outra lida possível com suas questões-problema. Os mecanismos de medicalização, na maioria das vezes provêm uma suposta estabilidade em detrimento daquilo que causa desconforto e acabam por restringir os movimentos do corpo e automatizar sua existência.

Soares não tomava medicamentos, não ia a especialistas. Provavelmente seria diagnosticado depressivo, se fosse avaliado através dos manuais de saúde mental. Sobre Pessoa, o poeta multifacetado em mais de setenta heterônimos e mais de vinte e cinco mil páginas, poderia ele ser chamado psicótico? Ou obsessivo compulsivo, diante da situação em que, atrasado para um encontro com o poeta José Régio, apareceu vestido de Álvaro de Campos se desculpando por Fernando Pessoa, ele mesmo, não poder comparecer? Soares escrevia. Pessoa também. Não é possível dizer que diagnóstico tinham, de fato, pois tais fatos seriam ilusões. Eram artistas. O que temos deles são apenas suas obras, inacabadas. No exercício de sua autonomia, não nos cabe interpretar hipoteticamente suas escritas. O que eles ensinam sobre possíveis diagnósticos, do lugar de corpo-pesquisador que habita seus parapeitos, é a interpelar os tratamentos contemporâneos que sufocam a potência de agir. No exercício de sua autonomia, Soares e Pessoa nos alertam para o que estamos fazendo de nosso campo de saber nas intervenções que tecemos, criando indagações em nós. É possível que sua arte os impedisse de embarcar no delírio ou no abismo, curando-os através do plano coletivo que criavam como intercessor (Deleuze, 2008). No entanto, ignorando, de vez, quaisquer suposições explicativas, na aposta de que a literatura deixa um legado mais potente do que interpretações clínicas sobre movimentos inventivos, podemos dizer, somente, que,

emaranhados aos desassossegos, Pessoa e seu semi-heterônimo Soares produziam deslocamentos, criação de si e, nestes movimentos, afirmavam a vida enquanto invenção inacabada e por vir. Eis a pista que deixam, nos alfinetes espetados em tecidos que compartilham: os desassossegos, portanto, transvalorados em potência, não podem nos inspirar a ser, também, diferentes de nós mesmos?

3.4 RECONFECÇÕES

Ainda com Foucault (1987), vemos uma análise das estratégias disciplinares que ganharam contornos de uma “anatomia política” efetivada em instituições diversas no período do século XVII ao XIX. Seguindo ele, durante a época clássica o corpo esteve em evidência como objeto e alvo de poder, mas a partir da segunda metade do século XVIII passou a ser esquematizado em termos de docilização, detalhamento e coerções sem folga, em uma mecanização de seus movimentos.

Uma ferrugem na engrenagem humana

A sociedade disciplinar fabricava corpos submissos e exercitados, aumentando suas forças em termos de utilidade e reduzindo-as em termos políticos. Nós utilizados. Nessa codificação, o corpo, diferentemente do corpo-sensível que se quer afirmar aqui em um exercício ético de cuidado consigo mesmo em meio aos desassossegos, se trata do corpo útil, servido às finalidades e intencionalidades previamente programadas, constrangido em seus espaços de liberdade.

Amarras

Atados nós ainda mais

O contexto disciplinar culminou e compôs a biopolítica, na passagem do século XVIII ao XIX: uma série de tecnologias, dispositivos, técnicas, saberes científicos que, em seus cruzamentos, engendram produções de subjetividade a nível individual e coletivo, demarcando um princípio econômico, tecendo os pespontos para uma cultura cujos efeitos são, dentre outros, certa quantificação e

economia das sensações, embora desvios sejam sempre produzidos. Normatizações, normalizações e classificações de patologias se massificam: esquadrinha-se toda a organização social, categorizam-se os comportamentos normais e patológicos, opera-se uma maior atenção aos movimentos das massas, produzem-se análises e controles de natalidade, mortalidade e fertilidade. Com o biopoder, portanto, os dispositivos disciplinares se transformam: são investidos de novos discursos e práticas médicas, psicológicas, sociais, matemáticas que operam uma virtualidade na fabricação extensiva de modos de ser e pensar, incitando o que se deve ou não e *como* se deve, de acordo com uma lógica regulamentadora do corpo, do trabalho, da cidade (Foucault, 2008).

[...] o armazém, até a Rua dos Douradores, enfileira as prateleiras regulares, os empregados regulares, a ordem humana e o sossego do vulgar. Na vidraça há o ruído do diverso, e o ruído diverso é vulgar, como o sossego que está ao pé das prateleiras.⁶⁰

Em tempos de biopolítica, os processos sociais são individualizados e os processos de diversificação da existência são logo capturados, sendo a diferença negativizada. Neste sentido, a alteridade, disparadora de desassossegos, é cada vez mais patologizada e vivida como algo a ser expurgado em meio à demanda imediatista por soluções, dispondo-se de pouco tempo para a experiência reflexiva, para pensar o que acomete o corpo, os condicionamentos em que se encontra e as estratégias na vida. Economia. Nós mercantilizados. Manufaturas. Tal funcionamento se atualiza em todos aspectos da vida, inclusive em meio às práticas e discursos de medicalização que vemos acelerados no contemporâneo, havendo o aumento no uso de medicamentos, encaminhamentos desenfreados e certa 'divinização' dos especialismos, em uma entrega que destitui os sujeitos de sua autonomia (Martins, 2008; Guattari; Rolnik, 2011).

Corpo adoece alado

⁶⁰ Pessoa, 1986, p. 88.

Assim, apesar de bastante atual, o processo de medicalização vem ganhando consistência em um funcionamento de pelo menos dois séculos, o que se pode perceber no desenrolar da história da medicina moderna (Moysés, 2001). O modelo classificatório ainda predominante na contemporaneidade, isto é, de tipificação das doenças a partir de sintomas genéricos, tem sua emergência no século XVIII, com a medicina das espécies. Como mostra Foucault, em *Nascimento da Clínica* (1994), a morte e a doença evocam o olhar clínico nesse período. No século seguinte, por sua vez, é sobre a vida que a medicina se debruça. A função do médico na sociedade passou a ser incorporada de outro modo, não mais focada no tratamento de doenças, mas justamente enfatizando sua prevenção. Assim, a medicina passou a desempenhar um papel social central, participando fortemente da elaboração de modos de viver “adequados”, correspondendo e construindo uma perspectiva de higienização urbana. Papel que ganhou força e novas configurações ao longo do tempo.

Na contemporaneidade, o movimento de intensificação das intervenções médicas na vida coletiva e individual é sentido como uma urgência, paradoxalmente, extremamente visível e, em certo sentido, quase invisível. Visível, pois os discursos medicalizantes atravessam quaisquer espaços, não mais se restringindo ao ambiente hospitalar, expandindo a linguagem médica-diagnóstica e seu consumo exacerbadamente, de forma quase banalizada. Invisível, na medida em que se atualizam, como que entranhados em outras práticas e discursos – educativos, judiciários, midiáticos, etc. –, transformando e individualizando, sutil e avassaladoramente, modos de pensar, de agir e gerir a existência. Assim, nas escolas, projetos sociais, prisões, hospitais, consultórios, vizinhanças, universidades e até nas ruas, lá estão presentes muitos enunciados que afirmam a necessidade de, no mínimo, procurar um especialista.

A importância deste debate à Psicologia é enorme, uma vez que esse funcionamento engendra o nascimento e a consistência do próprio campo de saber psi, o qual emerge já em meio à encomenda de ortopedização dos sujeitos e controle das massas junto com as demais ciências sociais, e continua se atualizando hegemonicamente nessas bases. A Psicologia, ainda que na multiplicidade de suas teorias e métodos coexistentes, frequentemente responde às convocações de forma

corretiva e interpretativa, realimentando os modelos classificatórios, reproduzindo a lógica diagnóstica e determinista e, enfim, servindo como mais um especialismo “super-herói”.

Urge, portanto, na contramão de tal operacionalização dos processos vitais, pensar as forças de medicalização que tem sufocado a vida naquilo em que ela se constitui, a saber, também dispersão e caos. Frente ao embate da vida enquanto diferença com as práticas de regularização da existência, é possível apostar em uma suspensão desta temporalidade acelerada para experimentar a possibilidade de inventar estratégias autônomas de sobrevivência, em meio ao desassossego, sem precisar silenciá-lo.

A criação de estratégias autônomas, descrevendo esse exercício ético já tão mencionado ao longo desta dissertação, implica naquilo que Guattari & Rolnik (2011) indicam quanto à importância de engendrar uma função de autonomia nas formas de ser, pensar, sentir e viver. De acordo com os autores tal função se encontra plasmada nos mais diferentes estratos da vida social e se expressa no nível da produção de subjetividade. A construção de uma autonomia possível, a partir do desassossego, se dá como processo de reflexão e elaboração do encontro com a adversidade e alteridade, tendo como efeito a construção de referenciais próprios e estratégias próprias de enfrentamento às problemáticas da existência, confiando aos saberes da área de saúde um cuidado, mas não um abandono de si.

Desse modo, a discussão que ganha forma para o corpo-psicólogo, nesse terreno delicado, é permeada pelos embates entre os imperativos contemporâneos e a construção de uma psicologia que resiste ao criar rupturas no que se estabiliza hegemonicamente como solução e, assim, incita a possibilidade de diferir daquilo que se normatiza (Guarido, 2007). Trata-se de tecer uma aposta no manejo dos desassossegos como abertura a certo plano de multiplicidade, instaurador de novas possibilidades de diferir e criar sentidos plurais para a existência.

Aposta de uma psicologia que resiste aos processos de individualização e ortopedização das diferenças e que firma a importância de reinventar o corpo em meio aos acontecimentos disruptivos da vida (Neves, 2009; Sant’Anna, 2002),

fortalecendo o vivo em sua capacidade de re-existir como força potente no embate com as forças de silenciamento/controlado que incidem sobre a experiência subjetiva.

*O meu corpo era um grito latente.*⁶¹

Exercício de ‘fazer existir’ uma psicologia que se afirme como potência problematizadora dos pedidos por soluções quase mágicas, potencializando intervenções no encontro com a virtualidade que constitui modos de viver plurais e inesgotáveis, em meio às delícias e dores de existir e persistir. Movimento de fazer resistir uma psicologia que ganha registro nesse processo de escrita, o qual se abre, assim, à elaboração desta mesma psicologia que re-existe, posto que se refaz enquanto se escreve e inscreve certo modo-psicólogo.

⁶¹ Pessoa, 1986, p. 85.

Costurando linhas tortas e coloridas

4.1. DESDOBRANDO UM LUGAR PARA A PSICOLOGIA

*Uma vez ouvi dizer que o silêncio só tem voz.
Quando ouve, é porque sacode a garganta.
Escutar é romper em barulhos...*

Do lugar de psicólogos, nos convocam a desvendar e apontar as soluções para os problemas misteriosos da mente, aqueles não captados pelos exames e testes neurológicos. Mesmo aqueles captados, também convocam às soluções programadas, uma vez que tendo o diagnóstico em mãos, imagina-se ser mais fácil conhecer o tratamento ideal e o passo a passo para voltar à vida normal, se é que há solução. Do lugar de psicólogos, somos, enfim, convocados a responder como super-psis; super-sabedores que indicam as condutas e exercícios necessários para restaurar o corpo e reparar os desassossegos que o acometem em nós aprisionantes. “Acometem”, enquanto são vivenciados como algo a ser eliminado da vida, antes de perceber que sem eles não haveria sensação nem experiência possível; não haveria vida e movimento. Somos convocados, portanto, a manter o regime de economia das sensações, alimentando uma psicoterapia que sirva como um remédio: “existe cura para essa doença ou é sem volta?”; “que exercícios posso fazer para não sofrer mais disso?”; “ouvi dizer que há uma técnica que me faz ter uma vida normal em apenas três meses”; “falar ajuda?”; “qual o nome disso que eu tenho?”.

Quando nos encontramos com uma demanda de intervenção, independente de estarmos ou não entre as paredes do consultório e outros espaços institucionalizados, podemos embarcar no discurso que nos chega ou criar um exercício crítico do próprio fazer psi, elaborando com cuidado a queixa que recebemos. Uma escuta atenta nos faz encontrar novas questões em jogo, diferentes daquelas que nos encaminham. Tal encontro move o corpo-psicólogo na direção de um posicionamento: a análise daquilo que chega e de como aquilo chega a ele mesmo – a saber, a análise da encomenda e das implicações.

*Analisar é ser estrangeiro.*⁶²

Nós implicados com outros nós. O que podemos fazer de nossos emaranhamentos? Essas duas ferramentas importantes emprestadas da Análise Institucional Francesa, a Análise da Encomenda e a Análise de Implicações, tornam visíveis, em nós, o atravessamento das forças que se formalizam no tecido coletivo onde também estamos. Com elas, podemos pensar as condições de possibilidade para a existência daquilo que aparece sob a nomeação de “problema”, demanda de intervenção que nos chega do lugar de psicólogos, assim como seus efeitos. Desse modo, emprestamos nossos corpos para avaliar as práticas de saber-fazer que incidem sobre nós mesmos e o outro, as quais tantas vezes homogeneízam corpos e intensificam os elementos coniventes com a impressão de que é impossível escapar de um diagnóstico e uma destinação produzida. Nesse sentido, a Análise da Encomenda nos serve na avaliação das queixas que recebemos e exploração de seus sinais outros. Aquilo que aparece como demanda de cuidado para além do óbvio: por exemplo, uma pessoa que sofre do chamado “Pânico”, tem a dizer mais do que sintomas físicos que a tomam, trazendo à tona a importância de pensar o modo como estabelece as relações de confiança em sua vida, tal como se agencia com as perdas e consigo mesma.

A experiência é de quem sente

Implicado nisso, o psicólogo precisa avaliar sua função intercessora, emprestando-se à experiência compartilhada. Avaliar, pois, como oferece o corpo à escuta – o que, na Análise Institucional, se chama de Análise da Oferta – e elabora as narrativas que recebe. Em meio às suas intervenções, precisa indagar a si mesmo que atenção opera, que efeito tem seu posicionamento, que práticas está afirmando ou reafirmando junto a seu paciente, se está sendo possível elaborar no espaço terapêutico os sentidos daquela experiência de modo potencializador e que afirme uma autonomia possível ou se está sendo repetido o discurso do diagnóstico inescapável e, portanto, sendo reproduzida uma ideia de fracasso que constrange o corpo.

⁶² Pessoa, 2006, p. 112.

Corpo em embate
Rebate
Corpo pronto pro abate

Um corpo que se abre a essas análises se move na direção de uma luta de forma implicada, cuidando para não abater o outro com quem se encontra. Um cuidado implicado com uma luta, a saber, um cuidado que preza por sua dimensão coletiva, pode, então, resistir aos processos de reprodução daquilo que emerge como problema, como desassossego imobilizante. Pensemos os processos de estigmatização dos alunos que não aprendem na escola ou, ainda, os processos de desqualificação que insistem no lugar do corpo idoso adoecido: romper com os processos de reprodução dessas categorias é tecer, também, uma análise sobre o modo como essas condições tem sido produzidas, sustentadas e cuidadas. É criar uma rede de cuidado e gestão atenta. É, ainda, incluir o próprio corpo em seus desassossegos: rasgar espaços de liberdade onde o aluno, o professor, o enfermeiro, o idoso possam falar de si e sobre si, entre si, elaborando suas experiências com autonomia e deslocando-se de uma posição passiva, nas brechas do que for possível compor. O que um corpo-idoso quer falar quando questiona a mudança de padrões em sua própria casa, quando perde o espaço de reivindicar e decidir as pequenas funções domésticas? O que um corpo-estudante pode dizer sobre os modelos pedagógicos em prática, quando evade à escola? O que pode um paciente com crises de Pânico elaborar sobre sua condição a partir de suas próprias sensações e as pistas que seu corpo dá, ao invés de se justificar com o que diz o diagnóstico e, de algum modo, se acomodar à dimensão abismal do desassossego que convoca a ele olhares de vitimização?

*Arranco do pescoço uma mão que me sufoca. (...) Afasto, com cuidado, o laço, e é com as próprias mãos que me quase estrangulo.*⁶³

Em meio a essa discussão, uma questão fundamental é pensar como se sustentam os vínculos no encontro com cada caso, para que não estrangulem a vida. Para sustentar esse lugar é preciso uma construção cotidiana. O lugar de

⁶³ Pessoa, 2006, p. 55

psicólogo e o vínculo que se cria não são garantias de nada, nem podem ser previstos de antemão: diferentemente do lugar de um especialista asséptico que detenha um saber sobre os sintomas de seu paciente, o que se quer afirmar aqui é um lugar para uma psicologia interessada não nos encaminhamentos automatizados, mas na criação de vínculos, a saber, no limiar em que o corpo se torna mistura: no encontro entre saber, método, filosofia e gente, vida, mundo. Emaranhamentos que vão acontecendo enquanto se costura.

Sobre essa perspectiva de cuidado, uma experiência evoca à memória do corpo-pesquisador reverberando essa e outras questões: Oficinas de Elaboração Ética de Conflitos, criadas em uma parceria de estágio, onde propúnhamos um espaço cuidado em resistência aos modelos judicializantes e medicalizantes, que logo capturam os corpos nos lugares de vítimas e culpados, justificados ou não por diagnósticos de descrição agressivo-opositora e anti-social ou mesmo por comportamentos apáticos e rebeldes. Com as oficinas, operávamos um recorte no tempo sufocante que exigia as soluções mais imediatas e, muitas vezes, punitivas para as brigas no pátio, os desentendimentos entre professores e alunos e os impasses entre pais e filhos. Abrigávamos um momento para experimentar o “agora” dos corpos nas oficinas, em seus afetos, sensibilidades e desejos, apostando no exercício de construir uma rede de trabalho com os alunos participantes, onde a elaboração dos acontecimentos ia sendo desencadeada nas discussões e atividades do grupo. Em meio ao vínculo que criamos coletivamente, pudemos elaborar ferramentas para sustentar uma lida possível com os conflitos.

Dentre outros, um dos artifícios forjados no grupo foi brincar com o jogo corporal, cujos efeitos nos interessavam por implicar os corpos explicitamente. Fizemos uma roda de brincadeiras em que cada um dos alunos representava um novelo de lã que, ao cair da caixa de costura e rolar em diferentes velocidades, misturava suas linhas a outros novelos. No entrelaçamento de seus corpos, linhas de novelo, eles deveriam desenrolar, em silêncio, os nós que criavam. Essa brincadeira disparou uma conversa sobre experimentar outras formas de comunicação diferentes da fala e sobre a criação de estratégias de resolução dos próprios nós sem que machucassem um ao outro, afinal seus movimentos eram interligados e se afetavam mutuamente. Na exploração de movimentos e nas

tentativas de resolução, os participantes chegaram à conclusão de que seria impossível retomar exatamente a posição inicial, de modo que se tornou necessário investir no arranjo que comportava um ajuste coletivo. Mesmo que os deslocamentos operados não fossem os previstos, importava encontrar um conforto possível para todos.

Dessa imagem, emergiu uma questão relevante ao processo de tessitura cotidiana em meio aos conflitos: como lidar com o desafio que se coloca entre a liberdade individual e a dimensão coletiva? Trazendo os elementos trabalhados em outras linhas importantes para esta dissertação, uma resposta possível foi a respeito de criar em nós um modo de exercer o outro, algo que emergiu da fala de uma das alunas participantes: “Às vezes eu acho que eu sou uma escola ou uma profissão. As pessoas tem que aprender a me exercer, tem que me estudar, passar as séries... E eu também preciso aprender para estar com elas”.

Como corpo-pesquisador, corpo-psicólogo, cabe operar uma plasticidade em nós que traz como aposta exercer o outro, multiplicando os sentidos de uma intervenção. Habitando um exercício psi em constante formação, no processo de elaboração de nossos próprios lugares, uma das poucas conclusões certas a que se pode chegar é que é preciso tempo, é preciso cuidado, é preciso re-aprender a todo instante. Para exercer a vida, é preciso exercer o outro em si mesmo.

Esse modo de intervir ganha terreno micropoliticamente, se propondo um exercício de afirmar alteridades e possíveis, acolhendo a vida em sua multiplicidade. Para tal, desmontam-se os especialismos e as fronteiras entre os saberes, derrubando o lugar super-psi para constituição de uma prática transdisciplinar na psicologia. Um exercício de intervenção micropolítica (Rocha; Aguiar, 2010) – ou seja, experimentando, permeando e repensando os processos e políticas de subjetivação, o que faz desconstruir e reconstruir sentidos em jogo, a partir do pensamento-ação, da análise-intervenção. Uma intervenção que aposta, então, na a potência de existir, enquanto potência inventiva de si, na diferença.

Praticar desmontes: que é isso, pois, senão a soltura de alguns pontos, a criação de novos alinhados e outros arremates necessários? Intervir a partir de acontecimentos que nos indagam a nós mesmos de nossa posição psi e colocam

em análise o modo de funcionamento discursivo e terapêutico em certo tema de intervenção e mesmo as forças invisibilizadas, virtuais, na composição dos encontros entre sujeito, pessoas e coisas, deixando pontas para possíveis emendas. O psicólogo se encontra sempre com um tecido coletivo composto por forças em embate - podemos chamá-lo de plano, pois, de imanência. Assim, nesse plano onde se dão os embates entre corpos, saberes, discursos e práticas, algumas forças se condensam e se reproduzem. Estas cristalizações em forma de Verdade, como a imagem do automatismo da máquina de costura ou da máquina de escrever que pouco acolhem linhas tortas em suas marcas e impressões, tendem a eliminar os desvios ao padrão. No entanto, como o tecido para o alfaiate ou o papel para o escritor, as experiências subjetivas merecem uma ética em seu manejo e, portanto, mesmo que se lance mão de dispositivos técnicos, é preciso operá-los com cuidado. Desaprender os automatismos, para que se possa afirmar a vida como ato de criação contínua. O corpo inacabado, artista de si mesmo.

*Mas é preciso esquecer
Para perseverar em liberdade
Tomar ao avesso essa tal vaidade...*

Assim, a análise do campo permite visibilizar, além das consolidações e seus perigos, outros caminhos possíveis, resistências, movimentos que escapam aos modelos instituídos.

Acreditar no mundo é também suscitar acontecimentos, mesmo que pequenos, que escapem do controle, ou então fazer nascer novos espaços-tempos, mesmo de superfície e volume reduzidos. [...] É ao nível de cada tentativa que são julgadas a capacidade de resistência ou, ao contrário, a submissão a um controle. São necessários, ao mesmo tempo, criação e povo. (Deleuze, 1990, p. 73)

Uma discussão a nós muito cara, quando buscamos sobreviver às forças de vigilância e silenciamento cristalizadas no contemporâneo, que carrega consigo funcionamentos concomitantes disciplinares e biopolíticos, conjugando processos de controle e comunicações imediatos e contínuos. Como fazer sobreviver um corpo-resistência, quando a diferença é capturada e estrangida mesmo quando se expressa no ar, no virtual, no cibernético? Quando o desassossego é negativizado e

expurgado ainda antes de se consolidar, através de barreiras prescritivas para uma qualidade de vida ideal ou através de mapeamentos cerebrais que definem possíveis distúrbios a se desenvolver no futuro, antecipando os tratamentos? Deleuze (1992) arrisca uma resposta, sem garantias, mas que nos aponta uma aposta ética: de que é sempre possível criar movimentos de resistência, mesmo em meio aos processos mais emaranhados, apertados, capilarizados. Além disso, nos inspira a pensar que talvez não se trate de uma retomada da palavra para se "ganhar voz": talvez se trate de quebrá-la, de rachar a comunicação, de subverter as palavras e sensações e torná-las outra coisa;

*Desdizer o grunido do inferno
Desgrunir.*

Talvez se trate de criar vacúolos de silêncio, de não comunicação; criar interruptores, interceptores para escapar ao controle permanente e, dentro das questões trazidas nessa dissertação, de rasgar a dureza dos conceitos, erudições, automatismos, escapar à captura do corpo feita pela racionalização do “desassossego que padece”, inventar linhas que reinventem uma psicologia e um corpo-psicólogo-pesquisador. Uma aposta pautada, ainda, em ações coletivas, em novas combinações que podem ser criadas em meio e apesar das condições históricas, nesse tecido coletivo que nos implica em tantos nós. Uma aposta, portanto, intempestiva, que traz o corpo como potência de passagem e invenção de novas formas de existir e persistir na existência. Algo como uma estratégia do corpo de subverter a si mesmo e àquilo que aparece como armadilha; algo como transformar a armadilha em dispositivo de luta e de vida. No caso de Soares, estratégia traçada pela escrita de si, recriando na linguagem sua comunicação com a vida e tomando para si outros possíveis. Algo que se pretende operar com essas palavras todas aqui dispostas, na superfície da pele, do corpo, do tecido coletivo, ao mesmo tempo em que se dispõe aos possíveis. Nós, em superfícies, criando novos arremates.

*Absurdemos a vida, de leste a oeste.*⁶⁴

⁶⁴ Pessoa, 2006, p. 345.

4.2. BORDANDO COLETIVOS

*Coisas e fugas,
Rimas e suas rugas,
Contornos e curvas,
Tortuosidades turvas:*

*Uso as rimas como quem brinca,
Propositadamente num ritmo chato
Posto que somente repetindo
É que se pode inovar, de fato.*

Escrevemos, sempre, por linhas tortas

Psicologia da superfície. Mais um esforço de explicar algo que não se pode fixar em palavras montadas, delimitadoras dos percursos possíveis e por vir. Psicologia que aposta nos encontros, psicologia que atenta aos seus efeitos. Psicologia sem forma, psicologia que desliza entre olhares daquele que demanda e daquele que oferta. Psicologia turva de se ver...

Elaboro o olhar de outra escuta

Falar dessa clínica possível, de uma psicologia em que nunca se sabe ao certo, de antemão, traz uma dificuldade no encontro com a linearidade da razão, que espera por uma resposta coerente. Qual a sua linha, qual a sua corrente? Perguntas polêmicas. Que linhas segue uma psicologia dos encontros? Que correntes atam uma psicologia por vir? Aliás, quê?

Nesse grande nó desconcertante, a psicologia desenlaça as perguntas, desvia das respostas e recompõe outras indagações. Refaz arremates, desfiando as pontas. Será que uma psicologia precisa definir suas linhas teórico-metodológicas com tamanha precisão? Afinal, linhas que se devem seguir encerram outras aberturas, limitam os deslocamentos, automatizando a prática psi. Então, não seria o

caso de usar linhas e correntes como dispositivos, como enfeites? Pode-se, quem sabe, fazer um belo acessório para vestimentas provisórias; um acessório que ganhe novas estéticas a cada nova combinação, talvez. Algo que, de algum modo, implique em experimentar continuamente, criando arremates e formas, desde que se saibam provisórias e sempre possíveis de reformar. Psicologia-tecido em sua potência elástica de sempre ser reinventada. Pois se algo se estabelece, se alguma linha se segue, é o processo do movimentar, dobrar, deslocar, arrematar... Movimentando, dobrando, deslocando, arrematando e inventando moda, junto com outros gerúndios mais espalhados no texto, próprios de uma costura manual.

Qual a sua linha, qual a sua corrente? Não saber parece ser um problema. Parece. Não saber qual a linha ou corrente que se segue para uma psicologia por vir é, talvez, assumir que não há correntes nem linhas prontas a serem manejadas. Talvez seja preciso fazê-las, compondo com nós e arremates. Ou, quando for o caso de segui-las, que seja provisoriamente, entre linhas retas, mas também tortas, coloridas, enlaçadas. Linhas presentes na composição do casaco de retalhos dessa dissertação.

Novelos... em tessitura

Uma tal psicologia narrada em seu processo de construção cotidiana em meio às práticas clínico-políticas em que mergulha seus alfinetes e enfeites, por entre peles e parapeitos e intervenções. Por entre desassossegos que, como vistos, são permutados do senso comum, do sentido inerte, à sua potência dispositiva de conexão e criação: fluxo de passagem para os movimentos de resistência ao que se institui e, também, movimentos de reinvenção de si; nunca inerte, sempre em movimentos variáveis e engatilhadores.

Como demarcar as fronteiras da clínica que sustenta esse modo de olhar, com a dificuldade de delimitar um nome para a psicologia em que se aposta? Qual a linha? Linhas tortas! Linhas coloridas. No plural das linhas atravessadas em nós. Posição ético-estético-político (Guattari, 1992) em que o corpo-pesquisador, corpo-psicólogo, corpo-escritor arremata a si mesmo junto ao tecido, dobrando-se, constituindo-se profissional psi, em um movimento maquínico heterogêneo, e não

mecânico-automatizado, engendrando idéias, pensamentos e afetos em sua formação.

É com essas linhas plurais, engendradas, que a costura acontece, que a psicologia transborda da superfície, fluindo, deslizando, marcando, enquanto se tece.

Uma Psicologia que transborda é uma psicologia que não se aplica, que não existe ensimesmada e encerrada. Que se está por inventar, portanto. Uma psicologia dos possíveis, por entre os preceitos de um campo de saber já constituído e o plano de indeterminação dos encontros e intervenções que se criam neste mesmo campo. Trans-borda, afinal precisa seguir em muitas diagonais tortas, vieses, para criar consistências para si, ligando o que sabe ao que precisa desaprender na experimentação de seu corpo-sensível, em sua capacidade plural de afetar e ser afetado, abrindo-se a semânticas virtuais. Trans-borda, porque precisa se descentralizar do lugar de especialismo que tudo deve explicar e resolver para habitar os cantos, a margem, as bordas de uma psicologia, de uma estética, de uma ética que colhe e narra histórias na relação entre corpos-psicólogos, corpos-problema, corpos-potência. Desassossegos-aberturas e, por isso, dispositivos clínico-estético-políticos.

Trans-habitar as bordas de um saber psi implica em reinventar intervenções possíveis e a própria posição do psicólogo, afirmando uma ética para si na criação de novas sensibilidades. Ética que se inventa em meio aos desassossegos e virtualizações que passam por um corpo-psicólogo em seu exercício de inacabamento.

Assumindo a possibilidade de um nome para um método de compor com linhas tortuosas, coloridas e plurais, enlacemo-nos à Clínica Transdisciplinar. Com ela, entendemos a possibilidade de colocar em questão não apenas o campo temático sobre o qual se quer investigar, mas o próprio lugar de especialista (Neves; Rauter; Passos; Eirado, 1996) convocado a enunciar sobre ele, de tal modo a fazer tremer as fronteiras entre as disciplinas, os profissionais e as demandas.

*Trasformando l'oggettività
Di un corpo straniero
In un'altra sensibilità*

Desse modo, coloca-se em questão tanto a constituição do campo em seu status de 'problema' quanto do próprio modo de conhecer. Desloca-se, assim, o investigador de seu lugar de suposto saber, arriscando-se a olhar a trama que constitui a demanda que o convoca e que, portanto, o constitui também. Movimento arriscado, posto que implica na desestabilização de suas próprias certezas, sendo necessário cuidado e, ao mesmo tempo, afinação com seus referenciais teóricos, para que não se deixe fixar ao pólo do relativismo nem ao pólo do absolutismo.

Cabe, aqui, esclarecer um pouco do que se tratam tais pólos e, portanto, como habitar entrelinhas que permitam uma análise crítica e, ao mesmo tempo, ética. Uma abordagem transdisciplinar traz consigo, necessariamente, a importância de avaliar as implicações do pesquisador, a saber, aquilo que o convoca, o inspira, o move, o afeta e também os efeitos daquilo que faz e deixa passar. O conceito de análise de implicação (Baremblytt, 1996) mais uma vez indica a importância de avaliarmos, enquanto clínico-pesquisadores, aquilo que pensamos, afirmamos e conduzimos. Mais ainda, o modo como intervimos; as forças que passam por nós, aquilo que deixamos escapar e como deixamos; o que sentimos diante de alguma questão; o que tal questão coloca em análise para nós mesmos; como nos constituímos em nosso campo de saber; que posição afirmamos e queremos afirmar; como e do que abrimos mão ou lançamos mão ao afirmar nossas posições; que ética nos direciona; que ética assumimos e precisamos sustentar; que efeitos precisamos acolher e como trabalhamos a partir deles; como nos agenciamos com aquilo que nos chega; como, ao invés de tecermos análises e discursos sobre algo, nos misturamos; de que forma é possível estar com o outro nas diferenças que nos permeiam. No vai e vem da agulha, as linhas não ficam sobre o tecido, mas enlaçadas junto.

Tais indagações, as quais devem ser constantes, são ferramentas fundamentais para que possamos cuidar daquilo que fazemos, uma vez que nos

permite avaliar como nos encontramos com os discursos hegemônicos, com os direcionamentos moralistas e com os impulsos instintivos que, inegavelmente, também nos constituem. Analisar nossas implicações para, portanto, nos lembrarmos de nossas próprias armadilhas e lembrarmos, ainda, de que é possível transformá-las em outras brechas para intervenções mais potentes se nos dermos conta de como se atualizam em nós e dos efeitos de nossas práticas. Cuidar daquilo que fazemos para cuidar do que fazemos com o outro e, portanto, cuidar do outro também.

[...] um cuidado interpelado

Não se trata de romantizar o lugar do clínico-pesquisador, como se fosse possível a perfeição. Não se trata, aliás, de perfeição nenhuma. Trata-se, justamente, de um movimento de se dar conta de que tudo acontece por engendramento de fatos, pensamentos e afetos os quais nos atravessam também. Neste sentido, está posto que não se trata, por um lado, de afirmar um modo de conhecer fixo, dotado de certezas indubitáveis uma vez que concluídas a partir de um lugar de saber neutro e desimplicado, posto que estamos em meio aos processos com nossos corpos, sendo a todo tempo afetados, expandidos ou comprimidos, em nossa potência de agir e pensar, habitando uma linguagem em parapeito com spinozista (Deleuze, 2002). Por outro lado, não se trata de renegar quaisquer conclusões e análises, afirmando um discurso relativista do ‘tudo pode’ porque ‘cada um é de um jeito’: ao fazer isso, se perde uma dimensão muito importante – a dimensão do coletivo:

Corpos-caminho

[...]

*A construção de um ethos,
A ética de um comum que se dará*

– e se enfatiza o modelo individualista que não chega a lugar algum, se não o do relativismo. Trata-se de poder olhar para aquilo que nos chega atentos menos ao que moralmente deve ser e mais ao que eticamente fortalece a vida (Neves, 2009),

como dimensão coletiva, na qual interessa criar um plano de compartilhamento com o outro, posto que é convocação de encontros.

Eis o porquê de a todo instante esta dissertação trazer, no corpo-psicólogo em parapeitos e encontros hora mais explícitos, hora mais implícitos, o corpo-clínico, pesquisador e escritor: posto que não é possível dissociar clínica e pesquisa, uma vez que clinicar é pesquisar a si e ao outro, ainda que nem toda pesquisa seja um fazer clínico – e a escrita é um meio através do qual esse encontro vai sendo elaborado. Nessa experiência, fica-nos a perspectiva de uma clínica que é sempre pesquisar e de um pesquisar que é também clínico, já que se está afirmando, aqui, uma sensibilidade transdisciplinar (Neves; Rauter; Passos; Eirado, 1996).

Outra ressalva que deve ser feita é que não cabe a crítica de que a transdisciplinaridade deixa de olhar para o campo problema supostamente dado e passa a olhar apenas o corpo-pesquisador/clínico, como se perdesse algo. Primeiramente, porque a abordagem transdisciplinar rompe com a idéia de que haja um campo previamente determinado, antes da chegada do pesquisador. A transdisciplinaridade esgarça a dicotomia entre sujeito conhecedor e objeto conhecido, tal como outras tantas dicotomias entre teoria e prática, ciência e filosofia, individual e coletivo (Neves; Rauter; Passos; Eirado, 1996). O pesquisador emerge deste lugar no momento em que emerge o “problema” como campo empírico, como que desdobrado dos nós. Em segunda instância, essa crítica não cabe, uma vez que olhar para suas próprias práticas enquanto clínico não é esquecer do outro, mas sim olhar o outro com outro olhar: reaprender a olhar, reaprender sobre o próprio olhar que se tem para com as coisas, conforme nos ensina Alberto Caeiro:

*Procuró despir-me do que aprendi,
Procuró esquecer-me do modo de lembrar que me ensinaram,
E raspar a tinta com que me pintaram os sentidos*⁶⁵

⁶⁵ Pessoa, poesia de todos os tempos, s/d, p. 66.

Neste aprendizado de si com o outro, o qual o psicólogo, como corpo aberto também experimenta junto com seu paciente, em parapeito, o que está em jogo é olhar para as linhas de composição dos desassossegos: indagando as semânticas atuais e afirmando virtualidades, abrindo brechas aos exercícios autônomos, resistindo às expectativas de coerção, correção e ampliando, ainda, o campo de intervenção e análise uma vez que se está atento às forças plurais que o constituem. Um exercício nada fácil, porém, que demanda um descolamento de si mesmo daquilo que se cristalizara no corpo outrora.

Assim, conhecer ganha outros sentidos. Na transdisciplinaridade, diferente dos modelos cartesiano – em que o sujeito é fundador do conhecimento – e kantiano – em que a razão é reafirmada na possibilidade de ser neutro e objetivo –, o que nos inspira é uma possibilidade de conhecer junto com o outro, a partir daquilo que o corpo sente, a partir dos efeitos dos encadeamentos de fatos e sensações experimentadas. Através dos verbos da costura, dos encontros em parapeitos. Conhecer que, em uma inspiração-mistura entre intercessores vários, é um aprendizado como experimentação de si, daquilo que fortalece e daquilo que comprime a vida⁶⁶. Conhecer que é desconhecer, desconfiar, desnaturalizar, em primeiro momento, aquilo que nos chega para intervir junto e construir uma vida que valeria, inclusive, ser repetida em sua potência de diferenciação constante.

Fazer clínica-pesquisa, fazer pesquisa-clínica é, portanto, um movimento coletivo, implicado e sensível. Um movimento de entranhar um modo artista de viver, posto que se está sempre por reinventar o corpo nos gerúndios de verbos da costura: movimentando, dobrando, arrematando, inventando...

4.3. SOLTANDO FIOS E DEIXANDO PONTAS

*A única arte verdadeira é a da construção.*⁶⁷

⁶⁶ Entende-se, assim, que esta não se trata de uma idéia referenciada a Spinoza, uma vez que se inspira no encontro de não apenas ele, mas também Foucault, Deleuze, Pessoa, Tarde, Nietzsche, Levy e outros autores que esta dissertação acolhe e comporta em uma apropriação autônoma.

⁶⁷ Pessoa, 2006, p. 249.

Entrelaces entre uma psicologia por vir a e uma estética dos possíveis, entre poesia e produção de subjetividades no contemporâneo. Entre corpo, entre as linhas, entre parapeitos e escritas desassossegadas. Entre desassossegos que comportam a leveza de se abrir em movimentos. No enlace entre a dimensão de sonhar a que Bernardo Soares nos convoca e uma tessitura de existência possível para um corpo e uma prática psi, o desassossego é afirmado como possibilidade de criar movimentos, por disparar problematizações e deslocamentos. Trata-se não de venerá-lo muito menos recusá-lo, mas de fazer dos desassossegos, em nós, constituintes da vida que se recria, inspiração e dispositivo de reinvenção de si.

*É preciso ser leve
Para se tornar outro*

Na literatura, Fernando Pessoa tem uma ousadia singular. Ao invés de escrever a partir de Eu-Líricos, conforme tradicional no universo poético, Pessoa tece sua escrita pela heteronomia, ou seja, pela criação de outros Eus que possuem uma biografia pessoal e modos singulares de escrever e pensar. Heterônimos que possuem e criam referenciais próprios, mas que, no entanto, se misturam uns aos outros e com o próprio Pessoa, reconfigurando, inclusive, uma semântica para a heteronomia. Um método de escrita que deixa de ser pura metodologia no momento em que constitui o próprio modo de viver do artista-experimentador-de-si.

Tanto Nietzsche (1988) quanto Pessoa (2006) afirmam a indissociabilidade entre pensar e escrever e, mais ainda, entre pensamento e vida, sendo ‘pensar’ também experimentar certo modo de viver. O filósofo constrói uma filosofia que se dê às marteladas, de modo que o próprio pensar se configura como um ato de violência. O poeta, por sua vez, defende uma arte antigregária, ditatorial, através de Álvaro de Campos.

Álvaro de Campos, um dos principais heterônimos de Fernando Pessoa, em “Apontamentos por uma estética não-aristotélica” (1924-1925) afirma uma estética não voltada à beleza e ao agradável, como a arte gregária, característica do rebanho, mas baseada em uma idéia de força, que opera pela sensibilidade. Para

ele, as forças da arte são também da vida, sendo a força vital dupla – de integração e desintegração. Sua aposta é em uma arte intempestiva, que sensibilize pela força, não pela inteligibilidade.

Indo ao aspecto fundamental da integração e da desintegração, [...] vemos a integração manifestar-se como coesão, a desintegração como *ruptibilidade*, isto é, tendência a [...] o corpo se cindir, se quebrar, deixar de ser o corpo que é. (Álvaro de Campos, 1924-1925)

Trazendo Fernando Pessoa, seus heterônimos e, especialmente, o semi-heterônimo Soares como intercessores para pensar uma estética possível – não só da arte, mas da existência –, na tessitura de um diálogo em parapeitos, afirma-se a reinvenção de si, arte-de-si, como aposta ética. Uma ética-estética pautada na experimentação do sossego e do desassossego, do estável e do instável, sem se deixar reprimir pelo o que quer imperar como linearidade na vida, nem sucumbir no abismo das variações.

Dispara lá um movimento que recorta. Olha lá!

Dos autores em parapeito, Foucault (1985) é um dos que se dedica a pensar uma estética da existência, também chamada de arte de viver. Tal arte expressa, na cultura estóica, a relação dos indivíduos com a vida – a vida, portanto, como obra de arte inacabada e sempre em processo de construção. É em sentido complementar que Deleuze e Guattari ressaltam a arte como cura, a arte como processualidade, como possibilidade de reinvenção de si.

*Quero ser uma obra de arte, da alma pelo menos, já que de corpo não posso ser.*⁶⁸

Do encontro em parapeito com os autores trazidos, enfim, emerge uma crítica à ideia da arte cimentada ao objeto concreto do artista, legitimada pelo especialismo e pela técnica da arte. Assim, escapam da ligação rígida e naturalizada entre a arte e o artista e trazem-na em seu sentido mais ampliado. Arte, então, é entendida por eles como ato criativo na vida, combinações de fluxos e forças, atualizando

⁶⁸ Pessoa, 1986, p. 175. Apesar de fazer uma separação, nesta citação, de corpo e alma, em outro trecho Soares afirma: “E, como a alma corresponde sempre ao corpo[...]” (Pessoa, 1986, p. 208).

movimentos múltiplos (Deleuze; Guattari, 1972). Artesanato, costura manual, arremates em aberto.

Deleuze e Guattari enfatizam a arte como processo de reinvenção de si. A arte é tomada por sua dimensão potencial revolucionária (Deleuze; Guattari, 1972, p. 398), de modo a colocar em xeque os valores hegemônicos de seu tempo. Tal idéia se relaciona ao “cuidado de si”, como exercício de fabricar-se, em uma prática autônoma, na produção de novas formas de ser e se vincular. Novas formas, portanto, que constituam resistências aos modelos padronizados e vigentes, afinal “os modelos não nos fazem pensar, e, sim, aderir” (Machado, 2010).

A arte, enfim, pode se constituir como processo de resistência, movimento de resistência, para a inauguração de novos possíveis frente às forças hegemônicas que dão tons homogêneos para a vida. Tal questão remete, ainda, ao conceito grego de “aprendiz experimentador de si” (Lima; Minayo-Gomez, 2003); aquele que, em meio de suas experimentações, em meio aos nós, não se prende aos ideais previamente estabelecidos e se lança a descobrir novos movimentos, inéditos e inventivos de ser. Nós rearticulados em outras emendas. Assim, “conhecer-se a si mesmo”, no exercício de elaboração ética do cuidado de si, implica em uma forma de experimentar o corpo, criar sensibilidades, em uma prática de formação constante. É o que outro autor em parapeitos, Nietzsche, afirma com a formulação “torna-te quem és”, pois quem és é justamente corpo em contínuos processos de diferenciação (Nietzsche, 2008).

Abandonar todos os deveres, ainda os que nos não exigem, repudiar todos os lares, ainda os que não foram nossos, viver do impreciso e do vestígio, entre grandes púrpuras de loucura, e rendas falsas de majestades sonhadas... (...) Errar sem alma nem pensamento, sensação sem si-mesma, por estrada contornando montanhas, por vales sumidos entre encostas íngremes, longínquo, imerso e fatal... Perder-se entre paisagens como quadros. Não-ser a longe e cores...⁶⁹

Um corpo treme

⁶⁹ Pessoa, 2006, p. 72.

Na intercessão, habitando parapeitos, se abre brechas a uma psicologia que se dê em meio à inventividade, própria à vida como obra de arte. Inventividade no sustento de uma aposta ética que é a de estar sensível ao que a queixa ou sintoma indicam, ao que incomoda, ao que o incômodo coloca em xeque. Estar atento e construir um corpo sensível ao que o desassossego traz como possibilidade de intervir a partir dele mesmo, explorando seu manejo delicado, como exercício de transformação e produção de deslocamentos no real cristalizado.

Meu coração a ti aberto!

*Como uma espada traspassando meu ser erguido e estático,
Intersecciona com meu sangue, com minha pele e os meus nervos,
Teu movimento contínuo, contíguo a ti própria sempre*⁷⁰

Esta dimensão do desassossego se apresenta como uma possibilidade de reinventar sentidos, como força potente que se põe no embate com as forças que reduzem a vida em sua capacidade de derivar. Uma dimensão que, assim olhada, opera em nós lógicas de pensamento outras, que não a hegemônica racional e linear a qual tende a negativizar e calar a diferença, sob pretextos de ideais e normais. É, pois, uma dimensão, modo de olhar, uma ética que deve estar sempre em suspenso, sempre ali, no horizonte das intervenções do psicólogo, produzindo outros desassossegos e novas elaborações para sua própria prática.

Aqui está posta a questão da formação – e, por que não dizer, da reinvenção – de um corpo-psicólogo. Corpo-sensível inacabado disposto a interpelar a si mesmo. Corpo-pesquisador de uma psicologia sempre por vir, corpo em parapeitos com a escrita, com a costura, com as intervenções. Todos esses parapeitos, encontros que se abrem a ser, eles mesmos, movimentos de criação em nós, exercício de potência de afetos, e não economia das sensações, afirmando naquilo uma ética que comporta resistência e reposicionamentos. Ética que reinventa também novos sentidos para o desassossego, problematizando o sentido hegemônico que carrega como desvio, erro, incapacidade, nó impossível de soltar. Assim, o desassossego emerge como, além de campo de intervenção a que o

⁷⁰ Pessoa, 2012, p. 278-279. Poema: Afinal a melhor maneira de viajar é sentir.

psicólogo é convocado a manejar, também condição para deslocamentos na experiência subjetiva. Tecido coletivo onde nós também somos.

Os processos de formação de um corpo-psicólogo sensível e, portanto, a tessitura colorida de uma “psicologia por vir” compartilham, também, parapeitos com as linhas grossas, dentre elas os investimentos contemporâneos sobre o corpo medicalizado no que tange os modos de cuidar de certo campo de saúde mental que nos convida a lugar o qual precisamos repensar.

*[...] porque é manhã em mim.*⁷¹

Viver este processo de formação, experimentar esse inacabamento, traz, em seus desassossegos próprios, as brechas potentes de deixar passar por nós um movimento que recompõe a nós próprios. Recomposição através de algo que, na semântica aberta dessas palavras, inspira o corpo-pesquisador a tracejar como “relação de parapeitos”, diante de encontros e referências distintas, plurais, mas coexistentes entre si e com a clínica, com a política, com a estética...

Partir desta concepção de corpo, implicando na operação de uma atenção àquilo que potencializa ou despotencializa, traz a importância de uma seletividade do que afirma a vida. Seletividade micropolítica, que convoca à problematização desses afetos e à problematização do status atual hegemônico a que nos acomodamos. Que vida se pode construir, como potência? Que normas de vida podem ser construídas na afirmação deste corpo?

Tais perguntas trazem ao debate da Psicologia uma outra questão fundamental: o que pode a Psicologia? Que Psicologia se pode inventar? Respondendo a isso sem a intenção de encerrar os questionamentos, é necessário desaprender um pouco, desaprender deste corpo os nós amarrados fortes para reaprender um novo corpo em nós. Palavras brincam e trazem outros sentidos. Desatar a dureza de certo modo hegemônico de conceber a Psicologia como um campo de saber que oferece soluções certas e que compreende os processos da

⁷¹ Pessoa, 2006, p. 64.

existência como se fosse possível compreendê-los de antemão. Desatar, portanto, as amarras de uma psicologia estabilizada no tecido codificado das identidades, da dicotomia entre interior-exterior, dos determinismos sociais e psicológicos que rondam nosso campo de saber. Desatá-las para transbordar o cristalizado como ideal, como normal, como problema, como verdade, como nó aprisionante.

Ainda que pareça um debate um tanto vago, quando lido rapidamente em curtas palavras, esta aposta é extremamente consistente: se firma em meio ao plano intensivo de relações, no qual interessa atentar ao jogo entre atual e virtual para, também, recriar uma luta ético-estético-política e uma política-ético-estética do encontro, inventando um corpo outro, inacabado, mas outro, para sustentar esta aposta.

*Tudo em mim é a tendência para ser a seguir outra coisa; uma impaciência da alma consigo mesma, como com uma criança inoportuna; um desassossego sempre crescente e sempre igual.*⁷²

Um corpo inacabado: aquele que não se restringe às sensibilidades sensório-motoras e, justamente ao contrário, se abre ao plano de movimentos redirecionando seu olhar aos processos de constituição dos acontecimentos, de tal modo que seja possível operar, em ato, uma ruptura com os processos que apequenem a existência, reinventando, assim, as relações sobre as quais se debruça. Corpo que, em certo sentido, emerge como o corpo-sem-órgãos, trazido por Deleuze e Guattari (1996), no qual tudo se traça e foge, ele mesmo uma linha abstrata, que irrompe à si mesma; corpo sem organismo-organizado, criado ali onde se dissolvem os limites do eu e do outro, em parapeito, em paisagens, em intercessões. Um corpo, enfim, superfície de indeterminações, de fluxos de forças plurais em atravessamentos. No entanto, tal corpo poderia se inspirar, coexistente nos paradoxos, no corpo-utópico sugerido por Foucault (2013), sempre conectado a outros lugares e coisas: incompreensível, opaco, penetrável, aberto e fechado. Além disso, poderia, ainda, operar como o corpo-vibrátil de que nos fala Spinoza, (2008), em sua variação de potências, em sua cinética e dinâmica.

⁷² Pessoa, 2006, p. 49.

Assim, nesse emaranhado, o corpo emerge, sempre inacabado e, também, indefinível, sob uma série de sem-nomes: por habitar parapeitos com diferentes autores, escolhe escapar das conceituações pré-referenciadas. Corpo-sensível, corpo-mistura, prefere ser. Corpo-abertura. Corpo-em-parapeitos. Corpo-tessitura. Corpo que habita palavras e agulhas, tecidos e papéis, terapêuticas e análises, pesquisas e análises provisórias. Corpo-arremates-sem-arremate-final. Corpo de linhas ainda a desfiar, continuamente. Corpo sem órgãos, utópico, vibrátil, hiperconectivo, sensível, corpo de semânticas plurais...

É, enfim, o corpo espaço de encontros e de sabe-se lá que efeitos por vir. É o que tem sua pele permeada, corpo-pele. É ele a superfície onde se misturam o pesquisador, o clínico, o escritor, o estrangeiro de si mesmo. Eis aqui pespointo dos nós desassossegados que habitam a formação de um corpo-psicólogo inacabado. Este é o corpo de quem escolhe as palavras para este papel, através do teclado do computador. Mas pode ser seu corpo. Corpo do outro. Corpo nosso. Corpo de ninguém exatamente ou corpo comum. Corpo coletivo, portanto, compartilhado. Cada corpo se desdobra e redobra, tecendo alinhavos, de modos singulares. Mas, seguindo algumas linhas, criando diagonais e linhas tortas, esgarçando um pouco, estamos nós, em nós, tecidos juntos. Eis aqui, na superfície de um corpo inacabado, que a agulha da costura manual se fortalece e se encontra com o leitor e, conseqüentemente, com alguém com quem o leitor se encontra.

Rêtorcem os fios, as linhas do texto.

Leitor, agora convido-te a continuar a costura que vinhas tecendo com o que servir destas novas linhas compartilhadas... Em um modo maquínico, mas ainda artesanal, de realizar uma escrita-intervenção nos verbos da costura, estamos nós, desassossegados, desfiando as pontas e inventando enfeites coletivos.

Não passar o texto à máquina de costura, retornando às considerações para os desavisados, para não apertar demais os nós, tornando-os quase invisíveis sob as categorias universais, diagnósticos patologizantes e encaminhamentos

apressados... Não passar o texto à máquina de costura. Na costura manual, em certos momentos algumas marcas são feitas estrategicamente, para ser possível firmar as linhas provisórias, mesmo as tortas e coloridas. São essas as marcas feitas, os arremates montados: Vida, Arte, Dobra, Ética Psi, termos destacados na escrita, como gatilhos processuais alinhavados aos verbos nos gerúndios de alfaiate. Que se possa avaliar, quando necessário, fazer uso da máquina também provisoriamente, o que não deixa de afirmar o manejo artesanal do tecido. Mas que, de algum modo, isto possa permitir, do lugar de leitor, não a leitura de um texto onde lhe será transmitido algum conhecimento, mas a experimentação de si mesmo em deslocamentos, como pesquisador também nestas linhas, para criação de novas semânticas da vida.

Porque há uma aposta em viver, há uma ética. No habitar o tempo do texto, mais lento ou acelerado; no habitar os desassossegos da clínica e da pesquisa, mais atento ou menos atento às implicações em nós mesmos. De algum modo, há uma ética. Quais linhas podemos percorrer entrelinhas coloridas, grossas, finas, fugidias, tortas, retas? Pode-se, quem sabe, percorrer tracejados vários, provisoriamente, de modo que somos todos demasiado humanos (Nietzsche, 1986) para escolher um só fio infalível. Demasiado humanos para renegar, por outro lado, as linhas retas, quando elas são necessárias também. Demasiado humanos para exagerar nas linhas tortas, apenas, deixando-nos prender a nós mesmos em armadilhas abismais, também. Na afirmação de uma grande saúde em nós, como potência de vida em expansão, que possamos nos reposicionar autonomamente, como espíritos livres, experimentando a vida em certa coragem e leveza, entre o raro e o excesso, sem deixar-nos escravizar aos extremos.

[...] a esa superabundancia de fuerzas plásticas, educadoras y reconstituyentes, que son precisamente la señal de la gran salud, superabundancia que da al espíritu libre el peligroso privilegio de vivir a título de experiencia y correr aventuras, el privilegio del espíritu libre. (Nietzsche, p. 10, 1986)

Sejamos, pois, artistas dos possíveis, ainda que não tenhamos uma técnica que nos enlace ao campo mercadológico da Arte das letras maiúsculas, como campo de saber que guarda em si uma erudição. Logo, que essas linhas todas, em tessitura, em parapeito, possam desfazer alguns emaranhamentos, mas conectar

outros vínculos potentes, enlaçar travessias diversas por entre uma vida, uma arte, uma ética possível. Que possamos dobrar a nós mesmos, seja no texto ou no artesanato ou na engenharia, seja no campo de intervenção profissional e pessoal em que estivermos; que possamos desdobrar em nós as forças que potencializam a vida, que potencializam a nós mesmos.

Vivendo, sendo artistas de nós mesmos emaranhados; dobrando, cuidando eticamente de uma prática possível. Inacabemos juntos, pois, desfiando-nos os nós, gerúndios continuados e compartilhados.

*Inacabo, então.
Vou (in)completando meu corpo
Com a tinta
Por instinto,
Escrevo por sonhar.
Não dou sentidos:
Sinto
Fora da razão.

Que fique por inacabar...*

Bibliografia

AGUAMBEN, G. **O que é um dispositivo?**. Tradução de Nilcéia Valdati. Santa Maria - RS: Ed. Palloti, 2006.

AGUIAR, K.F.; MONTEIRO SILVA,V. **Das queixas aos problemas escolares: o plantão institucional como dispositivo**. In: IV Congresso Internacional COTIDIANO: DIÁLOGOS SOBRE DIÁLOGOS, nº 1, 2012. Niterói. Anais... Faculdade de Educação/UFF. Divulgação: Meio digital. 2012, p.1-9. ISBN 9788560153.

AZEVEDO, E.; PONGE, R. **André Breton e os Primórdios do Surrealismo**. Revista Contingentia. vl. 3, n.2, nov/2008 – p. 277-284. Divulgação: Anais do I Fórum das Literaturas Estrangeiras Modernas. UFRGS 23/09/2008 – 25/09/2008. ISSN 1980-7589.

BARTHES, R. **A Morte do Autor**. In: *O Rumor da Língua*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2004.

BAREMBLITT, G. **Roteiro para uma intervenção institucional padrão**. In: *Compêndio de Análise Institucional* (p. 101 – 119). Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 3ª edição,1996.

BLANCHOT, M. **O livro por vir**. Trad: Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2005.

CAIAFA, J. **Nosso século XXI notas sobre arte, técnica e poderes**. Rio de Janeiro: Editora Relume-Dumará, 2000.

CANGUILHEM, G. **O normal e o patológico**. Tradução de Maria Thereza Redig de Carvalho Barrocas e Luiz Octávio Ferreira Barreto Leite. 5ª edição. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2002.

Ó, J. R. do; COSTA, M. V. **Desafios à escola contemporânea: um diálogo**. *Educ. Real*, Dez 2007, vol.32, no.02, p.109-116. ISSN 0100-3143.

DELEUZE, G. **A dobra: Leibniz e o barroco**. Trad. Luiz B. Orlandi. Campinas: Ed. Papyrus, 1991.

_____. **Diferença e Repetição**. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Lisboa: Ed. Relógio d'Água, 2000.

_____. **Espinosa: filosofia prática**. São Paulo: Ed. Escuta, 2002.

_____. **O devir revolucionário e as criações políticas**. Entrevista de Gilles Deleuze a Toni Negri. Tradução: João H. Costa Vargas. *Novos Estudos: CEBRAP*, n. 28, 1990, p. 67-73.

_____. **O que é a filosofia?**. Tradução de Bento Prado Jr.; Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, Coleção Trans, 1992.

_____. **Os Intercessores**. In: *Conversações (1972-1990)*. Tradução Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2008, p. 156.

_____. **Post-Scriptum sobre as Sociedades de Controle**. In: *Conversações (1972-1990)*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992, p. 219-226.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 2**. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995 (Coleção TRANS). Arquivo online, acessado em 25/06/2013: <http://escolanomade.org/pensadores-textos-e-videos/deleuze-gilles/mil-platos>

_____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 3**. Tradução de Aurélio Guerra Neto et alii. — Rio de Janeiro: Ed. 34, Coleção Trans, 1996.

_____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 4**. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 176p., Coleção Trans, 1997.

_____. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. Lisboa: Assírio & Alvim, s.d. [Edição original em francês: 1972].

MACHADO, L D. **À flor da pele: subjetividade, clínica e cinema no contemporâneo**. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2010.

FOUCAULT, M. **A Hermenêutica do Sujeito: curso dado no College de France (1981-1982)**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

_____. **A Verdade e as formas jurídicas**. Tradução: Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Morais. Supervisão final do texto: Lea Porto de Abreu Novaes... et al. J. Rio de Janeiro: Nau Editora, 160 p, 2003.

_____. **Ética, sexualidade, política**. Organização e distribuição de textos: Manuel Barros da Motta; tradução Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. 2ª edição. Rio de Janeiro (Ditos e Escritos V): Ed. Forense Universitária, 2006.

_____. **História da Sexualidade 3: O cuidado de si**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque; revisão técnica de José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1985.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1979.

_____. **Nascimento da Biopolítica**. Curso no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2008.

_____. **O corpo utópico, as heterotopias**. Lê corps utopique, les hétérotopies. Edição bilíngüe: Transcultural Amazonas, 2013, 112p.

_____. **O Nascimento da Clínica**. Rio de Janeiro: *Forense Universitária*, 1994.

_____. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis: Ed. Vozes, 1987.

GIL, J. **O Devir-Eu de Fernando Pessoa**. Lisboa: Relógio d'Água, 2010.

GUATTARI, F. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Ed. 34, Coleção Trans, 208p., 1992.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2011.

GUARIDO, Renata. **A medicalização do sofrimento psíquico: considerações sobre o discurso psiquiátrico e seus efeitos na Educação**. Educ. Pesqui. [online]. 2007, vol.33, n.1, pp. 151-161.

KASTRUP, V. **A aprendizagem da atenção na cognição inventiva**. Psicologia & Sociedade, 16 (3), p. 7-16, set./dez, 2004.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?**. São Paulo: Ed. 34, 1996.

LIMA, S. M. e MINAYO-GOMEZ, C. **Modos de subjetivação na condição de aprendiz: embates atuais**. História, Ciências, Saúde — Manguinhos, vol. 10(3): 931-53, set.-dez. 2003.

LOURAU, R. **Análise institucional e práticas de pesquisa**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1993.

MARTINS, A. **Religiões e tecnologias médicas, soluções mágicas contemporâneas: uma análise a partir de Spinoza, Nietzsche e Winnicott**. In: Barros, J. A. C. *Os fármacos na atualidade: antigos e novos desafios*, Brasília: Anvisa, 2008, p. 87-109.

MOYSÉS, M. A. A. **A Institucionalização Invisível: Crianças que não-aprendem-na-escola**. Campinas, SP: Mercado de letras, São Paulo: Fapesp, 2001.

NEVES, C. A. B. **Gilles Deleuze e Política: Interferências nos modos de se estar nos verbos da vida**. In: Tedesco, S; Nascimento, M. L. *Ética e Subjetividade: Novos impasses no Contemporâneo*. Porto Alegre: Sulinas, 2009. p.192-213.

NEVES, C. A. B.; RAUTER, C.; PASSOS, E.; EIRADO, A. et. al. **Teorias e Práticas Psicológicas em Instituições Públicas**. In: *Cadernos de Subjetividade*. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade no Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC/SP, n.4, 1996.

NIETZSCHE, F. **Ecce Homo: Como se chega a ser o que se é**. Universidade da Beira Interior: Covilhã, 2008.

_____. **Genealogia da Moral**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

_____. **Humano, demasiado humano**. ISBN 968-15-0204-3. Traducción Jaime Gonzáles. Transcripción Yasin Zeballos: Editores Mexicanos Unidos, febrero, 1986, 5a edición.

_____. **Sobre Verdade e Mentira no Sentido Extra-Moral**. Trad: Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural. 1983.

PESSOA, F. A Demonstração do Indemonstrável. Lisboa: Ed. Ática, 2011.

_____[Bernardo Soares]. **Livro do Desassossego**. Seleção e Introdução de Leyla Perrone-Moisés: Editora Brasiliense, 1986, 2ª edição.

_____[Bernardo Soares]. **Livro do Desassossego: composto por Bernardo Soares, um ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa**. Organização Richard Zenith. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. **Poemas: Fernando Pessoa**. Seleção e introdução de Cleonice Berardinelli. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s/d. Poesia de todos os tempos [1888-1935].

_____. **Poemas de Álvaro de Campos: Fernando Pessoa**. Edição, apresentação, introdução e notas Cleonice Berardinelli. Ed. Especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012 [1888-1935].

_____[Álvaro de Campos]. **Apontamentos para uma estética não-aristotélica**. 1ª publ. In: *Athena*, nº 3 e 4. Lisboa: Dez.-Jan. 1924-25. Fonte: <http://arquivopessoa.net/textos/672>

ROCHA, M. L.; AGUIAR, K. F. **Entreatos: percursos e construções da psicologia na rede pública de ensino**. In: Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia, Rio de Janeiro, UERJ, Ano 10, n. 1, p. 68-84, 2010.

ROCHA, M. L.; AGUIAR, K. F. **Pesquisa-Intervenção e a Produção de Novas Análises**. In: Psicologia Ciência e Profissão, Brasília, CFP, v. 2003, n. ano 23, p. 25-33, 2003.

ROLNIK S. **Cartografia sentimental: Transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo: Ed. Estação Liberdade, 1989.

SANT'ANNA, D. B. de. **Transformações do corpo: controle de si e uso dos prazeres**. In: **Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzscheanas**. Org. Margareth Rago, Luiz B. Lacerda Orlandi, Alfredo Veiga-Neto. Rio de Janeiro: Ed. DP&A, 2002.

SPINOZA, B. de. **Ética**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica. 2008.

SILVA, R. N. da. **A dobra deleuziana: políticas de subjetivação**. Revista do Departamento de Psicologia, UFF, Niterói, v. 16, n. 1, p. 55-75, 2004. Acessado em 04/07/2013: <http://www.uff.br/ichf/publicacoes/revista-psi-artigos/2004-1-Cap4.pdf>

SOUZA, A. V. M. de. **Marcas de diferença: subjetividade e devir na formação de professores**. Rio de Janeiro: E-papers, 2007, p. 44-65.

TARDE, G. **Os Possíveis**. In *Monadologia e sociologia*. Tradução de T. S. Themudo. Petrópolis: Ed. Vozes, 2003.

Algumas poesias anexas

29/08/2014

Dispara lá, um movimento que recorta. Olha lá!

Recorta o passado, frisado, plasmado,
Mudo, curvo, retorna à dobra do que fora achado.

Debruço, recolho, debulho,
Transborda tudo – o que for! – acumulado.

...

Criança faz arte no jardim.
Colhe, de braços no gramado,
as flores curvas, que vejo pela janela turva
de vidro que, enfim, quebro.

Extravaso por toda parte.
Não bate mais água do céu no vidro que separa criança e eu.

**

12/09/2012

Em mim, tenho habitado terras estrangeiras.
Perambulo, entranhada em movimento,
Por lá e cá, entre cá e lá.

Lá e cá, no movimento,
Entre um habitar-perambular,
Terras estrangeiras tem entranhas em mim.

Estrangeiras em mim,
As terras de lá entranham movimentos cá.
Habita-me o estranho e perambula,
Entre mim e o que é terra,
O movimento de lá pra cá.

Estranhar-se é ser estrangeiro de cá pra lá.
Desentranhar o que era terra,
Perambular o entre,
Habitar em mim o movimento.

**

25/09/2012, para Amandinha

Despreparo-me.
Se um dia achei
Que tempo fosse soma
Me enganei:
Multiplico-me.

As pessoas medem seus passos, seus sentidos...
Eu me perco

E me surpreendo

Meu namorado vive dizendo
Que me falta memória...

Diz e ri, como quem acha graça,
E eu respondo, como quem vê graça,
por ser criança,

Que gosto de novidade
tal qual minha afilhada
de oito anos de idade
Que olha pra mim e fantasia
Quando narro uma lenda
Repetida
Ou quando invento uma magia
Pra sonhar.

E depois, como quem sabe viver,
Sentamos, as duas, no chão,
Sujamos a roupa, as mãos
E o que mais houver
E nos basta.

(Gosto daqueles pincéis mal lavados
Que, grudados de tinta óleo e acrílica
Misturadas,
Estão lá no armário desarrumados.)

Despreparo-me.
Trago o coração sujo dessas todas tintas
E vivo em meio aos rabiscos.
Esqueço, pelo prazer de repetir.
Para multiplicar sentidos,
Repito-me.

**

28/09/2012

Le fotografie (As fotos)

Le fotografie... (As fotos)
Le scelgo adesso (As escolho agora)
Qualcosa di diverso mi è successo (Alguma coisa diferente me aconteceu)
Non sarò mai lo stesso (Não serei nunca o mesmo)

Le fotografie (As fotos)
Che servono per registrare (Que servem para registrar)
Quello che ho visto, quello che ho vissuto (Aquilo que vi, aquilo que vivi)
Anche se non ci vado mai dimenticare (Mesmo que nunca vá esquecer)
(Ma ero un corpo che non sapeva più parlare) (Mas eu era um corpo que não sabia mais falar)

Non sò dire quando ci ritornerò (Não sei dizer quando voltarei)
Però già mi fa mancanza (Mas já me faz falta)
penso che sia impossibile (penso que seja impossível)
rimanere in lontananza (ficar à distância)
Non resterò... (não sossegarei)

forse sia (talvez seja)
una forza inespiegabile (uma força inexplicável)

che costruisce un corpo-sogno, sogno-corpo (que constrói um corpo-sonho, sonho-corpo)
o qualcos'altra d'improbabile (ou qualquer outra coisa improvável)

una forza di non saper respirare, (uma força de não saber respirar)
una pioggia dentro me, (uma chuva dentro de mim)
un silenzio d'impazzire (um silêncio de enlouquecer)
di far morire (de fazer morrer)
di non sapere cos'è. (de não saber o que é)

Non sentire cos'è dentro (não sentir o que é dentro)
perché è fuori, (porque é fora),
è fuoco, (é fogo)
è freddo, (é frio)
è altro. (é outro)

Non saper dire niente, (não saber dizer nada)
perché è poco, (porque é pouco)
è troppo, (é muito)
il corpo è rotto, (o corpo é fragmentado)
sogno-fatto (sonho realizado).

Essere altro sotto la magia (Ser outro sob a magia)
Qualcosa che nella fotografia (qualquer coisa que na fotografia)
sia solo (seja apenas)
Nostalgia... (nostalgia)

Non lo sò bene spiegare... (não sem bem explicar)

**

10/10/2012

Paradoxo

Na sola do pé vibram os sinais:
Penso por espasmos,
Por entre os dedos contraídos
Vibram sinais de sarcasmos.

Não sei o que me digo
No vazio é que me sou
Talvez sinta silêncios-abrigos
Talvez sinta o que não me restou.

Sei que se estou, respondo
Na presença, não me acomodo
Que me venha a tal moral
Que eu a domo ou a mordo.

**

10/10/2012

Coisas e fugas,
Rimas e suas rugas,
Contornos e curvas,
Tortuosidades turvas:

Uso as rimas como quem brinca,
Propositalmente num ritmo chato
Posto que somente repetindo

É que se pode inovar, de fato.

Escrevemos, sempre, por linhas tortas
E por isso somos deuses:
No Olimpo, no Pantheon, nos museus.

É para o que servem as idéias
Que, caladas ou berradas,
Só contradizem as Medeias
Em nós ensimesmadas.

...Coisas prontas do nada
Que às vezes me vem
E só o que elas tem
É vontade de sair
ou persistir
ou não sei bem.

**

24/10/2012

Delgado, enlaçado no quarto
Reprime os gritos
Constrange o tempo
Delgado, enlaçado ao vento
Grunhe de dor que não se escuta,
Enruga o corpo em formato de feto
Expurga o gosto do amargo afeto
Afoito, agonizante mosquito

Sangue gruda na parede.

**

24/10/2012

Não sirvo a Deus nem Deus me serve.
Servir é da ordem da escravidão
Não faço laço de vassalagem com a religião.

Escravos da transcendência,
Abandonam-se por esperar
Se me lanço, é na imanência:
A vida se cria no diferenciar.

**

10/12/2012, *transbordando afetos*

Distância

Corpo em embate
Rebate
Corpo pronto pro abate

Remorso encarnado
Na carne dura e ausente
Corroendo o que vê
Sem ser
presente

Distância do quê?
 Melhor nem saber...
 (é doído conviver
 com a dor
 e perder)

Melhor não saber
 Nem sentir
 (pra sobreviver?)

**

10/12/2012, *transbordar noturno*

Insuficiente

Escrever é dar suporte
 Ao que não se encaixa na fala

Desdizer o grunido do inferno.
 Desgrunir.

Algum fogo há que servir.
 Escrever é des-servir, talvez.

**

10/12/2012, *transbordar noturno*

Volto a escrever como quem volta a respirar
 Escrever sobre o ar quando perde o ar

(Pouso os dedos nas letras,
 Na ironia da escrita contemporânea
 Sem contatos, mas por toques)

Escrevo como quem tem tiques.
 Tiques me escrevem como quem me possui.

**

10/12/2012, *transbordar noturno*

Prosa poética de fim de noite apalavrada

Convoco Pessoa a fechar minha noite com doçura e algum desassossego.
 Encosto a cabeça, em laço, nos braços cruzados sobre o travesseiro.
 Travesso, o sangue circula e não desmente: o que a pele sente é calor, entre os corpos em sintonias
 avessas.

Viver, ao outrar-se, é desapegar das palavras sólidas e remendar as transparências.
 Tem palavras que escapam, em zig zag, zunindo e zombando de quem vem ao lado.
 Mas é preciso ventilar o ego e deixar passar o tufão.
 O que a pele sente é calor ou frio.

**

14/12/2012

É preciso ser leve
 Para se tornar outro
 Desleixar a pele um pouco

É preciso aliviar
Para temperar a dor
Desembrulhar o tom de rigor

Somos aprendizes, porém.
Arriscamos por entre gritos
E discursos de desdém...

Mas é preciso esquecer
Para perseverar em liberdade
Tomar ao avesso essa tal vaidade...

**

24/01/2013

Vovó

Um suspiro pra aliviar
O peso do tempo
Pesa 50 quilos
E mede um metro e quarenta e nove e meio.

Um suspiro para aliviar
E dormir a cabeça que dói
Agora fora do travesseiro.

Suspiro através de palavras.
O único encaminhamento sincero e indolor que posso dar.
O resto, seria pá virada.

**

29/01/2013

La città che non si perde (a cidade que não se perde)

Qualche volta sogno in italiano (Algumas vezes sonho em italiano)
Col pensieri ritornando (Com o pensamento voltando)
A quella Venezia sotto il sole (Àquela Veneza abaixo do sol)
Vista da quella terrazza piena di fiori... (Vista daquele terraço cheio de flores)

La stessa sensazione adesso viene (A mesma sensação agora vem)
Trasformando l'oggettività (Transformando a objetividade)
Di un corpo straniero (De um corpo estrangeiro)
In un'altra sensibilità (Em uma outra sensibilidade)
D'una partenza mais fatta, (De uma partida nunca realizada)
Portando la magia (Levando a magia)
Che se si va, (Que se se vai)
Ci ritorno già. (Para lá volto logo)

Prima di stare sotto l'Adriatico (Antes de estar sob o Adriático)
Vendo da te (Vou a você)
Per 'gondolare' com me (Para gondolar comigo)
Tra i labirinti d'opera e pomodoro. (Entre os labirintos de ópera e tomate)

**

31/01/2013

Migalhas

Na tessitura de difíceis cotidianos,
 É quase impossível não suspirar
 Para fazer correr o ar
 Pesado
 Atenuando os danos...

Mais uma noite na turbina
 Por entre suplícios e degenerações
 Parece tudo perdido na esquina
 Como se fôssemos
 Egóicos canhões.

Lança mão da sorte
 Que de certo te abandona
 Para postergar a morte
 Das relações desintegradas
 Que nos vem à tona
 Com a alma mal lavada
 Jorrando sangue pelos cortes...

Estar prostrado pelo destino
 Porque não vale a pena apelar
 A nenhuma gente mais no abismo.
 Catamos migalhas
 Ao lamentar.

Migalhas restam de uma vida,
 Soltas pelo chão abandonado
 Perdura o amargo suicida
 De um cuidado interpelado
 Que se cala, pois sobrevive
 Sem saber como se porta
 Mas o que será de quem convive
 Sem o aval da gente torta?

(Seguimos catando migalhas,
 Em meio à sobrevida.)

**

09/02/2014

Olho para o presente que vivemos
 E me bate uma solidão absoluta
 Em meio à certeza derradeira
 De que só nos cabe uma conduta:
 A de seguir entre passos e rasteiras.

Sinto tristeza profunda
 Se viro para trás os anos
 E revisito arquivos escritos
 Sobre esquecimentos e seus danos
 Atividades de uma clínica inventada
 Entre uma neta e sua avó:
 Rabiscos de uma mente embaralhada
 Entre caneta e quarto davam nó
 (Jogando tudo para fora do armário
 No desespero de quem sofre só...)

Me consola apenas lembrar
 Que lá estava quem segurasse
 Seu corpo desmontando no ar

Lá estava quem sustentasse
 O lugar de uma cognição arranhada
 Sem que fizesse sentir
 Uma guerrilha abandonada.

Por entre camuflagens e recusas,
 Segue o desatino infiel...
 Quem diria não haver gente
 Para cuidar de quem merece o céu?

...

Escrevo buscando intercessores
 Porque é pouco fabular só
 É preciso criar um povo
 Para subverter a dor.

**

19/03/2013

O desassossego é uma energia que quer fluir. É preciso dar vazão a ela, criar certa superfície de contato com um plano de virtualidades. Acho que é bem por aí...

**

02/05/2013

No Parapeito

Recolher a aspereza da escrita
 Escrever-sobrepôr pensamento
 No rascunho, liberta o senso
 Reconstituo o pensar que transita

Dar vazão ao olhar que perdura
 Afirmando um tempo-demora
 No exercício de tessitura:
 O corpo no encontro com o Fora

**

09/07/2013

Um Brinde à Pessoa

Tenho paixão por um poeta "louco"
 Que inventa nomes e personas tais
 Pudera o mundo, tampouco,
 Haver te desassossegado mais?

No pensamento reverbera encanto
 Encerrado por versos sem chão
 Ora, seria incalculável espanto
 Se tecesse menos que uma multidão.

Cabem nele vidas sem fim

Que persistem no demorar da História
 Muito embora passem por mim
 Implicam na pele a sua memória.

**

18/09/2013, inspiração pós-banca de qualificação do Mestrado

Presente

Param tempos
 Mudam ventos
 Passam lentos

Recortam mundos
 Reiteram vultos
 Relançam curvos

Movimentos.

Torcem gestos
 Tangem certos
 Tocam versos

Reabrem cosmos
 Religam contos
 Refazem corpos

Inversos.

**

18/09/2013, inspiração pós-banca de qualificação do Mestrado.

Julietta

Ah, quem te diria,
 Que quando criança corria
 Pelos campos gradeados,
 Tornar-se-ia
 Efeito de pele e dor

Quem te diria feliz ou triste,
 Pudera ser mais incalculável
 Lapso
 Com a morte em dissabor

Veneno ao chão
 Morte ensangüentada
 Ao lado
 Circula na história
 O tempo não perdido
 O veneno não tomado
 A espada não furada
 O amor não correspondido.

Quem te diria, se pudesse,
 Se assim fosse,
 Impossível
 Senão desavisado.
 Mas foste tu e ele,

Em segredo,
Desvairado.

Não poderia ser,
A não ser,
Desejo
E acaso.
Poderia ser,
Se assim não fosse,
Reinventado.

**

18/09/2013, inspiração pós-banca de qualificação do Mestrado.

Respiro fundo
Curto o cheiro de outro gosto
Paladar afoito.

Sinto superfície
Elaboro o olhar de outra escuta
Audição argüida.

tanto tato,
tanto gosto,
tanta vista,
tanto zunido

Sensível.

**

30/09/2013

Rede interrompida

Sinais de tv fora de ar
Sinais em suas rugas e falas distorcidas
Sina
Desmancha alguns laços vitais
Assoberbados em explanação contínua

Sim, vem o tempo desconectando ramais
Comunicações cada vez perdidas.
Se é hora de recuar, jamais,
Por entre as vidas divididas.

**

04/10/2013

Dignidade
É andar pela rua
a flânerie do cotidiano desvairado
perdido em passos sem rastros
nos restos de um corpo afobado

Habitar o tempo
um variável
no mundo-universo embebido
pois enquanto ventos perduram
a vida mantém-se em abrigo

Escolher a partir de suspiros
 inspirações a toda alvorada
 cantos e cenas de memória estendida
 nos braços tocados

invólucros de vida
 redimensionada.

**

24/10/2013

Novelo

Cuidado do corpo embarçado
 Em desenlace...
 Nós capturados

Tempo ao avesso
 Em revirada...
 De tropeço

Movimento de sentidos
 Em desembrulho...
 Um enrosca-fios

Remexidos,
 Fios,
 Movediços,
 Fios fugidios...
 Re-tessituras, ainda,
 Em espasmos...
 De partida
 De chegada
 De demora
 Em nós,
 De nós,
 Atados e soltos,
 apenas nós.

Gente solta,
 Gente achada,

Rolam as linhas
 Cruzadas
 Em cores
 Em corpos
 Em vias
 Sobrecodificadas.

**

06/11/2013

Tecelagem

Linhas...
 Trama
 Enredo

Laços tênues
Apertados
Apegos

Corpo-extenso
Mistura
Abrigo

Novelos... em tessitura

De tempo
De histórias
Remexidos

Linhas
tênues
Laços
Abraços
Descompassos realinhados
Movimentos comparsas
Contatos
recapilarizados...

**

16/11/2013
Que será?

Rebate o coração pintado
Ao avesso
Rebate cores devagar
Amarra respingos inquietos
Meu coração pendular

Coração-transborda enjaulado
Por gesso
Amolecido por água de mar
Gosto sabido indigesto
Libertado pra algum lugar...

**

16/11/2013, madrugada

Reviro na cama
Eu e os anéis dos cabelos,
Remexo despertos sentidos.
Dormir não convence a escrita como trama.
Os anéis do cabelo e eu embaralhados
Retorcem os fios, as linhas do texto.
Anéis do eu e cabelos
Soltos, misturados no travesseiro
Rearticulam pensamentos espessos.

**

05/12/2013, preguiça de estudar, de “produzir”...

Liberdade (des)assistida

Preguiça
prega corpo
na espinha

prega peso
na demora
prega tempo
no sossego

despreocupa
prega mente
desocupa
prega gente
prega idéia
prega livre

desmoralize.

**

05/02/2014

Fragmentos e poros abertos
Sensíveis...
Atravessamentos táteis,
Corpos invisíveis

**